

Ciências Sociais



SHULAMITH FIRESTONE escreve aos 25 anos o livro mais radical até hoje surgido do movimento revolucionário feminista.

O método é o mesmo que seguiram Marx e Freud: análise e observação detalhadas da experiência comum. Diferenciação social dos sexos, família, amor romântico, sex-appeal feminino, instinto maternal, todos esses considerados os pilares de nossa civilização, são questionados pela autora com argumentos surpreendentes.



SHULAMITH FIRESTONE

# A DIALÉTICA DO SEXO

um estudo de  
estrutura feminista



*Quando refletimos sobre a Natureza em geral, ou sobre a história da humanidade, ou sobre nossa própria atividade intelectual, vemos em primeiro lugar a imagem de um incessante emaranhado de relações e reações, de permutações e combinações, nas quais nada permanece o-quê, onde e como era, mas nas quais tudo se move, toma forma e passa. Vemos portanto em primeiro plano a imagem de um todo, com suas partes ainda mais ou menos mantidas ao fundo; observamos os movimentos, as transições, as conexões, em vez das coisas que se movem e combinam e estão ligadas. Esta concepção do mundo primitivo, naïf, porém intrinsecamente correta, é a mesma da filosofia grega antiga, e foi formulada pela primeira vez com clareza por Heráclito: tudo é e não é, porque tudo é fluido, está constantemente mudando, constantemente tomando forma e passando.*

Friedrich Engels

## ÍNDICE

I. A DIALÉTICA DO SEXO	11
II. FEMINISMO AMERICANO	25
III. FREUDISMO: UM FEMINISMO DESVIRTUADO	55
IV. ABAIXO A INFÂNCIA	87
V. RACISMO: O SEXISMO DA FAMÍLIA DO HOMEM	125
VI. O AMOR	147
VII. A CULTURA DO ROMANCE	169
VIII. CULTURA (MASCULINA)	181
IX. DIALÉTICA SEXUAL DA HISTÓRIA DA CULTURA	197
X. O FEMINISMO NA ERA DA ECOLOGIA	221
CONCLUSÃO: A REVOLUÇÃO DEFINITIVA	233

## I. A DIALÉTICA DO SEXO

As classes sexuais são tão enraizadas, que se tornam invisíveis. A existência dessas classes pode parecer uma desigualdade superficial, facilmente solucionável com algumas reformas, ou talvez com a integração plena das mulheres na força de trabalho. Mas a reação do homem, da mulher e da criança comum — “O quê? Ora, não se pode mudar *isto!* Você deve estar louco!” — está mais próxima da verdade. Falamos de algumas coisas tão profundas quanto esta. Essa reação instintiva é honesta, pois mesmo quando o ignoram, as feministas falam de uma mudança na condição biológica básica. O fato de que uma mudança tão profunda não possa se ajustar em categorias tradicionais de pensamento, p.e., o “político”, ocorre não porque essas categorias não se usem, mas porque não são suficientemente amplas: um feminismo radical as perpassa. Se houvesse um outro termo mais abrangente, do que *revolução*, nós o usaríamos.

Até que fosse atingido um certo nível de evolução e que a tecnologia chegasse à sofisticação atual, questionar condições biológicas básicas era loucura. Por que deveria uma mulher trocar seu precioso lugar no curral, por uma luta sangrenta e sem esperança? Entretanto, pela primeira vez em alguns países, as pré-condições para a revolução feminista existem — na verdade, a situação começa a *exigir* essa revolução.

As primeiras mulheres estão conseguindo escapar ao massacre, e, inseguras e vacilantes, começam a descobrir-se umas às outras. Seu primeiro passo é uma observação cuidadosa, em conjunto, para ressensibilizar uma consciência partida. Isto é penoso. Não importa quantos níveis de consciência sejam atingidos, o problema sempre se aprofunda. Ele se acha em todo lugar. A divisão Yin e Yang penetra toda a cultura, a história, a economia, e a própria natureza; as versões ocidentais modernas da discriminação sexual integram apenas o substrato mais superficial e recente. Intensificar assim nossa sensibilidade em relação ao sexismo traz problemas muito piores do que os que a nova consciência do racismo trouxe para os militares negros. As feministas têm que questionar não só toda a cultura *ocidental*, como a própria organização da cultura, e, mais, até a própria organização da natureza. Muitas mulheres desistem, desesperadas. Se é *necessário* ir tão longe, elas preferem desconhecer o assunto. Outras continuam fortalecendo e expandindo o movimento, sua dolorosa sensibilidade em relação à opressão da mulher existe com um único propósito: eliminá-la finalmente.

Contudo, antes que possamos agir para mudar a situação, precisamos saber como ela surgiu e evoluiu, e através de que instituições ela opera hoje. Citando Engels: “[Devemos] examinar a sucessão dos fatos, a partir dos quais o antagonismo brotou, de modo a descobrir, nas condições assim criadas, os meios de pôr fim ao conflito.” Para a revolução feminista, precisamos de uma análise da dinâmica da guerra dos sexos tão completa quanto para a revolução econômica foi a análise de Marx e Engels sobre o antagonismo das classes. Mais completa ainda. Porque lidamos com um problema mais amplo, com uma opressão que remonta além da história escrita, até o próprio reino animal.

Ao criar esta análise, podemos recorrer ao *método* analítico de Marx e Engels, mas não a suas opiniões sobre as mulheres — eles não sabiam quase nada sobre a condição das mulheres enquanto classe oprimida, reconhecendo-a somente quando isso coincidia com a economia.

Marx e Engels superaram seus precursores socialistas, porque desenvolveram um método de análise ao mesmo tempo *dialética* e *materialista*. Os primeiros a compreender a História dialeticamente, viram o mundo como um processo, como um fluxo natural de ação e reação, de elementos opostos, porém inseparáveis e interpenetrantes. Por terem sido capazes de perceber a História mais como um filme do que como fotos instantâneas, tentaram evitar cair na visão “metafísica” estagnada, que aprisionou tantas outras grandes mentes. Até mesmo este tipo de análise pode ser um produto da divisão sexual, como discutiremos no Capítulo 9. Combinaram esta visão da interação dinâmica das forças históricas com uma visão materialista, i.e., tentaram pela primeira vez dar uma base real à mudança histórica e cultural, traçar o desenvolvimento das classes econômicas, a partir de causas orgânicas. Compreendendo integralmente os mecanismos da História, esperavam mostrar ao homem como dominá-la.

Os pensadores socialistas anteriores a Marx e Engels, como Fourier, Owen e Bebel, não foram capazes de fazer mais do que interpretar moralmente as desigualdades sociais existentes, postulando um mundo ideal, onde os privilégios de classe e a exploração não deveriam existir, simplesmente graças à boa vontade, do mesmo modo como as primeiras pensadoras feministas postularam um mundo onde o privilégio do homem e a exploração não deveriam existir, simplesmente graças à boa vontade. Em ambos os casos — por não terem os pensadores primitivos compreendido realmente como a injustiça social tinha evoluído, mantido a si mesma, ou poderia ser eliminada — suas idéias caíram num vazio cultural, utópico. Marx e Engels, por outro lado, tentaram um enfoque científico da História. Trouxeram o conflito das classes às suas origens econômicas reais, projetando uma solução econômica, baseada em pré-condições econômicas já existentes: a tomada dos meios de produção pelo proletariado levaria a um comunismo, onde o governo se retrairia, não precisando mais reprimir a classe baixa em benefício da classe mais alta. Na sociedade sem classe, os interesses

de todos os indivíduos seriam sinônimos dos da sociedade.

Mas a doutrina do materialismo histórico, por mais que tenha representado um avanço significativo em relação à análise histórica anterior, não foi a resposta completa, como os fatos posteriores o confirmaram. Porque, apesar de Marx e Engels fundamentarem sua teoria na realidade, era ela apenas uma realidade *parcial*. Esta é a definição estritamente econômica do materialismo histórico, tirada de *Socialismo: Utópico ou Científico*, de Engels:

“O materialismo histórico é aquela visão do curso da História que busca a causa *última* e a grande energia móvel de todos os fatos históricos no desenvolvimento *econômico* da sociedade, nas mudanças dos modos de produção e troca, na conseqüente divisão da sociedade em classes distintas, e nas lutas entre essas classes.” (Grifos da autora)

Mais adiante, ele afirma:

“... que toda a história do passado, com exceção dos estágios primitivos, foi a história de lutas de classes; que essas classes conflitantes da sociedade são sempre os resultados dos modos de produção e troca — numa palavra, das condições econômicas de sua época; que a estrutura *econômica* da sociedade sempre fornece a base real, exclusivamente a partir da qual podemos formular tanto a explicação *última* de toda a superestrutura das instituições políticas e jurídicas, quanto a das idéias religiosas, filosóficas e demais idéias de um período histórico dado.” (Grifos da autora).

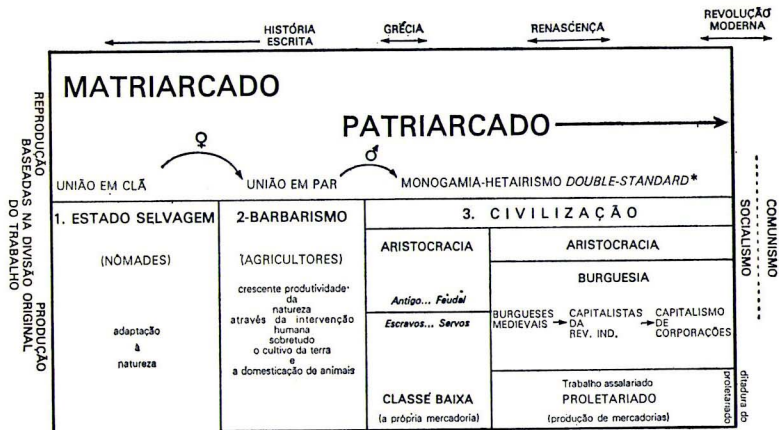
Seria um erro tentar explicar a opressão das mulheres, a partir desta interpretação estritamente econômica. A análise de classes é um belo instrumento de trabalho, mas é limitada. Apesar de correta num sentido linear, ela não se aprofunda o suficiente. Há todo um substrato sexual da dialética histórica que Engels algumas vezes percebe obscuramente. Mas, por ver a sexualidade somente através de um filtro econômico, reduzindo tudo a isto, não é capaz de avaliá-la por si mesma.

Engels observou que a divisão original do trabalho entre o homem e a mulher estabeleceu-se para fins de reprodução; que dentro da família o homem era o proprietário, a mulher os meios de produção, o filho o trabalhador, e que a reprodução da espécie humana era um sistema econômico importante, distinto dos meios de produção.\*<sup>1</sup>

Mas Engels deu crédito demais a esses reconhecimentos dispersos da opressão das mulheres como uma classe. Na verdade, só admitiu o sistema sexual de classes quanto ele se sobrepunha ou iluminava sua estrutura econômica. Engels não foi bem sucedido nesse aspecto. Contudo, Marx foi pior. Há um reconhecimento crescente

\* Ver N.T. à página 260. (N.T.)

1. A correlação que ele estabelece na *Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* entre o interdesenvolvimento desses dois sistemas numa escala de tempo deve ser interpretada como se segue:



dos preconceitos de Marx com relação às mulheres (um preconceito cultural partilhado por Freud, bem como por todos os homens de cultura), perigoso, se tentarmos forçar o feminismo a entrar numa estrutura marxista ortodoxa — congelando em dogmas o que eram apenas *insights* incidentais de Marx e Engels sobre as classes sexuais. Em vez disso, precisamos ampliar o materialismo histórico para *incluir* o que é estritamente marxista, do mesmo modo como a física da relatividade não invalidou a física newtoniana, apenas traçou um círculo a sua volta, limitando sua aplicação — por comparação apenas — a uma esfera menor. Pois um diagnóstico econômico que remonta à propriedade dos meios de produção, e até dos meios de reprodução, não explica tudo. Existe um nível da realidade que não deriva diretamente da economia.

A suposição de que, antes de ser econômica, a realidade é psicosexual, é geralmente acusada de aistórica pelos que aceitam uma visão materialista dialética da História, porque ela parece nos situar antes do ponto em que Marx começou: tateando através de um nevoeiro de hipóteses utópicas, de sistemas filosóficos que podem ser certos ou errados (não há como dizer), sistemas que explicam desenvolvimentos históricos concretos por categorias *a priori* de pensamento. O materialismo histórico, ao contrário, tentou explicar o “conhecer” pelo “ser”, e não vice-versa.

Mas existe uma terceira alternativa ainda não tentada; podemos desenvolver uma visão materialista da História, baseada no próprio sexo.

As primeiras teóricas feministas foram, para uma visão materialista do sexo, o que Fourier, Bebel e Owen foram para uma visão materialista das classes. De modo geral, a teoria feminista tem sido tão inadequada quanto as primeiras tentativas feministas de corrigir o sexismo. Era de esperar que isso ocorresse. O problema é tão vasto que, na primeira tentativa, só a superfície poderia ser examinada, descrevendo-se apenas as desigualdades mais gritantes. Simone de Beauvoir foi a única que chegou perto de uma análise definitiva — que talvez a tenha realizado. Sua penetrante obra *O Segundo Sexo* — que

apareceu recentemente, no início da década de cinquenta, para um mundo convencido de que o feminismo estava morto — pela primeira vez tentou assentar o feminismo em bases históricas. De todas as teóricas feministas, Simone de Beauvoir é a mais completa e abrangente, ao relacionar o feminismo com as melhores idéias da nossa cultura.

Pode ser que esta virtude também seja seu único defeito. Ela é quase que sofisticada demais, culta demais. Onde isto se torna uma deficiência — o que certamente é ainda discutível — é na sua interpretação rigidamente existencialista do feminismo (perguntamo-nos o quanto Sartre teve que ver com isso). E fazemos isso em vista do fato de que todos os sistemas culturais, inclusive o existencialismo, são eles próprios determinados pelo dualismo sexual. Diz ela:

“O homem nunca pensa sobre si mesmo sem pensar no Outro; ele vê o mundo sob o signo da dualidade, *que não é, em primeira instância, de caráter sexual*. Mas, sendo diferente do homem, que se constrói como Mesmo, é certamente à categoria do Outro que a mulher pertence; o Outro inclui a mulher. (Grifos da autora.)

Talvez ela tenha ido longe demais. Por que postular como explicação final o conceito básico hegeliano da alteridade, e então cuidadosamente documentar as circunstâncias biológicas e históricas que empurraram a classe das “mulheres” em tal categoria, sem levar em conta uma possibilidade muito mais simples e mais provável, ou seja, que o dualismo básico brotava do próprio sexo? Não é necessário postular categorias *a priori* do pensamento e da existência — como alteridade, transcendência, imanência — nas quais a História passa então a ser moldada. Marx e Engels descobriram que essas próprias categorias filosóficas originavam-se da História.

Antes de admitir essas categorias, tentemos primeiro desenvolver uma análise, na qual a própria biologia — a procriação — se encontra na base do dualismo. A suposição imediata do leigo, de que a divisão desigual dos sexos é “natural”, pode ser bem fundada. Nós não precisamos, de imediato, enxergar além disso. Ao contrário

das classes econômicas, as classes sexuais brotaram diretamente de uma realidade biológica: os homens e as mulheres foram criados diferentes, e não igualmente privilegiados. Contudo, como Simone de Beauvoir salientou, essa diferença propriamente dita não necessitou do mesmo desenvolvimento de um sistema de classes — a dominação de um grupo por outro — de que necessitaram as *funções* reprodutoras dessas diferenças. A família biológica é um poder de distribuição inerentemente desigual. A necessidade do poder que leva ao desenvolvimento de classes origina-se da formação psicosexual de cada indivíduo, de acordo com este desequilíbrio básico, e não, como Freud, Norman O. Brown e outros postularam — mais uma vez se excedendo — de um conflito irredutível da Vida contra a Morte, de Eros versus Tânatos.

A *família biológica* — a unidade básica de reprodução homem/mulher/criança, em qualquer forma de organização social — se caracteriza por estes fatos, se não imutáveis, pelo menos fundamentais:

1) que as mulheres, através de toda a História, antes do advento do controle da natalidade, estavam à mercê constante de sua biologia — menstruação, menopausa, e “males femininos”, de contínuos partos dolorosos, amamentação e cuidado com as crianças, todos os quais fizeram-nas dependentes dos homens (seja irmão, pai, marido, amante, ou clã, governo, comunidade em geral) para a sobrevivência física.

2) que os filhos do homem exigem um tempo ainda maior para crescer do que os dos animais, sendo portanto indefesos e, pelo menos por um pequeno período, dependentes dos adultos para a sobrevivência física.

3) que a interdependência básica mãe/filho existiu de alguma forma em todas as sociedades, passadas ou presentes, e conseqüentemente moldou a psicologia de toda mulher madura e de toda criança.

4) que a diferença natural da reprodução entre os sexos levou diretamente à primeira divisão de trabalho baseada no sexo, que está nas origens de toda divisão posterior em classes econômicas e culturais e possivelmente se encontra ainda na raiz de todas as castas (dis-

criminação baseada no sexo e outras características biologicamente determinadas, como a raça, a idade, etc.).

Estas contingências biológicas da família humana não podem ser entendidas como sofismas antropológicos. Qualquer um que observe os animais cruzando, reproduzindo-se e cuidando de seus filhotes terá dificuldade em aceitar a linha da “relatividade cultural”. Porque, não importa quantas tribos se possam encontrar na Oceania nas quais a conexão do pai com a fertilidade seja desconhecida, não importa quantos matrilinearizados, quantos casos de inversão do papel sexual, de homens assumindo afazeres domésticos, ou de dores do parto empáticas, fatos que provam somente uma coisa: a surpreendente flexibilidade na natureza humana. Mas a natureza humana é adaptável a alguma coisa, i.e., determinada, sim, por suas condições ambientais. E a família biológica que nós descrevemos existiu em todos os lugares através dos tempos. Mesmo nos matriarcados onde a fertilidade da mulher é cultuada e o papel do pai é desconhecido ou sem importância, embora talvez não o pai genético, existe ainda alguma dependência da mulher e da criança com relação ao homem. E, apesar de ser verdade que o núcleo familiar é apenas um desenvolvimento recente, o qual, como tentarei mostrar, apenas intensifica os castigos psicológicos da família biológica, apesar de ser verdade que através da História houve muitas variações nesta família biológica, as contingências que descrevi existiram em todas elas, gerando distorções psicosexuais específicas na personalidade humana.

Mas, admitir que o desequilíbrio sexual do poder está baseado biologicamente, não significa perder nossa causa. Nós não somos mais animais há muito tempo. E o Reino da Natureza não reina absolutamente. Como a própria Simone de Beauvoir diz:

“A teoria do materialismo histórico revelou algumas verdades importantes. A humanidade não é uma espécie animal; é uma realidade histórica. A sociedade humana é uma *anti-physis* — no sentido de que ela é contra a natureza; ela não se submete passivamente à presença da natureza, mas antes



assume o controle da natureza em seu próprio benefício. Essa usurpação não é uma operação interna, subjetiva; ela é realizada objetivamente na prática.”

Assim, o “natural” não é necessariamente um valor “humano”. A humanidade começou a superar a natureza. Não podemos mais justificar a conservação do sistema discriminatório de classes sexuais, sob o pretexto de que se originou na natureza. Parece que, exclusivamente por causas pragmáticas, nós precisamos, na verdade, nos desfazer dele (ver o Capítulo 10).

O problema se torna político, exigindo mais do que uma análise histórica abrangente, pois nos damos conta de que, apesar do homem ser cada vez mais capaz de libertar-se das condições biológicas que criaram a tirania dele sobre as mulheres e crianças, ele tem poucas razões para renunciar a essa tirania. Como Engels diz, no contexto da revolução econômica:

“O que se encontra na base da divisão de classes é a lei da divisão do trabalho.” [Note-se que esta própria divisão originou-se de uma divisão biológica básica.] “Mas isto não impede a classe dominante, uma vez predominando, de consolidar o poder, à custa da classe trabalhadora, de transformar sua liderança social numa intensificada exploração das massas.”

Apesar de o sistema de classes sexuais ter-se originado em condições biológicas básicas, isto não garante que, uma vez tendo sido varridas as bases biológicas de sua opressão, as mulheres serão livres. Ao contrário, a nova tecnologia, especialmente o controle da fertilidade, pode ser usada contra elas, para reforçar o sistema de exploração estabelecido.

De modo que, assim como para assegurar a eliminação das classes econômicas, é preciso a revolta da classe baixa (o proletariado) e, numa ditadura temporária, a tomada dos meios de produção, assim também, para assegurar a eliminação das classes sexuais, é preciso a revolta da classe baixa (as mulheres) e a tomada do controle da reprodução: a restituição às mulheres da propriedade

de seus próprios corpos, bem como do controle feminino da fertilidade humana, incluindo tanto a nova tecnologia quanto todas as instituições sociais da nutrição e da educação das crianças. E, assim como a meta final da revolução socialista não era apenas a eliminação do *privilegio* da classe econômica, mas também da própria *distinção* da classe econômica, assim também a meta final da revolução feminista deve ser, ao contrário da meta do primeiro movimento feminista, não apenas a eliminação do *privilegio* do homem, mas também da própria *distinção* sexual: as diferenças genitais não mais significariam culturalmente. (Uma volta a uma *pansexualidade* livre — a “perversão polimorfa” de Freud — provavelmente substituiria a hetero, a homo e a bissexualidade.) A reprodução da espécie por um sexo em benefício dos dois seria substituída pela reprodução artificial (ou pelo menos por uma opção entre as espécies): a forma do nascimento das crianças seria idêntica para o homem e a mulher, ou então, encarando-se de um outro ponto de vista, ambos se sentiriam independentes em relação ao nascimento; a dependência que a criança tem da mãe (e vice-versa) daria lugar a uma dependência muito reduzida de um pequeno grupo mais genérico, e qualquer vestígio de inferioridade com relação aos adultos referente à força física seria compensado culturalmente. A divisão do trabalho acabaria junto com a eliminação total do trabalho (cibernética). A tirania da família biológica seria quebrada.

E, com isto, a psicologia do poder. Como Engels reivindicou para a revolução rigorosamente socialista:

“A existência não simplesmente dessa ou daquela classe dominante, mas de qualquer classe dominante, terá se tornado um anacronismo obsoleto.”

O fato de o socialismo nunca ter chegado ao ponto de realizar esse objetivo declarado não é consequência de pré-condições econômicas não realizadas ou falhas, mas também de que a própria análise marxista foi insuficiente: ela não pesquisou suficientemente fundo as raízes psicosexuais das classes. Marx estava ciente de alguma coisa

mais profunda do que ele conhecia quando observou que a família continha dentro de si mesma em miniatura todos os antagonismos que mais tarde se desenvolvem em larga escala dentro da sociedade e do estado. Porque, a não ser que a revolução transtorne a organização social básica e a família biológica — o germe da exploração nunca será aniquilado. Precisamos de uma revolução sexual mais ampla do que revolução socialista — que a inclua — para verdadeiramente erradicar todos os sistemas de classes.

Tentamos conduzir a análise de classe um passo à frente, na direção de suas raízes na divisão biológica dos sexos. Não dispensamos os *insights* dos socialistas; ao contrário, o feminismo radical amplia suas análises, dando a elas uma base ainda mais profunda em condições objetivas, explicando com isso muitas das suas questões insolúveis. Como fundamento de nossa própria análise, devemos expandir a definição do materialismo histórico de Engels. A seguir a definição já citada anteriormente, reescrita de modo a incluir a divisão biológica dos sexos, em função da reprodução, que se encontra na ordem das classes:

“O materialismo histórico é aquela visão do curso da História que busca a causa última e a grande energia móvel de todos os fatos históricos na dialética do sexo: a divisão da sociedade em duas classes biológicas distintas, em função da procriação, e as lutas dessas classes entre si; nas mudanças dos modos de casamento, reprodução e educação das crianças; no desenvolvimento análogo de outras classes [castas] fisicamente diferenciadas; e na primeira divisão do trabalho baseada no sexo, que se desenvolveu no sistema econômico de classes.”

A seguir, a superestrutura cultural, bem como a econômica, que não se reportam apenas às classes (econômicas), mas sim a toda a problemática do sexo:

“Toda a história do passado [observe-se que agora podemos eliminar “com exceção dos estágios primitivos”] foi a história de lutas de classes. Essas classes conflitantes da socie-

dade são sempre o produto de modos de organização da unidade da família biológica, em função da reprodução da espécie, bem como dos modos de produção e troca de bens e serviços estritamente econômicos. A organização sexual reprodutora da sociedade sempre fornece a base real, exclusivamente a partir da qual podemos formular a explicação última de toda a superestrutura das instituições econômicas, jurídicas e demais idéias de um período histórico dado.”

E agora a visão de Engels dos resultados da aplicação de um enfoque materialista à História fica mais realista:

“A esfera total das condições de vida que rodeiam o homem e que até agora o regeram passa para o domínio e o controle do homem, que pela primeira vez se torna o verdadeiro e consciente Senhor da Natureza, dono de sua própria organização social.”

Nos capítulos seguintes analisaremos esta definição do materialismo histórico, examinando as instituições culturais que mantêm e reforçam a família biológica (especialmente sua manifestação atual, a família nuclear) e seu resultado, a psicologia do poder, um chauvinismo agressivo, hoje desenvolvido a ponto de nos destruir. Integramos isto com uma análise feminista do freudismo: porque o preconceito cultural de Freud, tanto quanto o de Marx e Engels, não invalida inteiramente sua percepção. Na verdade, Freud teve *insights* de valor até maior do que os dos teóricos socialistas, pela construção de um novo materialismo dialético, baseado no sexo. Tentaremos, então, correlacionar o melhor de Engels a Marx (o enfoque materialista histórico) com o melhor de Freud (a compreensão do interior do homem e da mulher e do que os forma) para chegar a uma solução ao mesmo tempo política e pessoal, baseada contudo em condições reais. Veremos que Freud observou corretamente a dinâmica da psicologia, no seu contexto social imediato, mas, pelo fato da estrutura fundamental desse contexto social ser básica para toda a humanidade — em diferentes graus — ela aparentava ser nada menos do que uma condição existencial absoluta, que seria insensato questionar. Ela forçou Freud e muitos

de seus seguidores a postular construtos *a priori*, como o Desejo de Morte, para explicar as origens desses impulsos psicológicos universais. Isto, por sua vez, tornou as doenças da humanidade irreduzíveis e incuráveis — motivo pelo qual a solução por ele proposta (a terapia psicanalítica), uma contradição em termos, foi tão pobre, comparada com o resto de seu trabalho, e um fracasso tão retumbante na prática — levando os que tinham alguma sensibilidade social e política a rejeitar não só sua solução terapêutica, como também suas descobertas mais profundas.

## II. FEMINISMO AMERICANO

Na visão radical feminista, o novo feminismo não representa somente o reviver de um movimento político sério pela igualdade social. Ele é o segundo fluxo da revolução mais importante havida na História. Seu objetivo: a derrocada do mais antiquado e mais rígido dos sistemas de classe/casta já existentes, o sistema de classes baseado no sexo — um sistema consolidado ao longo de milhares de anos, que emprestou aos papéis arquetípicos de macho e fêmea uma legitimidade imerecida e uma permanência aparente. Nessa perspectiva, o pioneiro movimento feminista ocidental representou apenas a primeira investida violenta, os ridículos cinquenta anos que o sucederam representando apenas a primeira contra-ofensiva — o início de uma longa luta pela libertação das opressivas estruturas de poder estabelecidas pela natureza e reforçadas pelo homem. Sob essa luz, lancemos um olhar para o feminismo americano.

### 1. *O Movimento pelos Direitos Femininos na América*

Apesar de sempre ter havido mulheres rebeldes na História,<sup>1</sup> nunca antes tinham existido as condições que

1. Por exemplo: as feiticeiras devem ser vistas meramente como mulheres envolvidas numa revolta política independente. Durante

possibilitariam às mulheres destruir seus papéis opressivos eficazmente. A capacidade de reprodução da mulher era uma necessidade urgente para a sociedade — e, mesmo que não o fosse, não se dispunha de meios eficazes de controle da natalidade. Assim, até a Revolução Industrial a revolta feminista estava fadada a permanecer no plano pessoal.

A vindoura revolução feminista da era tecnológica foi renunciada pelas idéias e os escritos de mulheres isoladas, membros das elites intelectuais de sua época: na Inglaterra, Mary Wollstonecraft e Mary Shelley; na América, Margaret Fuller; na França, as Bluestockings.\* Mas estas mulheres estavam além de seu tempo. Elas tiveram muita dificuldade em ver suas idéias aceitas até por seus próprios círculos avançados, que dirá pelas massas de homens e mulheres de sua época, que mal tinham absorvido o primeiro choque causado pela Revolução Industrial.

Em meados do século dezenove, contudo, com a industrialização em plena atividade, um movimento feminista maduro estava em andamento. Sempre forte nos EUA — onde tinha se fundado pouco antes da Revolução Industrial, e conseqüentemente sua história ou tradição eram comparativamente pequena — o feminismo foi atizado pela luta abolicionista e pelos ideais latentes da própria Revolução Americana. (A declaração proferida na primeira convenção nacional pelos direitos das mulheres, realizada em Seneca Falls no ano de 1848, foi moldada na Declaração da Independência.)

O primitivo Movimento pelos Direitos das Mulheres Americanas<sup>2</sup> foi radical. No século dezenove, o fato de as mulheres atacarem a Família, a Igreja (ver *Woman's Bible*, de Elizabeth Cady Stanton), e o Estado (lei) represen-

dois séculos inúmeras mulheres foram queimadas em fogueiras pela Igreja — pois a religião era a política daquele período.

\* Expressão coloquial para se referir às mulheres intelectuais. (N.T.)

2. American Woman's Rights Movement, daqui em diante abreviado por W. R. M.

tava para elas atacar os próprios fundamentos da sociedade vitoriana na qual elas viviam — o equivalente a atacar as próprias distinções sexuais em nossa época. Os fundamentos teóricos do primitivo W.R.M. se originaram nas idéias mais radicais da época, sobretudo as dos abolicionistas como William Lloyd Garrison, e de utopistas e livres-pensadores como Fanny Wright. Poucas pessoas sabem hoje que o feminismo primitivo foi um movimento verdadeiramente popular: não ouviram falar das torturantes jornadas empreendidas pelas pioneiras feministas por dentro dos sertões e fronteiras, ou de porta em porta nas cidades para falar sobre os problemas ou para juntar assinaturas em petições que eram recusadas como ridículas pelas Assembléias. Tampouco sabem que Elizabeth Cady Stanton e Susan B. Anthony, as militantes mais ativas do movimento, estavam entre as primeiras a dar ênfase à importância de organizar as mulheres operárias, tendo fundado a Associação de Mulheres Trabalhadoras em setembro de 1868. (Delegadas na Convenção Nacional da União das Classes Trabalhadoras já em 1868, posteriormente elas brigaram por causa da ludibriação das mulheres trabalhadoras pelo — nada mudou — movimento masculino chauvinista das classes operárias.) Outras mulheres pioneiras organizadoras das classes trabalhadoras tais como Augusta Lewis e Kate Mullaney, estavam engajadas no movimento feminista.

Esse movimento radical foi erigido por mulheres que não tinham literalmente nenhum *status* civil diante da lei; que eram declaradas civilmente inúteis depois do casamento, ou que permaneciam legalmente menores se não se casassem; que não podiam assinar testamento nem mesmo ter a custódia de seus próprios filhos depois do divórcio; que não podiam aprender sequer a ler e muito menos eram admitidas na universidade (as mais privilegiadas eram providas de um conhecimento de bordado, pintura chinesa, francês, e da arte do cravo); que não tinham voz política qualquer. Até mesmo depois da Guerra Civil mais da metade desta população do país era ainda legalmente escravizada, literalmente não possuindo sequer as anquinhas que colocavam nos seus “fundos”.

As primeiras movimentações dessa classe oprimida, as primeiras exigências incondicionais de justiça encontraram uma violência desproporcionada, uma resistência difícil de entender hoje, em que foram enfraquecidas as fronteiras entre as classes sexuais. Porque, como acontece em geral, o potencial revolucionário do primeiro despertar de consciência foi mais claramente reconhecido pelos que estavam no poder, do que pelos próprios membros da cruzada. Desde o seu início, o movimento feminista trouxe uma séria ameaça à ordem estabelecida, testemunhando com a sua própria existência e a sua longa duração as desigualdades fundamentais de um sistema que tinha pretensões à democracia. Atuando inicialmente juntos, e posteriormente separados, o movimento abolicionista e o W.R.M. ameaçavam arrasar o país. Se, na Guerra Civil, as feministas não tivessem sido persuadidas a abandonar sua causa para trabalhar em assuntos "mais importantes", a história inicial da revolução feminista poderia ter sido menos melancólica.

Nessas circunstâncias, ainda que as forças de Stanton-Anthony lutassem durante mais vinte anos dentro da tradição feminista radical, a espinha dorsal do movimento tinha sido quebrada. Milhares de mulheres, no ímpeto da Guerra Civil, puderam sair de casa para fazer obras de caridade. O único assunto que poderia unir esses bem diferentes campos de mulheres organizadas era a necessidade de voto — mas, como era de prever, elas não concordaram sobre o *porquê* ele era desejável. As conservadoras formaram a Associação pelo Sufrágio das Mulheres Americanas, ou se juntaram aos clubes femininos em expansão, tais como a pia União Moderada das Mulheres Cristãs. As radicais se separaram através da Associação Nacional pelo Sufrágio Feminino, interessada no voto somente como um símbolo do poder político do qual elas necessitavam para alcançar objetivos mais amplos.

Por volta de 1890, tinham sido alcançadas reformas legais adicionais, as mulheres tinham entrado na força de trabalho nas condições que elas ocupam ainda hoje e começado a receber instrução em maior número. Em lugar de um verdadeiro poder político, foi-lhes dado um lugar

derivativo e segregado dentro da esfera pública, como clu-bistas. Mas, embora de fato isto representasse um maior poder político do que antes, era apenas uma versão nova do lugar habitual do "poder" feminino: atrás do trono — uma tradicional *influência no poder* que assumiu uma forma moderna nas táticas de influenciamento e de emba-raçamento. Quando, em 1890, com suas líderes enve-lhecidas e desanimadas, o movimento radical feminista Nacional juntou-se ao movimento conservador Americano para formar a Associação Nacional pelo Sufrágio das Mulheres Americanas (NAWSA), tudo parecia perdido. Tinha vencido o feminismo conservador, com sua concentração em temas básicos, gerais e unificantes como o sufrágio, com sua tentativa de trabalhar dentro da estrutura de poder masculina branca e de aplacá-la — tentando convencer os homens que estavam mais bem informados, contudo com a sua própria retórica ornamentada. Traído, o feminismo definiu.

Ainda pior do que as feministas conservadoras era o número crescente de mulheres que, com seu recém-descoberto bocadinho de liberdade, atiravam-se entusiasticamente em todos os radicalismos do dia, nos vários movimentos de reforma social da Era Progressista, até mesmo quando estes eram estranhos aos interesses feministas. (Considere-se o velho debate sobre as leis discriminatórias de "proteção" ao trabalho para as mulheres.) Margaret Rhondda, líder feminista britânica do período pós-I Guerra Mundial, observou:

"Podemos dividir as mulheres do movimento feminino em dois grupos: as feministas e as reformistas, que não são de modo algum feministas; que não dão um centavo pela igualdade em si mesma... Hoje quase toda organização feminina reconhece que as reformistas são muito mais comuns do que as feministas, que a decisão apaixonada de cuidar de seus próximos, de ser útil a eles a seu modo, é muito mais comum do que o desejo de colocar nas mãos de cada um o poder de cuidar de si próprio."

Essas "reformistas", as mulheres "radicais" de sua época, foram, na melhor das hipóteses, influenciadas pelo

feminismo. Elas não eram nem feministas verdadeiras nem radicais verdadeiras, porque ainda não viam a causa das mulheres como um problema em si mesmo legitimamente radical. Vendo o W.R.M. como apenas tangente a uma outra política mais importante, elas, num certo sentido, viam a si mesmas como homens incompletos: os problemas femininos pareciam-lhes “especiais”, “sectários”, enquanto que os problemas relativos aos homens eram “humanos”, “universais”. Crescendo politicamente dentro de movimentos dominados pelos homens, elas passaram a se preocupar em reformar sua posição dentro desses movimentos, em vez de sair deles e criar seu próprio movimento. A Woman's Trade Union League é um bom exemplo disto: as mulheres politiquieras desse grupo falharam nas incumbências mais básicas, porque foram incapazes de romper seus vínculos com o AFL, movimento intensamente chauvinista masculino, dirigido por Samuel Gompers, que as traiu continuamente. Ou, num outro exemplo, como muitas voluntárias da VISTA, concentradas em fazer “turismo” entre os pobres “ingratos”, se atiraram na imatura instalação do movimento, muitas delas dando suas vidas em troca de nada — apenas para se tornarem as mais severas, exacerbadas, porém dedicadas assistentes-sociais da estereotipia. Ou o Woman's Peace, criado, em vão, por Jane Addams nas vésperas da intervenção americana na Primeira Guerra Mundial, que, ironicamente, mais tarde se dividiu em grupos jingoístas que trabalhavam para a guerra, ou em pacifistas radicais tão ineficazes quanto extremistas.

Esta frenética atividade organizacional feminista da Era Progressista é geralmente confundida com o W.R.M. propriamente dito. Mas a imagem da mulher frustrada e mandona origina-se menos das feministas radicais do que das politiquieras não-feministas, membros de comitês pelas várias causas importantes do dia. Além dos movimentos recém-extintos que mencionamos — a Woman's Trade Union League, a National Federation of Settlements, e a Woman's International League for Peace and Freedom (anteriormente o Woman's Peace Party, iniciado por Jane Addams) — a estrutura inteira da Organized Lady-

hood foi fundada no período entre 1890 e 1920: a General Federation of Women's Clubs, a League of Women Voters, a American Association of Collegiate Alumnae, a National Consumer's League, o PTA, e até o DAR. Embora estas organizações estivessem associadas aos movimentos mais radicais da época, o fato de que sua política era na realidade reacionária e no fim das contas irreal e tola foi em primeiro lugar indicado só por suas visões não-feministas.

Conseqüentemente, a maioria das mulheres que se organizaram no período entre 1890-1920 — período geralmente citado como ponto alto da atividade feminista — não tinha nada a ver com o feminismo. Por um lado, o feminismo tinha-se restringido ao problema do voto — o W.R.M. foi (temporariamente) transformado num movimento pelo sufrágio — e por outro lado as energias das mulheres dispersavam-se em qualquer outra causa radical, menos a sua própria causa.

Mas o feminismo radical estava apenas adormecido. O despertar começou com a volta, proveniente da Inglaterra, de Harrie Stanton Blatch, a filha de Elizabeth Cady Stanton, país onde ela se tinha associado à Woman's Social and Political Union — as Sufragetes inglesas, dentre as quais as Pankhurts talvez sejam as mais conhecidas — contrária às Constitucionalistas (feministas conservadoras). Acreditando ser necessária uma tática combativa para alcançar os objetivos radicais advogados por sua mãe, ela recomendou que se atacasse o problema do voto com a estratégia, que tinha sido posta de lado, da facção Stanton-Anthony: pressão para obter a emenda da Constituição *federal*. Logo as militantes americanas separaram-se da conservadora NAWSA para formar a Congressional Union (posteriormente o Woman's Party), iniciando a ousada tática de guerrilha e a intransigente linha dura, pelas quais em geral se louva, impropriamente, todo o movimento sufragista.

Deu resultado. As militantes tiveram que passar por embaraços, ataques de grupo, espancamento, e até por greves de fome mas no espaço de uma década o voto foi

conseguido. A centelha de feminismo radical era exatamente aquilo de que o movimento sufragista, que se estenuava, precisava para impulsionar sua questão única. Ela proporcionou uma investida nova e sadia (a pressão para alcançar uma emenda nacional, em vez do cansativo método de organização estado-por-estado usado durante trinta anos), uma militância que dramatizou a urgência do problema feminino, e, acima de tudo, uma perspectiva mais ampla, na qual o voto era visto como apenas o primeiro entre muitos objetivos e, portanto, a ser conquistado o mais rapidamente possível. As suaves exigências das feministas conservadoras, que tinham quase declarado que se o voto fosse obtido elas não o usariam, foram bem-vindas como representando longe o menor de dois males, em comparação às exigências do Woman's Party.

Com a obtenção do voto, o *establishment* cooptou o movimento das mulheres. Como sintetizou um cavalheiro daquela época citado por William O'Neil em *Everyone Was Brave*: "No entanto o sufrágio feminino é uma coisa boa, mas só se for para acabar logo com ela." A Sra. Oliver Hazard Perry Belmont, do Woman's Party, incitou as mulheres a boicotarem as eleições: "Poupe seu novo poder. As sufragistas não lutaram durante dezessete anos pela emancipação de vocês para permitir que vocês se tornem escravas dos partidos dos homens." Charlotte Perkins Gilman apoiou isso: "O poder que as mulheres serão capazes de exercer depende de elas não se associarem ao sistema de partidarismo masculino. O sistema político partidarista é um artifício dos homens para encobrir os verdadeiros problemas. As mulheres deveriam lutar pelas medidas que elas querem alcançar, fora da política de partidos. É pelo fato de os velhos partidos políticos se darem conta de que a influência das mulheres dentro dos partidos políticos será tão insignificante, que eles estão tão ansiosos por conseguir que as mulheres se associem a eles."

Mas nada disso teve alguma utilidade. Até a formação de um novo Woman's Party em 18 de fevereiro de 1921, como uma alternativa para os principais partidos

que estavam rapidamente absorvendo a nova força política das mulheres, não pôde ressuscitar o movimento agonizante.<sup>3</sup>

A obtenção do voto pelo movimento sufragista matou o W.R.M. Embora as forças antifeministas parecessem ceder, elas só o fizeram de boca. Elas nunca perderam. Na época em que o voto foi obtido, a prolongada canalização das energias feministas em função do objetivo limitado do sufrágio — visto inicialmente apenas como um passo para o poder político — tinha esgotado completamente o W.R.M. O Monstro Votação tinha engolido tudo o mais. Três gerações tinham transcorrido desde a época do princípio do W.R.M.; as ideadoras do movimento estavam todas mortas. As mulheres que mais tarde se uniram ao movimento feminista para lutar pelo simples problema do voto nunca tinham tido tempo para desenvolver uma consciência mais ampla; naquela altura elas tinham até esquecido para que servia o voto. A oposição tinha imposto a sua vontade.

\* \* \*

De toda essa luta, o que ainda é lembrado? A luta pelo sufrágio — não muito valiosa para as mulheres, como os fatos confirmaram mais tarde — ela só, foi uma incessante guerra contra as forças mais reacionárias da América na época, que, como Eleanor Flexner mostra em *Séculos de Luta*, abrangiam os maiores interesses capitalistas do Norte, i.e., o petróleo, a manufatura, as ferrovias, e os lucros com bebidas alcoólicas; o bloco racista dos Estados do Sul (que, além de sua própria intolerância para com as mulheres, temia conceder o direito de voto a

3. O Woman's Party lutou através de uma depressão e várias guerras, fazendo campanhas para o próximo auxílio legal importante, uma emenda por direitos iguais na Constituição. Cinquenta anos depois as que ainda estão vivas continuam ainda fazendo campanhas. O estereótipo da esposa excêntrica com seu guarda-chuva, empenhada em perseguir uma causa que já tinha sido ganha, é o produto direto da ossificação do feminismo criada pelo Ridículo de Cinquenta Anos.

elas porque emanciparia mais uma *metade* da raça negra, bem como acentuaria a hipocrisia do sufrágio masculino universal), e, finalmente, a própria máquina do governo. O trabalho implicado para obter esse voto deixou as pessoas cambaleando. Carrie Chapman Catt calcula que:

“tirar a palavra “masculino” da Constituição custou às mulheres deste país 52 anos de campanha ininterrupta... Durante esse tempo, elas foram obrigadas a comandar 56 campanhas de plebiscito junto aos homens votantes, 480 campanhas junto aos votantes para conseguir legislaturas com emendas sufragistas, 47 campanhas para conseguir que as convenções constitucionais estaduais inscrevessem o sufrágio das mulheres nas constituições estaduais, 277 campanhas para conseguir que as convenções dos partidos estaduais incluíssem as plataformas pelo sufrágio feminino, 30 campanhas para conseguir que as convenções do partido presidencial adotassem as plataformas pelo sufrágio feminino nas plataformas do partido e 19 campanha sucessivas em 19 Congressos sucessivos.”

Assim, a derrota era tão freqüente, e a vitória tão rara — e além disso alcançada por margens tão reduzidas — que até ler sobre a luta pelo sufrágio é exaustivo, que dirá ter passado e lutado por ela. O lapso dos historiadores nessa área é incompreensível, quando menos perdoável.

Mas, como vimos, o sufrágio foi apenas um pequeno aspecto do que o W.R.M. representava. Centenas de anos de personalidades brilhantes e de fatos importantes foram também apagados da história americana. As mulheres oradoras que se defendiam dos grupos que as atacavam na época em que não lhes era permitido falar em público, para contestar a Família, a Igreja e o Estado, que viajaram por estradas de ferro bem pobres entre as cidades do Oeste falando para pequenos grupos de mulheres socialmente em estado de inanição, foram bem mais dramáticas do que as Scarlett O’Haras e as Harriet Beecher Stowes e todas as Damas que chegaram até o nosso conhecimento. Sojourner Truth e Harriet Tubman, escravas

libertas que voltavam continuamente, com quantias enormes nos seus ombros para libertar outras escravas em suas próprias fazendas, foram politicamente mais eficientes do que o malfadado John Brown. Mas a maioria das pessoas hoje nunca ouviu falar sequer de Myrtila Miner, Prudence Crandall, Abigail Scott Duniway, Mary Putnam Jacobi, Ernestine Rose, das irmãs Claflin, de Crystal Eastman, Clara Lemlich, de Mrs. O.H.P. Belmont, de Doris Stevens, de Anne Martin. E essa ignorância não é nada comparada ao desconhecimento da vida de mulheres da envergadura de Margaret Fuller, Fanny Wright, das irmãs Grimké, de Susan B. Anthony, Elizabeth Cady Stanton, Harriet Stanton Blatch, Charlotte Perkins Gilman, de Alice Paul.

E no entanto conhecemos Louisa May Alcott, Clara Barton, e Florence Nightingale, assim como conhecemos, em vez de Nat Turner, o triunfo de Ralph Bunche, ou George Washington Carver e o amendoim. A omissão de personalidades vitais nas versões-modelo da história americana em favor desses modelos beatos não pode ser ignorada. Assim como seria perigoso influenciar as crianças negras ainda oprimidas a admirarem os Nat Turners de sua história, assim se passa com o W.R.M.: as lacunas suspeitas em nossos livros de história relativos ao feminismo — ou então a confusão de todo o W.R.M. com o (conservador) movimento sufragista ou com os grupos de mulheres reformistas da Era Progressista — não são meros casos.

Isto faz parte de um reflexo que nós ainda estamos sofrendo da reação à primeira batalha feminista. Os poucos modelos sólidos fornecidos às moças que cresceram durante este silêncio de cinqüenta anos foram modelos cuidadosamente escolhidos, mulheres como Eleanor Roosevelt, da tradição altruística feminina, opostas às gigantes saudavelmente egoístas da rebelião radical feminista. Esse reflexo cultural era de se esperar. Os homens daquela época compreenderam imediatamente a verdadeira natureza do movimento feminista, reconhecendo nele uma séria ameaça ao seu poder público e desavergonhado sobre a mulher. Eles podem ter sido forçados a subornar



o movimento das mulheres com reformas de superfície que as confundissem — uma correção das desigualdades mais gritantes nos livros, umas poucas mudanças na roupa, no sexo, no estilo (“você percorreu um longo caminho, moça”), todas as quais por coincidência beneficiaram aos homens. Mas o poder permaneceu em suas mãos.

## 2. Um Ridículo de Cinquenta Anos

De que modo o Mito da Emancipação agiu culturalmente durante um período de cinquenta anos, para anestesiar a consciência política das mulheres?

Na década de vinte o erotismo entrou em moda. Começou a gradual identificação do romance com a instituição do casamento (“Love and Marriage, Love and Marriage, go together like a horse and carriage...”),\* que serviu para repopularizar e reforçar a instituição decadente, enraquecida pelo último ataque feminista. Mas a convalescença não durou muito: as mulheres logo foram reprivatizadas, sua nova solidariedade de classe diluída. As feministas conservadoras, que pelo menos tinham enxergado o caráter social de seus problemas, tinham-se organizado em cooperativas, enquanto que as feministas radicais eram ridicularizadas aberta e efetivamente; finalmente até as mulheres que eram membros de comitês de outros movimentos começaram a parecer ridículas. A campanha cultural tinha começado: a emancipação era um problema de responsabilidade privada; a salvação era pessoal, e não política. As mulheres se lançaram numa longa procura pela “satisfação”.

Aqui, na década de vinte, se situa o início deste obsessivo culto moderno do “estilo”, a procura do fascínio (Você também pode ser Theda Bara), uma doença cultural que ainda hoje desgasta as mulheres — inflamadas pelas revistas femininas do gênero de *Vogue*, *Gla-*

*mour*, *Mademoiselle*, *Cosmopolitan*. A busca de um estilo “diferente”, pessoal, através do qual se “expressar” substituiu a antiga ênfase feminina no desenvolvimento da personalidade através da responsabilidade e da experiência de vida.

Na década de trinta, após a Depressão, as mulheres se tornaram sóbrias. O melindrosismo não fora obviamente a solução: elas se sentiram ainda mais griladas e neuróticas do que antes. Mas, como o mito da emancipação avançava a todo vapor, as mulheres não ousaram reclamar. Se elas tinham obtido o que queriam e *ainda* estavam insatisfeitas, então alguma coisa deveria estar errada nelas. Suspeitavam secretamente que, afinal, podia ser que elas realmente *fossem* inferiores. Ou podia ser que esta fosse a ordem social legítima: filiaram-se ao Partido Comunista, onde mais uma vez deram uma ênfase extrema aos oprimidos, sendo incapazes de reconhecer que a grande identificação que elas sentiam pela classe operária explorada originava-se diretamente de sua própria experiência de opressão.

Na década de quarenta, havia uma outra guerra mundial em que pensar. Os grilos pessoais foram temporariamente ofuscados pelo espírito do Esforço na Guerra: o patriotismo e o farisaísmo, intensificados por uma propaganda militar ubíqua, foram glorificados em si mesmos. Além disso, os “caras” tinham ido embora. Melhor ainda, seus tronos de poder estavam vazios. As mulheres, pela primeira vez em várias décadas, tiveram empregos sólidos. Verdadeiramente necessitadas pela sociedade em suas potencialidades mais amplas, lhes foi temporariamente concedido um *status* humano, contrário ao *status* “feminino”. (De fato, as feministas se viram forçadas a acolher a guerra como a sua única chance.)

O primeiro grande período de paz e riqueza ocorreu nos últimos anos das décadas de quarenta e cinquenta. Mas, em vez do profetizado ressurgimento do feminismo, depois de tantos becos-sem-saída, havia apenas “A Mística Feminina”, que Betty Friedan documentou tão bem. Esse sofisticado aparato cultural foi veiculado com um propósito específico: as mulheres tinham sido emprega-

\* Tradução literal, sem observar a rima: “Amor e Casamento, Amor e Casamento, se combinam com o cavalo e a carruagem”. (N.T.)

das durante a guerra, e agora tinham que estar preparadas para abrir mão de seus empregos. Os novos empregos só tinham existido porque elas tinham sido descobertas como uma força de trabalho excedente que se mostrou conveniente e útil, justamente numa época de crise — e no entanto, não era possível no momento despedi-las abertamente. Isto desmentiria todo o mito da emancipação, cuidadosamente cultivado. Uma idéia melhor foi fazê-las se demitirem por sua própria vontade. A Mística Feminina satisfaz admiravelmente ao objetivo. As mulheres, ainda excitadas, ainda buscando (afinal, um emprego numa fábrica não é a idéia masculina do paraíso, mesmo que seja preferível ao inferno enjaulado das mulheres), seguiram ainda um outro caminho falso.

Esse foi talvez pior do que qualquer um dos outros. Ele não oferecia nem a sensualidade (frívola) da década de vinte, a promessa de um (falso) ideal da década de trinta, nem o espírito coletivo (propaganda) da década de quarenta. O que ele ofereceu às mulheres foi respeitabilidade e mobilidade ascendente — junto com o Desencantado Romance, com uma abundância de fraldas e de reuniões do PTA (a Mãe Nutriente de Margaret Mead), discussões familiares, dietas contínuas e ineficazes, dramalhões e comerciais na TV para matar o tédio, e psicoterapia, caso o sofrimento ainda persistisse. *Good Housekeeping* e *Parent's Magazine*\* dirigiam-se a todas as mulheres da classe média, assim como *True Confessions* se dirigia à classe operária. Os anos cinquenta constituíram a mais desoladora de todas as décadas, talvez a mais desoladora para as mulheres no período de alguns séculos. Segundo a versão 1950 do Mito, a emancipação das mulheres já tinha sido tentada e se revelado deficiente (pelas próprias mulheres, sem dúvida). A primeira tentativa de se libertar de uma sufocante Maternidade Criativa parecia ter fracassado completamente. Toda a consciência autêntica do antigo movimento feminista ti-

nha sido esquecida nessa época, e com isso a consciência de que o sofrimento atual das mulheres era fruto de um reflexo ainda virulento.

Para a juventude da década de cinquenta criou-se um aparato cultural ainda mais sofisticado: o “teenagerismo”, o último disfarce daquele romantismo perseverante, que se empenhava tanto em escorar, através de um decreto cultural, uma estrutura familiar que desmoronava (ver Cap. 7, “A Cultura do Romance”). Jovens de todas as idades sonhavam em fugir das casas enfadonhas de suas mães, através do Romance da Adolescência (“*teenage romance*”). O carro estacionado, uma tradição estabelecida desde a era das melindrosas, tornou-se uma necessidade premente, talvez o arrimo que melhor caracterizou as paixões da década de cinquenta (ver o *environment* de Edward Kienholz, intitulado “Parked Car”\*). Os rituais dos encontros amorosos adolescentes comparavam-se na sua formalidade à mais fina tradição cavalheiresca do Sul, a “bela” do século vinte sendo representada pela baliza, Doce Menina-Moça animadora dos Jogos da Primavera. A meta mais alta que uma moça poderia alcançar era a “popularidade”, a antiga “graça” sob uma forma moderna.

Mas os rapazes não conseguiram suportar isso. Os saturantes romantismo e sentimentalismo designados para manter as mulheres no seu lugar provocaram efeitos laterais sobre os homens envolvidos com isso. Se devia haver um ritual de caça-à-mulher, alguns homens também teriam que ser sacrificados a ele. Barbie precisava de um Ken.\* Mas namorar era uma droga (“Pai, você pode me emprestar o carro esta noite?”). Certamente deveria haver um meio mais fácil de fazer amor. Frankie Avalon e Paul Anka cantavam para as adolescentes; os rapazes ficavam de fora.

\* A mesma prática, na gíria carioca, é conhecida pelo nome de “corrida de submarino”. (N.T.)

\* Ver as duas N.T. na pág. 69.

\* Do gênero *Casa e Jardim e Pais e Filhos* brasileiros. (N.T.)

Na década de sessenta os rapazes se separaram. Foram para a universidade e para o Sul. Viajaram em bandos pela Europa. Alguns se filiaram ao Peace Corps; outros ficaram marginais. Mas, onde quer que fossem levavam suas seguidoras. Os homens liberados precisavam de brotinhos avançados que pudessem acompanhar seu novo estilo de vida: as mulheres tentaram. Eles precisavam de sexo: as mulheres obedeceram. Mas isso era tudo o que eles queriam das mulheres. Se o brotinho cismasse em exigir em troca algum compromisso fora de moda, ela era tida como “chata”, “fodida” ou, pior ainda, como um “verdadeiro baixo-astral”. Uma gatinha deveria aprender a ser independente o suficiente para não se tornar um entrave para seu homem (em outras palavras, “agarrando-se”). As mulheres não poderiam se matricular tão rápido: cerâmica, tecelagem, artesanato, aulas de pintura, cursos de literatura e psicologia, terapia de grupo, qualquer coisa que pudesse fazer que elas deixassem de ser um peso para seus homens. Elas sentavam-se com lágrimas nos olhos defronte de seus vários cavaletes.

O que não significa insinuar que as “gatinhas” elas próprias não quisessem originariamente fugir da terra-de-ninguém. Não havia nenhum lugar para onde elas pudessem ir. Onde quer que fossem, seja em Greenwich Village c. 1960, Berkeley ou Mississipi c. 1964, Haight-Ashbury ou East Village c. 1966, eram ainda consideradas apenas “brotinhos”, imperceptíveis como pessoas. Não havia uma sociedade marginal para onde elas pudessem fugir: o sistema de classes sexuais existia em toda parte. Imunizadas culturalmente pela reação antifeminista — caso, no longo período de esquecimento, elas tivessem ouvido falar do feminismo de alguma maneira, fora somente através de sua depreciação — elas ainda tinham medo de se organizar em torno do seu próprio problema. Assim, caíram na mesma armadilha que tinha engolido as mulheres das décadas de vinte e trinta: a busca pela “solução pessoal”.

A “solução privada” da década de sessenta, ironicamente, foi em geral tanto o “bico” da política (a política

radical, conseqüentemente mais marginal e idealista do que as arenas oficiais, segregadas, do poder) quanto da arte ou da academia. A política radical deu a cada mulher a chance de fazer suas coisas. Repetindo as da década de trinta, muitas mulheres viram a política não como um meio para construir uma vida melhor, mas como um fim em si mesmo. Muitas se associaram ao movimento pela paz, como sempre um agradável passatempo feminino: inofensivo porque politicamente impotente, ele contudo proporcionou uma saída vicária para a agressão feminina.<sup>4</sup> Outras se envolveram com o movimento pelos

4. Em janeiro de 1968, 5.000 mulheres inscritas na coligação chamada Jeanette Rankin Brigade — incluindo todos os nomes de mulheres importantes no movimento pela paz e até (cf. Coretta King) no movimento pelos direitos civis, bem como todo grupo importante de mulheres, particularmente os grupos pela paz, como o Women's Strike for Peace — promoveram uma marcha das mulheres pela paz em Washington. A menos que acontecesse de você ser um dos demonstradores, provavelmente você nunca ouviria falar disso. Foi uma obra-prima da irrelevância política. Até os jornais locais mal acharam que ele valesse uma cobertura: que valor noticiário poderia haver numa concentração em massa de galinhas, tão ingênua ao ponto de acreditar que a política fosse meramente uma questão de boa vontade?

E no entanto é difícil imaginar que uma demonstração similar composta de 5.000 esquimós, ou índios, ou de até 5.000 *poodles* circundando a Casa Branca seria tão facilmente ignorada. A reclamação das mulheres por serem um grupo oprimido raramente é sequer levada tanto a sério quanto qualquer grupo minoritário; na verdade as mulheres não constam sequer do mapa político: *somos politicamente invisíveis*. Em 1970, uma marcha de mulheres se torna um protesto significativo só se estiverem presentes escoltas, simpatizantes ou mártires masculinos, ainda que sejam os mais desprezíveis, mais explorados, ou os marginais *lunatic fringe\**, pois, sejam legítimos ou ilegítimos, todos os homens são membros da sociedade; as mulheres não.

Se esta demonstração não deu em mais nada, ela exprimiu dramaticamente a contínua falta de poder das mulheres. As mulheres são menos reconhecidas do que eram em 1915, quando eram consideradas uma ameaça, ou pelo menos um incômodo constante. Hoje, cinquenta anos depois do voto ser alcançado,

\* *Lunatic fringe* — grupo politizado de idéias anarquistas marginalizado como delinqüente. (N.T.)

direitos civis: mas, embora em geral ele não fosse politicamente mais eficaz do que a sua participação no movimento pela paz, os dias contados das mulheres brancas no movimento negro do início da década de sessenta provaram ser uma experiência mais valiosa em termos de seu próprio desenvolvimento político. Isto é fácil de detectar no movimento de liberação feminino atual. As mulheres que foram para o Sul são em geral muito mais perspicazes, flexíveis e evoluídas politicamente do que as mulheres que entraram para o movimento pela paz, e tendem a se dirigir muito mais rapidamente para o feminismo radical. Talvez porque sua preocupação com o sofrimento dos negros fosse a tentativa na qual as mulheres brancas, desde 1920, mais se aproximaram de encarar sua própria opressão: lutar pela causa dos que são mais visivelmente oprimidos é uma maneira eufemística de dizer que se é oprimido. Assim como o problema da escravidão incitou o feminismo radical do século dezenove, assim o problema do racismo estimulou o novo feminismo: a analogia entre racismo e sexismo tinha sido finalmente inferida. Assim que as pessoas admitissem e se confrontassem com seu próprio racismo, elas não poderiam negar o paralelo. E se o racismo era eliminável, por que o sexismo não o seria também?

\* \* \*

as mulheres não representam sequer um embaraço. Pois, enquanto as mulheres forem politicamente tão impotentes, e o pior, politicamente invisíveis, quaisquer contribuições que possam trazer para "o movimento" serão de valor político insignificante. Seus serviços de datilografia, de mimeografia, de fazer folhetos, de colar envelopes, fazer café e seus serviços emocionais são inegavelmente úteis: eles liberam os homens para realizarem seus próprios objetivos organizacionais. Mas os interesses das mulheres de modo algum determinaram estes objetivos, exceto talvez naqueles poucos casos em que acontece de eles coincidirem com os interesses sectários masculinos. Até que as mesmas 5.000 mulheres estejam prontas para marchar em Washington, dessa vez para protestar contra a sua pura falta de poder — até que elas tenham se constituído por sua própria conta numa séria ameaça ao *status quo* — elas estão fadadas à contínua impotência política.

Descrevi o período de cinquenta anos situado entre o fim do antigo movimento feminista e o início do novo movimento, com o objetivo de examinar os modos específicos pelos quais o mito da emancipação operou em cada década para encobrir as frustrações das mulheres modernas. A tática de encobrir as coisas foi utilizada eficazmente para reprivatizar as mulheres das décadas de vinte e trinta. Depois disso, ela se uniu a uma paralisação da história feminista para que as mulheres se mantivessem girando histericamente num labirinto de falsas soluções: o Mito tinha-lhes negado efetivamente uma saída legítima para suas frustrações. A terapia provava ser um fracasso como saída (ver o capítulo seguinte). Voltar para casa tampouco era uma solução — como provaram as gerações das décadas de quarenta e cinquenta.

Por volta de 1970, as filhas rebeldes dessa geração desperdiçada não sabiam mais o que lhes valeria para todas as finalidades práticas, sequer que tinha existido um movimento feminista. Ficaram apenas os restos desagradáveis da revolução abortada, uma coleção espantosa de contradições nas suas funções. Por um lado, elas tinham o máximo de privilégios legais, a garantia literal de que eram consideradas cidadãs da sociedade com plenos direitos políticos — e no entanto não tinham poder. Tinham oportunidades de se educar — e no entanto não eram procuradas para os empregos. Tinham conseguido as liberdades no vestir e nos hábitos sexuais por elas exigidos — e no entanto ainda eram exploradas sexualmente. As frustrações decorrentes de sua situação sem saída foram exacerbadas pelo desenvolvimento dos *mass media* (ver Capítulo 7), onde essas contradições foram expostas abertamente, e foi enfatizada a fealdade dos papéis femininos, precisamente através dessa característica intensificada que fez dos novos *media* um órgão de propaganda tão vantajoso. As doutrinações culturais necessárias para reforçar as tradições de papéis sexuais tinham-se tornado espalhafatosas, de mau gosto, enquanto que antes tinham sido insidiosas. Bombardeadas em toda parte com imagens de si mesmas odiosas ou eróticas, as mulheres ficaram de início desnordeadas e finalmente enrai-

vecidas com essas distorções (isso seria eu?). Inicialmente, pelo fato de o feminismo ainda ser um tabu, a sua raiva e a sua frustração se contiveram numa atitude de retirada total (Boêmia Beatnik e Geração Flor/Drogas), ou foram canalizadas para outros movimentos dissidentes que não o seu, particularmente o movimento pelos direitos civis da década de sessenta, onde as mulheres mais se aproximaram de um reconhecimento de sua própria opressão. Mas, finalmente, a analogia evidente entre a própria situação e a situação dos negros, unida ao espírito geral de dissensão, acabaram levando ao estabelecimento de um movimento de libertação das mulheres propriamente dito. A raiva revelou-se finalmente como sendo a própria saída.

Mas seria errado atribuir o ressurgimento do feminismo exclusivamente ao impulso gerado por outros movimentos e idéias. Pois, embora eles possam ter agido como catalisadores, o feminismo, na verdade, tem um *momentum* cíclico todo próprio. Na interpretação histórica por nós adotada, o feminismo é visto como a reação feminina inevitável ao desenvolvimento de uma tecnologia capaz de libertar as mulheres da tirania de seus papéis sexuais-reprodutores — tanto a própria condição biológica fundamental, como o sistema de classes sexuais em que se baseia e reforça essa condição biológica.

O desenvolvimento progressivo da ciência no século vinte teria apenas acelerado a primeira reação feminista à Revolução Industrial. (Só o controle da natalidade, por exemplo, um problema para o qual as primeiras feministas não encontraram solução, atingiu a partir de 1920 seu mais alto nível de desenvolvimento na História.) Tentei descrever a dinâmica da contra-revolução que, junto com a crise temporal da guerra e da depressão, dificultou o desenvolvimento do feminismo. Por causa desse obstáculo, os novos desenvolvimentos científicos que poderiam ter ajudado enormemente a causa feminista ficaram nos laboratórios, ao passo que as práticas sociais-sexuais não só continuaram como antes, mas foram de fato intensificadas, em reação à ameaça. Os progressos científicos que ameaçavam enfraquecer ainda mais ou

ameaçavam romper totalmente a conexão entre o sexo e a reprodução quase não foram realizados culturalmente. O fato de a revolução científica não ter tido virtualmente nenhum efeito sobre o feminismo apenas ilustra a natureza política do problema: os objetivos do feminismo nunca poderão ser atingidos pela evolução, mas somente pela revolução. O poder, embora ele tenha se desdobrado, nunca será abandonado sem que haja luta.

### 3. *O Women's Liberation<sup>5</sup> Movement*

No espaço de três anos, vimos recriada toda a estrutura política do antigo movimento das mulheres. A profunda divisão entre as feministas radicais e os dois tipos de reformistas, as feministas conservadoras e as politiquieiras, reapareceu sob uma capa moderna. Existem hoje três campos principais dentro do movimento, eles próprios subdivididos. Sintetizemos brevemente estes campos, lembrando-nos de que, nesse período de formação, tanto a política, quanto o quadro de membros de qualquer um dos grupos estão num constante estado de mudança.

1) *As Feministas Conservadoras.* Embora proliferando agora em miríades de organizações similares, esse campo é talvez ainda melhor exemplificado pela pioneira (e conseqüentemente mais radicalmente feminista do que em geral se acredita) NOW, a National Organization of Women, criada em 1965 por Betty Friedan depois da repercussão com a publicação de sua *A Mistica Feminina*. Geralmente denominado o NAACP do movimento das mulheres (e porque de fato ele também está repleto de profissionais experimentadas — que fizeram carreira, que

5. "Liberação" como oposta a "emancipação" para denotar a libertação de toda classificação sexual, em vez de meramente um igualamento dos papéis sexuais. Contudo, eu sempre achei o nome pesado, excessivamente ao gosto da retórica da Nova Esquerda, e me envergonhei em reconhecer qualquer relação com o Feminismo. Prefiro usar "Feminismo Radical".

“se deram bem” — ele é similarmente atacado pelos grupos mais jovens de libertação em virtude de seu “carreirismo”), a NOW concentrou a atenção nos sintomas mais superficiais do sexismo — as desigualdades legais, a discriminação no trabalho, etc.

Assim, na sua política, ela se parece mais com o movimento sufragista da virada do século, a National American Woman Suffrage Association, de Carrie Chapman Catt, com sua ênfase na igualdade entre as mulheres e os homens — legal, econômica, etc., dentro do sistema estabelecido — em vez de na libertação de todos os papéis sexuais, ou no questionamento radical dos valores da família. Como a NAWSA, ela tende a concentrar sua atenção em ganhos políticos isolados, mesmo que às custas dos princípios políticos. Como a NAWSA, ela atraiu um enorme quadro de associados, que controla através de procedimentos burocráticos tradicionais.

Contudo, já para o movimento jovem, é evidente que essa posição, insustentável até em termos de ganhos políticos imediatos — como foi atestado pelo fracasso do último movimento feminista conservador — é mais um vestígio do antigo feminismo (ou, se preferirem, um precursor) do que um modelo para o novo movimento. As inúmeras mulheres que se associaram a ele por falta de um lugar melhor para onde ir, logo se transferiram para o feminismo radical — e, assim fazendo, impuseram à NOW um radicalismo cada vez maior; enquanto que outrora a organização não ousava sequer apoiar oficialmente a revogação da lei do aborto, com medo de afastar aquelas que não conseguiriam ir além de uma reforma, hoje a revogação da lei do aborto é uma das suas exigências centrais.

2) *As Politiqueiras.* As politiqueiras do movimento feminino contemporâneo são aquelas mulheres cuja fidelidade primeira é para com a Esquerda (“O Movimento”), em vez de para com o Women’s Liberation Movement propriamente dito. Como as politiqueiras da Era Progressista, as politiqueiras contemporâneas vêem o feminismo como apenas uma tangente para uma política radical “verdadeira”, em vez de um centro, diretamente

radical em si mesmo. Elas ainda vêem os problemas masculinos, p. ex., o recrutamento, como universais, e os problemas femininos, p. ex., o aborto, como sectários. Dentro da categoria das politiqueiras contemporâneas, existe ainda uma estrutura menor, que pode ser mais ou menos dividida como se segue:

a) *Participação feminina na esquerda.* Hoje, toda facção importante da esquerda, e até mesmo alguns sindicatos — depois de uma resistência considerável — têm seus comitês do *women’s lib* onde discutem o chauvinismo masculino dentro da organização e incitam a um maior poder de decisão das mulheres. As politiqueiras desses *caucus* são reformistas no sentido de que seu objetivo principal é melhorar sua própria situação dentro da arena limitada da política esquerdista. As outras mulheres são, na melhor das hipóteses, o seu primeiro “eleitorado”, sendo os problemas estritamente femininos vistos como nada mais do que um instrumento “radicalizante” vantajoso para recrutar mulheres para a “Luta Maior”. Assim, sua atitude com relação às outras mulheres tende a ser protetora e evangélica, uma aproximação “organizadora”. Eis algumas Black Panthers (mulheres) numa entrevista concedida ao *The Movement*, jornal *underground*, onde, no seu estardalhaço, se expressam de um modo talvez constrangedor para a esquerda branca, mas que, não obstante, é típico (por que tirado dela?) da maior parte da retórica revolucionária branca sobre o assunto:

“É muito importante que as mulheres *que são mais esclarecidas*, que já compreendem os princípios revolucionários, vão até elas e expliquem a elas, e lutem com elas. Temos que reconhecer que as mulheres são politicamente atrasadas e que temos que lutar com elas.” (Grifos da autora)

Ou, além disso, referindo-se a um movimento independente das mulheres:

“Elas perderam de vista a *Luta Fundamental*. Talvez algumas organizações específicas de grupos de mulheres sejam possíveis, porém elas são perigosas: em termos de se volta-

rem para si próprias, em termos de se tornarem pequenas panelinhas *petit bourgeois* em que se fala o tempo todo de *cuidar das crianças*, ou que se tornem uma sessão de reclamações." (Grifos da autora)

Vemos aqui uma recusa total dos negros (e não menos das mulheres), de seus próprios princípios do Black Power quando aplicados a um outro grupo: o direito dos oprimidos de se organizarem em torno de sua opressão *como elas a vêem e a definem*. Diz-se que o movimento Black Power, que tanto instruiu as mulheres sobre as suas necessidades políticas através de paralelos óbvios, seria o último a enxergar este paralelo invertido. (Para uma análise mais profunda do porquê isso acontece, ver o Capítulo 5.) Organizações de origem popular em torno da própria opressão, o fim da liderança e dos jogos de poder, a necessidade de um preparo das massas anterior à luta sangrenta, todos os princípios mais importantes da política radical inesperadamente não se aplicam às mulheres, num *double standard\** da pior espécie.

Os grupos de libertação das mulheres que ainda tentam atuar dentro do movimento esquerdista mais geral, não têm nenhuma chance, pois sua linha é ditada de cima, suas análises e táticas são planejadas pela própria classe cujo poder ilegítimo elas contestam. E assim raramente conseguiram fazer mais do que aumentar a tensão que já ameaçava seus debilitados grupos esquerdistas com a extinção. Se algum dia eles se tornarem realmente poderosos, serão dissuadidos com derivativos ou, se necessário, o grupo todo tranquilamente se desintegrará e reorganizará sem elas. Geralmente no fim são forçados a se separar e unir-se ao movimento independente das mulheres.

b) *Politiqueiras de centro*. Trabalhando separadamente, porém ainda sob a proteção masculina, esses grupos são ambivalentes e confusos. Eles vacilam. Sua imi-

tação óbvia da análise, da retórica, da tática e da estratégia da esquerda (masculina) tradicional, sejam elas ou não adequadas à realização de seus próprios objetivos distintos, é contrabalançada por uma série de sentimentalizações sobre as Irmãs Oprimidas Distantes. Sua própria política tende a ser ambígua porque suas fidelidades são estas: se elas não estão mais tão seguras de que é o capitalismo que provoca diretamente a exploração das mulheres, elas não vão tão longe ao ponto de insinuar que *os homens* poderiam ter algo que ver com isso. Os homens são Irmãos. As mulheres são Irmãs. Se é que se deve falar de inimigos de algum modo, por que não deixar isso em aberto e chamá-los de O Sistema?

c) *As politiqueiras feministas*. Esta posição delinea talvez a maior proporção dos grupos anônimos fechados do movimento de libertação das mulheres existentes ao longo do país. É a posição para a qual muitas das centristas finalmente se inclinam. Basicamente é um feminismo conservador com insinuações esquerdistas (ou, talvez, diríamos que é um esquerdismo com insinuações feministas). Embora as *politiqueiras feministas* admitam que as mulheres devem se organizar em torno de sua própria opressão da maneira como elas a sentem, que elas podem realizar isto de um modo melhor através de grupos independentes, e que a concentração principal de todo grupo *de mulheres* deveria ser nos problemas das mulheres, todo esforço é feito ainda visando adaptar essas atividades às análises esquerdistas existentes e às estruturas prioritárias — nas quais, naturalmente, as mulheres, nunca vêm primeiro.

Apesar da diversidade aparente dentro dessa estrutura, as três posições podem ser reduzidas a um denominador comum: o feminismo é secundário na ordem das prioridades políticas, e deve ser talhado de modo a ajustar-se a uma estrutura política já existente (criada pelos homens). O medo de que se isso não for observado o feminismo adotará uma resolução temerária, tornando-se divorciado da Revolução, revela o receio de que o feminismo não seja uma questão legítima em si

\* Ver N.T. à página 260. (N.T.)

mesma, a qual *requer*á (infelizmente) uma revolução para que sejam alcançados os seus objetivos.

É este é o dilema disso: as mulheres politiquieras são incapazes de desenvolver uma política autêntica porque elas nunca enfrentaram realmente com coragem a realidade de sua opressão como mulheres. Sua incapacidade de criar uma análise esquerdista feminista própria, sua necessidade de relacionar o tempo todo o seu problema a algumas "lutas fundamentais", em vez de vê-lo como central, ou mesmo revolucionário em si mesmo, deriva diretamente de seus sentimentos permanentes de inferioridade como mulheres. A incapacidade de colocar as próprias necessidades em primeiro lugar, a necessidade de aprovação masculina — nesse caso, a aprovação do anti-establishment masculino — para legitimá-las politicamente, torna-as incapazes de se afastarem de outros movimentos quando necessário, e assim as consigna a um mero reformismo de esquerda, à falta de originalidade, e finalmente à esterilidade política.

Contudo, o contraste com o feminismo radical, a posição mais combativa dentro do movimento de libertação das mulheres, forçou as politiquieras, bem como as feministas conservadoras, a uma crescente defensiva, e finalmente a um radicalismo cada vez maior. Inicialmente, as mulheres cubanas e o NLF foram os modelos incontestados, idolatrada sua liberdade; hoje existe uma atitude do tipo esperar-para-ver-o-que-dá. Ano passado, as questões puramente feministas nunca eram trazidas à baila sem que fosse prestado um tributo aos negros, aos trabalhadores, ou aos estudantes. Este ano, os porta-vozes da esquerda, em vez disso, falam de um modo empolado e dando importância à abolição da família nuclear. Pois a Irmandade da Esquerda correu para ver o que eles poderiam co-optar — propondo uma declaração contra a monogamia, a cujo sinal de, homens, ao trabalho!, as feministas só poderiam rir amargamente. Mas ainda, enquanto que o SDS não ligava a mínima há alguns anos atrás para um tolo movimento feminino, hoje ele passou a atribuir às suas mulheres um papel cada vez mais

atraente, para impedi-las de abandonarem o movimento, p. ex., a Women's Militia, o "exército de cabelos longos" da facção Weathermen do SDS. Há o início do reconhecimento esquerdista oficial das mulheres como um importante grupo oprimido com seus próprios direitos; alguma compreensão superficial da necessidade de um movimento feminista independente; algum grau de consideração pelos problemas e protestos das mulheres, p. ex., o aborto ou as creches diurnas; e a crescente política de derivativos. E, assim como aconteceu nas primeiras fases do Black Power, há a mesma tentativa de pacificar, o mesmo riso liberal nervoso, a mesma insensibilidade para a sensação de ser uma mulher, dissimulada nos dentes arreganhados de um sorriso do tipo estamos-tentando-ganhar-um-beijo.

3) Feminismo Radical. As duas posições que descrevemos usualmente geram uma terceira, a posição feminista radical. As mulheres de suas fileiras classificam-se desde em feministas moderadas desiludidas com a NOW, até em esquerdistas desiludidas com o *women's lib*, e incluem outras que ficaram esperando por esta alternativa, mulheres para as quais nem o feminismo burocrático conservador, nem o dogma esquerdista importado despertaram muito interesse.

A posição feminista radical contemporânea é a descendente direta da linha feminista radical do antigo movimento, sobretudo a defendida por Stanton e Anthony, e mais tarde pela militante Congressional Union (subseqüentemente conhecida como Woman's Party). Ela vê o problema feminista não só como prioritário para as mulheres, mas também como central para qualquer análise revolucionária mais ampla. Recusa-se a aceitar a análise esquerdista atual, não porque seja excessivamente radical, mas por *não ser suficientemente radical*. Ela vê a análise esquerdista atual como anacrônica e superficial, porque não relaciona a estrutura do sistema de classes econômicas com suas origens no sistema de classes sexuais, que constitui o modelo de todos os outros sistemas de exploração, e assim o germe que deve ser primeiro eliminado por qualquer revolução autêntica. Nos capítu-



los seguintes analisarei a ideologia do feminismo radical e sua relação com outra teoria radical, de modo a ilustrar como só ele consegue colocar em foco as muitas áreas conturbadas da análise esquerdista, fornecendo pela primeira vez uma solução revolucionária completa.

Devemos de imediato observar que o movimento pode reivindicar para si; um potencial revolucionário muito maior, bem como qualitativamente diferente de qualquer outro movimento do passado.

1) *Distribuição. Ao contrário dos grupos minoritários (uma contingência histórica) ou do proletariado (um desenvolvimento econômico), as mulheres sempre constituíram uma classe oprimida majoritária (51 por cento), espalhada uniformemente por todas as outras classes.* Na América, o movimento mais semelhante ao feminismo, o Black Power, mesmo que conseguisse mobilizar imediatamente todos os negros do país, disporia de apenas 15 por cento da população. Na verdade, todas as minorias oprimidas *juntas*, sem supor nenhuma luta faccionária corpo a corpo, não constituiriam uma maioria — a não ser que as mulheres fossem incluídas. O fato de as mulheres viverem com homens, nalguns níveis nossa pior desvantagem — pois o isolamento das mulheres umas das outras foi responsável pela ausência ou pela fraqueza do movimento de libertação das mulheres no passado — é, num outro sentido, uma vantagem: uma revolucionária em cada quarto de dormir não pode deixar de abalar o *status quo*. E se quem está se revoltando é a sua mulher, você não pode escapar para os subúrbios. O feminismo, quando ele realmente atingir os seus objetivos, fará estourar as estruturas mais básicas de nossa sociedade.

2) *Política Pessoal.* O movimento feminista é o primeiro a unir efetivamente o “pessoal” ao “político”. Ele está desenvolvendo um novo modo de relacionamento, um novo estilo político, que finalmente reconciliará o pessoal — sempre a prerrogativa feminina — com o público, com o “mundo exterior”, de modo a reintegrar o mundo com as suas emoções, e literalmente com os seus sentidos.

A dicotomia entre as emoções e o intelecto impediu o movimento estabelecido de desenvolver uma base de massa. De um lado, há os esquerdistas ortodoxos, seja intelectuais abstratos das universidades sem contato com a realidade concreta, seja na sua aparência ativista, militantes do *machismo*, tolerantes na sua ação pouco preocupada com a eficácia política. De outro lado, há a Nação Woodstock, a Revolta Jovem, a Geração Flor e Drogas dos Hippies, os Yippies, os Crazies, os Motherfuckers, os Mad Dogs, os Hog Farmers e outros, que, embora compreendam que a velha panfletagem e a análise marxista não funcionam mais — que o problema é muito mais profundo do que meramente a luta do proletariado, que praticamente constitui a vanguarda americana — contudo não dispõem de nenhuma análise histórica própria com a qual substituí-la; na verdade, são apolíticos. Assim, o movimento está soçobrando, seja ele marginal, estilhaçado e ineficaz devido a sua análise rígida e anacrônica, seja carecendo de uma base histórica e econômica séria onde há um apelo para o movimento de massa. É “escapista”, em vez de revolucionário.

3) *O Fim da Psicologia do Poder.* A maioria dos movimentos revolucionários é incapaz de praticar entre si o que pregam. Cultos intensos à liderança, facciosismo, *ego trips*, difamações são muito mais a regra do que a exceção. O movimento das mulheres, na sua curta história, tem um registro um pouco melhor do que a maioria nessa área. Um de seus principais objetivos declarados é a democracia interna — e ele não mede esforços (muitas vezes absurdos) para perseguir essa meta.

O que não quer dizer que ele seja bem sucedido. Há muito mais retórica do que realidade nesse assunto, muitas vezes disfarçando hipocritamente os mesmos velhos estratagemas e jogos de poder — freqüentemente com novas e complexas variações femininas. Mas é demais exigir que, dadas as suas raízes profundas nas classes sexuais e na estrutura familiar, alguém nascido hoje seria capaz de eliminar a psicologia do poder. E, embora seja verdade que muitas mulheres nunca tenham assumido o papel dominante (poder sobre os outros), existem

muitas outras que, identificando sua vida com a dos homens, encontram-se na posição especial de terem que erradicar, ao mesmo tempo, não só suas naturezas submissas, mas também suas naturezas dominadoras, esvaindo-se de um lado e de outro.

Mas se existe algum movimento revolucionário que possa conseguir estabelecer uma estrutura igualitária, este é o feminismo radical. Questionar as relações básicas entre os sexos e entre pais e filhos é trazer os modelos psicológicos de dominação-submissão às suas próprias origens. Examinando politicamente esta psicologia, o feminismo será o primeiro movimento a lidar com o problema de um modo materialista.

### III. FREUDISMO: UM FEMINISMO DESVIRTUADO

Se tivéssemos que mencionar a corrente cultural que mais caracteriza a América no século XX, esta seria a obra de Freud e as disciplinas que se originaram dela. Não existe ninguém que não seja hoje atingido por esta visão da vida humana, seja através de incursões na “psíquica”; seja através de terapia pessoal, uma experiência comum às crianças da classe média; ou seja, geralmente, através de sua penetração na cultura popular. O novo vocabulário entrou em nossa fala cotidiana, de modo que o homem comum pensa em termos de ser “doente”, “neurótico” ou “esquizo”; ele checa periodicamente o “desejo de morte” de seu “id” e a “fraqueza” de seu “ego”; as pessoas que o rejeitam são egocêntricas; admite que tem um “complexo de castração”, que “reprimiu” um desejo de ter relações com sua mãe, que se envolveu e ainda se envolve numa “rivalidade com os irmãos”, que a mulher “inveja” seu pênis; e provavelmente vê em toda banana ou cachorro-quente um “símbolo fálico”. Suas discussões conjugais e seus processos de divórcio se realizam em jargão psicanalítico. Na maioria das vezes não está bem certo sobre o que esses termos significam, mas, se não o sabe, pelo menos pode estar certo de que seu “querido analista” sabe. O vienensezinho de óculos e cavanhaque, cochilando em sua poltrona, é um

clichê do humor moderno (nervoso). Levaríamos algum tempo para catalogar o número de caricaturas que se referem à psicanálise. Construímos uma nova simbologia em torno de um divã solitário.

O freudismo se tornou, com seus confessionários e penitências, prosélitos e convertidos, com os milhões gastos na sua manutenção, a nossa Igreja moderna. Não conseguimos atacá-lo sem constrangimento, pois nunca se sabe se, no dia do Juízo Final, ele *pode estar com a razão*. Quem tem certeza de que ele não é tão saudável quanto prega? Quem pode igualá-lo em sua alta capacidade? E quem não se espanta com a sua sagacidade? Quem não odeia o pai e a mãe? Quem não compete com o irmão? Que mulher não desejou ser um menino nalgum momento da vida? E as pessoas ousadas que ainda persistem em seu cepticismo sempre esbarram com essa terrível palavra: *resistência*. Elas são as mais doentes, é óbvio, pois o combatem tanto.

Houve uma reação. Livros foram escritos, floresceram profissões, só a partir das contradições da própria obra de Freud. Algumas ficaram conhecidas por uma crítica a apenas uma parte de sua obra (p. ex., refutando o desejo de morte, ou a inveja do pênis), e outras, mais corajosas, ou mais ambiciosas, atacaram os abusos da totalidade da obra. Teorias críticas abundam em todas as festinhas e coquetéis. Alguns intelectuais vão longe, ao ponto de relacionar a morte da comunidade intelectual na América com a importação da psicanálise. Em oposição à religiosidade do freudismo, foi fundada toda uma escola empírica, o behaviorismo (embora a psicologia experimental sofra de seus próprios tipos de preconceitos\*). E, gradativamente, com tudo isso, o pensamento freudiano foi desmontado, seus princípios mais essenciais foram sendo abandonados um por um, até não restar mais nada a ser atacado.

\* Um informe muito difundido sobre esse tema do movimento de libertação das mulheres é "Kinder, Küche, Kirche as Scientific Law: Psychology Constructs the Female" (reeditado em *A Psicologia Hoje*, outubro, 1969, com o título de "As Mulheres como Negros"), pelo Dr. Naomi Weisstein.

E contudo ele não morreu. Embora a terapia psicanalítica se tenha mostrado ineficaz, e as idéias de Freud sobre a sexualidade das mulheres tenham-se revelado literalmente erradas (p. ex., o mito do duplo orgasmo de Masters e Johnson), as velhas concepções ainda circulam. Os médicos continuam a praticá-las. E no fim de toda crítica nova encontramos uma homenagem culposa, frente ao Grande Pai que começou tudo. Eles não conseguem matá-lo completamente.

Mas eu não penso que isso seja simplesmente uma falta de coragem em admitir, depois de todos esses anos, que o "rei estava nu". Não creio que isso ocorra só porque eles estejam com isso minando seu ganha-pão. Penso que, na maioria dos casos, foi a mesma integridade que os fez questionar toda a teoria que os impediu de destruí-la totalmente. "Intuitivamente" sua "consciência" lhes diz que não se atrevam a desferir esse golpe final.

Pois ainda sentimos que existe alguma verdade nas teorias de Freud, embora elas não sejam empiricamente verificáveis, embora o freudismo, na prática clínica, tenha levado a absurdos reais, embora, de fato, desde 1913 já se tivesse observado que a psicanálise era a própria doença que ela pretendia curar, criando uma nova neurose no lugar da antiga, e embora se observasse que as pessoas sob terapia pareciam hoje mais preocupadas consigo mesmas do que nunca, tendo chegado a um estado de neurose "perceptiva", repleto de "regressões", de "transferências" cegas de amor, e de solilóquios agonizantes. Embora essas pessoas sob terapia sejam dominadas pela confusão quando lhes perguntam, sem rodeios, "Essas terapias ajudam?", ou "Elas valem a pena?", elas não podem ser menosprezadas completamente.

Freud conquistou a imaginação de todo um continente e de toda uma civilização por uma boa razão. Embora, na superfície, sua teoria fosse inconsistente, ilógica, ou "fora do comum", seus seguidores, com sua lógica, seus experimentos e suas revisões cautelosos, não têm nada de comparável a dizer. *O freudismo está tão saturado e, ao mesmo tempo, é tão impossível de ser*

recusado, porque Freud tocou no problema crucial da vida moderna: a sexualidade.

## 1. As Raízes Comuns do Freudismo e do Feminismo

1) *O freudismo e o feminismo brotaram do mesmo solo.* Não foi por acaso que Freud começou sua obra no auge do movimento feminista primitivo. Hoje subestimamos a importância das idéias feministas na época. As conversas de salão sobre a natureza dos homens e das mulheres, a possibilidade da reprodução artificial (bebês em tubos de vidro), lembradas em *O Amante de Lady Chatterley*, de D. H. Lawrence, não eram ilusórias. O sexismo era o assunto mais quente da época. Lawrence apenas o captou, acrescentando-lhe sua própria visão. O sexismo também determinou quase que todo o material de G. B. Shaw. A Nora de Ibsen, em *Casa de Bonecas*, não era uma coisa rara. Esse tipo de discussão separava muitos casamentos reais. A descrição maldosa que Henry James fez das mulheres feministas em *As Bostonianas* e as descrições mais condescendentes de Virginia Woolf em *Os Anos* e em *Night and Day* eram tiradas da vida real. A cultura refletia as atitudes e os interesses predominantes. O feminismo era tema literário importante, porque nessa época ele era um problema vital. Pois os escritores escreviam sobre o que viam. Descreviam o meio cultural a sua volta. E nesse meio havia interesse pelos temas do feminismo. A questão da emancipação das mulheres afetava todas as mulheres, quer elas se declarassem a favor das novas idéias, quer as combatessem desesperadamente. Velhos filmes da época mostram a solidariedade crescente das mulheres, refletindo seu comportamento imprevisível, e pondo à prova, de maneira aterradora e geralmente desastrosa, seu papel sexual. Ninguém se mantinha insensível à revolta. E isso não ocorria apenas no Ocidente. A Rússia, nessa época, experimentava acabar com a família.

Na virada do século havia, então, no pensamento social e político, na cultura literária e artística, uma enorme fermentação e idéias relativas à sexualidade, ao casamento, à família, ao papel das mulheres. O freudismo foi apenas um produto cultural dessa fermentação. Ambos, freudismo e feminismo, surgiram como reações a um dos períodos mais presunçosos da civilização ocidental, a Era Vitoriana, caracterizada por sua centralização da família, e, conseqüentemente, por sua exagerada opressão e repressão sexuais. Ambos os movimentos significaram um despertar. Só que Freud foi meramente um diagnosticador daquilo que o feminismo pretendia curar.

2) *O freudismo e o feminismo são farinha do mesmo saco.* A grande façanha de Freud foi redescobrir a sexualidade. Freud viu a sexualidade como a principal força vital. Mostrou que a maneira como a libido se organizava na criança determinava a psicologia do indivíduo (que, além disso, reproduzia a psicologia das espécies históricas). Descobriu que, para se ajustar à civilização atual, o ser sexuado deveria sofrer um processo de repressão na infância. E que, embora todo indivíduo sofra essa repressão, ela é mais eficaz numas pessoas do que em outras, gerando um desajuste maior (psicose) ou menor (neurose), em geral tão intenso que é capaz de arruinar o indivíduo completamente.

O tratamento proposto por Freud é menos importante, e, na verdade, foi a causa do mal atual. Por um processo de trazer à tona as repressões danificadoras, do reconhecimento consciente e da investigação sem restrições, o paciente deve ser capaz de chegar a um acordo com o *id*, de recusar conscientemente, em vez de reprimir inconscientemente os desejos perturbadores do *id*. Esse processo terapêutico se inicia com a ajuda do psicanalista, através da “transferência”, na qual o psicanalista substitui a figura da autoridade original, que está na base da neurose repressiva. Como a religião restauradora ou a hipnose (que, na realidade, Freud estudou, e pela qual foi muito influenciado), a “transferência” se estabelece através do envolvimento emocional, e não através da razão. O paciente se “apaixona” por seu analista. “Pro-

jetando” o problema na suposta tábua rasa da relação terapêutica, ele é capaz de descobri-lo e de curar-se dele. *Só que simplesmente isso não funciona.*<sup>1</sup>

Filiado à tradição da ciência “pura”, Freud observou estruturas psicológicas, sem nunca questionar seu contexto social. Dados a sua própria estrutura psíquica e os seus preconceitos culturais — ele foi um tirano intolerante da escola antiga, para quem algumas verdades sexuais devem ter sido caras — dificilmente poderíamos esperar que ele tivesse feito desse tipo de investigação uma parte de sua obra. (Wilhelm Reich foi um dos poucos que seguiram esse caminho.) Além disso, assim como Marx não pôde levar em conta o futuro advento da cibernética, Freud, naquela época, não tinha o conhecimento alucinante das possibilidades tecnológicas, de que hoje dispomos. Mas se devemos ou não censurar Freud pessoalmente, o fato de ele não ter questionado a própria sociedade foi responsável pela grande confusão característica das disciplinas que surgiram em torno de sua teoria. Assediados pelos intransponíveis problemas resultantes da tentativa de pôr em prática uma contradição básica — a resolução de um problema dentro do meio-ambiente que o criou — seus seguidores começaram a atacar cada elemento de sua teoria, um atrás do outro, até que chegassem a “jogar fora a criança, junto com a água da bacia”.

Mas havia algum valor nessas idéias? Reexaminemos novamente algumas delas, desta vez a partir de um ponto

1. R. P. Knight, em “Avaliação dos Resultados da Terapia Psicanalítica”, publicado no *American Journal of Psychiatry*, em 1941, verificou que a psicanálise fracassou com 56,7 por cento dos pacientes que ela observou, e teve êxito com apenas 43,3 por cento. Assim, a psicanálise teve um pouco mais de fracasso do que de êxito. Em 1952, num estudo diferente, Eysenck mostrou uma taxa de melhoria de 44 por cento, em pacientes que tinham feito psicanálise; de 64 por cento, em pacientes que tinham feito psicoterapia; e uma taxa de melhoria de 72 por cento, naqueles que não tinham recebido nenhum tratamento. Outros estudos (Barron e Leary, 1955; Bergin, 1963; Cartwright e Vogel, 1960; Truax, 1963; Powers e Witmer, 1951) confirmam esses resultados negativos.

de vista feminista radical. Acredito que Freud falava de alguma coisa real, embora talvez suas idéias, tomadas literalmente, sejam absurdas. A esse respeito, considere-se que o gênio de Freud foi mais poético do que científico. Suas idéias são mais valiosas como metáforas do que como verdades literais.

Considerando isto, examinemos primeiro a pedra angular da teoria freudiana, o Complexo de Édipo, no qual o menino deseja a mãe sexualmente e deseja matar o pai, reprimindo esse desejo, em função do medo de ser castrado pelo pai.<sup>2</sup> O próprio Freud disse em seu último livro: “Eu me arrisco a afirmar que, se a psicanálise puder se gabar só da descoberta do Complexo de Édipo, tanto tempo reprimido, isso, por si só, a faria merecer ser incluída entre as precisas aquisições novas da humanidade.” Compare-se isto com o que diz Andrew Salter em “*O Argumento contra a Psicanálise*”:

“Mesmo os que mais simpatizam com Freud acham as contradições do Complexo de Édipo um tanto embaraçosas. Diz o *Dicionário Psiquiátrico*, referindo-se à superação do Complexo de Édipo: ‘O destino do Complexo de Édipo ainda não foi claramente compreendido.’ Acho que podemos falar, com toda a segurança, sobre o destino do Complexo de Édipo. A sorte do Complexo de Édipo será a sorte da alquimia, da frenologia, e da quiromancia. O destino do Complexo de Édipo é o esquecimento.”

Salter é atormentador por todas as contradições habituais de uma teoria que parte do princípio de que o contexto social, a causa do complexo, é imutável. Diz ele:

2. Se eu me ocupo com os meninos antes de me ocupar com as meninas, é porque Freud — na verdade toda a nossa cultura — se ocupa primeiro com o menino. Até para criticar Freud apropriadamente, temos que seguir as prioridades que ele estabeleceu em sua própria obra. Da mesma forma, como o próprio Freud observou, o Complexo de Édipo tem um significado cultural muito maior do que o de Electra. Eu também tentarei mostrar que, na verdade, ele é psicologicamente mais prejudicial, ao menos porque numa cultura dominada pelo homem o dano causado à psique masculina tem conseqüências mais amplas.

“O pensamento de Freud sobre o fim “normal” do Complexo de Édipo sofre de uma inconsistência em sua lógica. Se admitimos que o fim do Complexo de Édipo tem sua origem *no medo da castração*, não é evidente que *a normalidade é atingida como um resultado do medo e da repressão exercidas sobre o menino*? E a obtenção da saúde mental através da repressão não entra em contradição flagrante com as doutrinas freudianas mais elementares? (Grifos da autora)

*Proponho que o Complexo de Édipo só adquiere sentido, quando visto em termos de poder.* Devemos ter em mente que Freud observou que esse complexo era comum a todo indivíduo normal que crescesse na família nuclear da sociedade patriarcal, uma forma de organização social que intensifica os piores efeitos das desigualdades inerentes à própria família biológica. Há provas de que os efeitos do Complexo de Édipo são menores nas sociedades nas quais os homens têm menos poder, e de que o enfraquecimento do patriarcalismo produz muitas mudanças culturais, que talvez possam ser remontadas a esse afrouxamento.

Lancemos um olhar sobre essa família nuclear patriarcal, na qual o Complexo de Édipo aparece tão intensamente. Na família prototípica desse gênero, o homem é o sustento, e todos os outros membros dessa família são, portanto, seus dependentes. Ele concorda em sustentar a esposa, a troca de serviços que ela presta: cuidar da casa, satisfazê-lo sexualmente, e reproduzir. As crianças que ela gera, no lugar dele, são ainda mais dependentes do que ela. Elas são legalmente a propriedade do pai (uma das primeiras campanhas do primitivo W.R.M. foi contra a destituição das mulheres que se divorciavam, de seus filhos), cuja obrigação é alimentá-las e educá-las, e “moldá-las” para terem seu lugar naquela classe da sociedade à qual ele pertence. Em troca disso, ele conta com a continuação do nome e da propriedade, que, geralmente, é confundida com a imortalidade. Ele tem plenos direitos sobre as crianças. Se não for um pai/patrão bondoso, azar o delas. Pois elas não podem escapar a seu poder antes de crescerem, e a essa altura a modelagem psicoló-

gica já terá se firmado. Elas agora estão prontas para repetir a atuação do pai.

É importante lembrar que as versões mais recentes da família nuclear, embora possam velar essa relação essencial, a ponto de ela ficar irreconhecível, reproduzem essencialmente o mesmo triângulo de dependências: o pai, a mãe, o filho. Pois mesmo que a mulher tenha a mesma instrução, mesmo que ela trabalhe (devemos nos lembrar de que, antes das difíceis conquistas alcançadas pelo W.R.M. da época de Freud, as mulheres não iam à escola, nem podiam ter empregos), ela raramente é capaz, dada a desigualdade do mercado de trabalho, de ganhar tanto dinheiro quanto seu marido (e maldito seja o casamento que ela fez). Mas, mesmo que ela pudesse, ainda assim ela seria completamente incapaz de fazê-lo. Pois, tornar as mulheres e as crianças, ambas, totalmente independentes seria eliminar não só a família nuclear patriarcal, mas também a própria família biológica.

Esse é, portanto, o clima opressivo no qual a criança normal cresce. Desde o início, ela é sensível à hierarquia do poder. Sabe que, em todos os níveis, física, econômica e emocionalmente, é completamente dependente, e está, portanto, à mercê dos pais, seja quem eles forem. No entanto, entre os dois, sempre terá preferência pela mãe. Mantém um vínculo com ela, por serem ambas oprimidas. Só que, enquanto a criança é oprimida por ambos os pais, a mãe, pelo menos, é oprimida apenas por um. O pai, do ponto de vista da criança, detém controle absoluto. (“Espere até seu pai chegar do trabalho! Menino, você vai apanhar pra valer!”). A criança então sente que a mãe está a meio-caminho da autoridade e da impotência. Ela pode correr para o pai, se sua mãe estiver tentando ser injusta; mas, se o pai bater nela, a mãe não poderá lhe oferecer muito, além de chá e simpatia. Se a mãe for sensível à injustiça, ela poderá usar de sua astúcia e lágrimas para poupá-la. Mas ela própria usa de astúcia e lágrimas nessa idade, e sabe que essas lágrimas não se comparam com a força genuína. Sua eficácia, de qualquer maneira, é limitada, dependente de muitas va-

riáveis (“mau dia no trabalho!”). Ao passo que a força física, ou a sua ameaça, são um trunfo garantido.

Na família tradicional também existe uma polaridade parental: a mãe deve amar o filho devotamente, enquanto que o pai, por outro lado, raramente se interessa muito pelas crianças certamente não no convívio íntimo. E, mais tarde, quando o filho cresce, ele o ama condicionalmente a sua atuação e a sua realização. Erich Fromm, em *A Arte de Amar*:

“Sempre falamos do amor maternal. O amor maternal é, por natureza, incondicional. A mãe ama a criança recém-nascida, porque é sua filha, e não porque a criança preencha alguma condição específica, ou corresponda a alguma expectativa específica . . . O relacionamento do pai é bem diferente. A mãe é o lar de que viemos, é a natureza, a terra, o oceano; o pai não representa nenhum lugar natural. Ele tem muito pouca ligação com o filho nos primeiros dias de vida, e sua importância para a criança, nesse período inicial, não pode ser comparada com a da mãe. Mas, embora o pai não represente o mundo natural, representa o outro pólo da existência humana: o mundo do pensamento, das coisas-feitas-pelo-homem, da lei e da ordem, da disciplina, das descobertas e da aventura. O pai é aquele que ensina a criança, que lhe mostra o caminho do mundo . . . O amor paterno é um amor condicional. Seu princípio é: ‘Eu te amo, *porque* você preenche minhas expectativas, porque você cumpre seus deveres, porque você é como eu.’ . . . Nessa evolução da centralização-em-torno-da-mãe para uma centralização-em-torno-do-pai, e sua síntese final, reside a base da saúde mental e a realização da maturidade.”

Se não fosse esse o caso na época em que ele escreveu o livro, certamente o seria hoje. O livro de Fromm sobre o amor foi traduzido em dezessete línguas, vendendo — como é dito na capa — 1.500.000 exemplares só em inglês. Mais adiante, eu me ocuparei da natureza do amor maternal, que essa citação adota, e do tipo de danos que esse ideal provoca, tanto na mãe, quanto na criança. Por ora, tentarei mostrar apenas de que modo essa polaridade tradicional se relaciona com o Complexo de Édipo.

Freud, ao contrário de outros, não subestimou o que se passa com uma criança antes dos seis anos de idade. Se as necessidades básicas de uma criança são satisfeitas pela mãe, se é alimentada, vestida e acariciada por ela, se é amada “incondicionalmente”, contrariamente ao amor “condicional” do pai — ela raramente o vê e, no caso, só para ser castigada ou para obter a “aprovação masculina” — e se, além disso, sente que ela e a mãe estão unidas contra o pai mais poderoso, a quem têm que agradar e satisfazer, então talvez seja verdade que todo homem normal se identifique primeiro com a mãe.

Quanto a desejar a mãe, sim, isso também é verdade. Mas é absurdo aquilo a que uma leitura literal de Freud pode levar. A criança não sonha ativamente em penetrar a mãe. As possibilidades são de que ela ainda sequer consiga imaginar como se poderia realizar esse ato. Nem ela é fisicamente bastante desenvolvida para ter necessidade de uma descarga orgásmica. Seria mais correto ver essa necessidade sexual de uma maneira generalizada, mais negativa: isto é, só mais tarde, devido à estruturação da família em torno do tabu do incesto, a resposta sexual deverá se separar dos outros tipos de respostas físicas e emocionais. Primeiramente, elas aparecem integradas.

O que acontece aos seis anos, quando se espera do menino que ele comece a “encorpar” e a agir como um homenzinho? Palavras como “identificação masculina” e “imagem do pai” começam a circular. Os brinquedos aconchegantes do ano anterior lhe são arrancados. Ele é levado a jogar futebol. Caminhões e trens elétricos se multiplicam. Se ele chora, é chamado de “maricas”; se corre para sua mãe, é chamado de “filhinho da mamãe”. O pai, de repente, começa a se interessar ativamente por ele (“Você o estragou com mimos!”) O menino teme o pai, com razão. Sabe que, entre os dois, quem tende mais para o seu lado é a mãe. Na maioria dos casos, ele já observou bem nitidamente que o pai faz sua mãe infeliz, fá-la chorar, não fala muito com ela, discute muito com ela, e a maltrata (é por isso que se ele presenciou uma relação sexual, provavelmente a terá interpretado com

base no que sempre deduziu do relacionamento de seus pais, isto é, que o pai está atacando a mãe). Contudo, subitamente espera-se que ele se identifique com esse estranho, meio animalesco. Naturalmente, ele não quer. Resiste. Começa a sonhar com bicho-papão. Começa a ter medo da sombra. Chora quando vai ao barbeiro. Pensa que o pai vai cortar-lhe o pênis. Não se comporta como o homezinho que deveria ser.

Essa é a difícil fase de transição. O que é que, finalmente, convence a criança normal a inverter sua identificação? Fromm expressa-o muito bem: "Mas embora o pai não represente nenhum mundo natural, representa o outro pólo da existência humana; o mundo do pensamento, das coisas feitas-pelo-homem, da lei e da ordem, da disciplina, das descobertas e da aventura. É o pai que ensina a criança, que lhe mostra *o caminho do mundo*. . ." O que finalmente o convence é a promessa do mundo, quando ele crescer. Ele é solicitado a fazer uma transição do estado dos sem poder, isto é, as mulheres e as crianças, para o estado dos potencialmente poderosos, isto é, os filhos (extensões do ego) de seu pai. A maioria das crianças não é tola. *Elas* não pretendem ficar presas nas vidas ruins e limitadas das mulheres. Querem essas descobertas e essa aventura. Mas isso é difícil. Porque, no íntimo, desrespeitam o pai, com todo o seu poder. Simpatizam com a mãe. Mas o que elas fazem então? "Reprimem" a ligação profundamente emocional com a mãe, "reprimem" o desejo de matar o pai, e ascendem ao honroso estado da masculinidade.

Não é de admirar que essa transição deixe um resíduo emocional, um "complexo". Para salvar o próprio pêlo, o menino teve que abandonar e trair a mãe, e unir-se a seu opressor. Sente-se culpado. Seus sentimentos pelas mulheres ficam, em geral, afetados por isso. A maioria dos homens fez uma transição "gloriosa" para a posição de domínio sobre os outros; alguns ainda estão tentando.

Outros componentes da teoria freudiana também se esclarecem, quando examinados à luz do poder, i.e., em termos políticos. O antídoto do feminismo elimina o preconceito sexual que gerou a distorção inicial.

Geralmente, acredita-se que o Complexo de Electra é uma descoberta menos profunda do que o Complexo de Édipo, porque, como em todas as teorias de Freud sobre as mulheres, ele só analisa a mulher como um homem negativo. O Complexo de Electra, com seu intrincado complexo de castração, em resumo, é o seguinte: a menina, do mesmo modo que o menino, desenvolve inicialmente uma fixação pela mãe. Por volta dos cinco anos, quando descobre que não tem pênis, ela começa a se sentir castrada. Para compensar, ela tenta aliar-se ao pai, através da sedução, desenvolvendo, assim, uma rivalidade, e uma subsequente hostilidade à mãe. O superego se desenvolve em reação à repressão do pai. Mas, pelo fato de ser o objeto da sedução dela, ele não a reprime como reprime o filho, e, assim, a organização psíquica básica da menina difere da do irmão; é mais fraca. Diz-se de uma menina que persiste em identificar-se intensamente com o pai que ela regrediu ao estágio "clitoral" da sexualidade feminina. Provavelmente, será frígida ou lésbica.

A característica mais notável dessa descrição, reafirmada em termos feministas, é que *a menina, também, se vincula primeiramente com a mãe* (o que, em si mesmo, nega uma heterossexualidade biologicamente determinada). Do mesmo modo que o menino, a menina também ama à mãe mais do que ao pai, e exatamente pelas mesmas razões: a mãe cuida dela mais intimamente do que o pai, e compartilha de sua opressão. Por volta dos cinco anos, na mesma idade do menino, ela começa a observar conscientemente o maior poder do pai, seu acesso a esse mundo mais amplo e interessante, que é negado a sua mãe. Nesse ponto, ela rejeita a mãe por ser monótona e familiar, e começa a identificar-se com o pai. A situação complica-se mais tarde, no caso de ela ter irmãos, pois, então observa que o pai é mais propenso a permitir que o irmão participe desse mundo, de seu poder, e, no entanto, esse mundo ainda lhe é negado. Ela, agora, tem duas alternativas: 1) Avaliando realisticamente a situação, pode começar a usar da astúcia feminina, ao máximo, na tentativa de roubar ao pai o poder (então, terá que competir com a mãe pelos favores do poderoso), ou 2) Pode



recusar-se a acreditar que a diferença física entre ela e seu irmão implique, para sempre, uma desigualdade de poder correspondente. Nesse caso, ela rejeita tudo que se identifica com a mãe, i.e., a servidão e a astúcia, a psicologia do oprimido, e imita obstinadamente tudo que ela viu seu irmão fazer, e que possibilitou a *ele* o tipo de liberdade e aprovação que ela busca. (Observe-se que eu não digo que ela *finja* uma masculinidade. Essas características não são determinadas sexualmente.) Mas, embora tente desesperadamente ganhar os favores do pai, comportando-se cada vez mais do modo como ele abertamente incentivou o irmão a se comportar, isso não surte efeito *para ela*. Ela tenta com maior empenho ainda. Passa a se comportar como um moleque — e gosta de ser chamada assim. Essa obstinação face a uma realidade ofensiva pode até dar resultado. Por algum tempo. Até a puberdade, talvez. Então ela ficará totalmente sem ação. Não poderá mais negar o sexo. Ele é confirmado pelos homens cheios de desejo a sua volta. É nesse momento que ela, geralmente, desenvolve uma identificação feminina, com uma vingança. (As adolescentes tão “difíceis”, “cheias de segredinhos e risinhos”; no caso dos meninos, essa é a fase da pirralhice importuna.)

Quanto à “inveja do pênis”, mais uma vez é mais prudente vê-la como uma metáfora. Mesmo quando existe uma preocupação real com os órgãos genitais, é evidente que qualquer coisa que distinga fisicamente o homem invejado, será invejada. Pois a menina não pode, realmente, compreender como é que, se ela faz exatamente a mesma coisa que seu irmão, o comportamento dele é aprovado e o dela não. Ela pode ou não estabelecer uma relação confusa entre esse comportamento e o órgão que diferencia o irmão. Sua hostilidade em relação à mãe, mais uma vez, só pode ser compreendida se ligada a uma similaridade genital observada: tudo que a identifica com a mãe, e que ela, tão inflexivelmente, tenta rejeitar, é também rejeitado. Mas é muito menos provável uma menina, por sua própria vontade, atribuir-se o mesmo sexo da mãe do que ver-se como assexuada. Ela pode até orgulhar-se disso. Afinal, não tem protuberâncias óbvias, como

os seios que marcam a feminilidade de sua mãe. E, quanto aos órgãos genitais, seu buraquinho inocente parece não ter nenhuma semelhança com a floresta cabeluda que a mãe tem. Raramente ela sabe sequer que ela *tem* uma vagina, porque ela está vedada. Seu corpo, até agora, é tão ágil e funcional quanto o do irmão, e ela está em harmonia com ele. Ela e o irmão são apenas dois seres oprimidos pela maior força dos adultos. Sem ter uma orientação específica, ela pode iludir-se, durante um longo tempo, de que não acabará por ficar como a mãe. É por isso que ela é tão incentivada a brincar com bonecas, a brincar de “casinha”, a ser bonita e atraente. Espera-se que ela não seja uma das que recusam seu papel, até o último minuto. Espera-se que ela logo se ajuste a ele artificialmente, pela persuasão, e não por necessidade; que a promessa abstrata de um bebê seja um chamariz suficiente para substituir aquele mundo excitante de “descobertas e aventura.” (O mercado de bonecas, em expansão, capitaliza essa ansiedade parental. No que tange à criança, ela gosta de presentes, independentemente de quais sejam as intenções obscuras dos desejos adultos. No entanto, logo que elas compreendem para que servem as bonecas, muitas meninas espertas rapidamente decidem que querem um tipo diferente de *brinquedo*, ou, pelo menos, uma boneca “Barbie”.\* Afinal, elas preferem afiar suas garras contra “Ken”\*\* do que representar o papel da Mamãe já-conformada.

À luz dessa interpretação feminista, muitas doutrinas freudianas periféricas, que pareciam absurdas, agora passam a fazer sentido. Por exemplo, Ernest Jones, em *Papers on Psychoanalysis*:

“Em muitas crianças existe um vivo desejo de se tornarem os pais de seus próprios pais. . . Essa curiosa construção da imaginação . . . evidentemente está estreitamente relacionada com os desejos incestuosos, uma vez que ela é uma forma exagerada do *desejo plebeu* de ser o próprio pai de si mesmo.”

\* Chama-se Barbie a boneca cujo corpo apresenta as características sexuais do sexo feminino. (N.T.)

\*\* Chama-se Ken ao boneco de sexo masculino, representado rapazinho, mas sem pênis. (N.T.)

Tradução feminista: A fantasia das crianças, estando numa posição de poder acima dos pais, domina particularmente a única pessoa que realmente alcançou o poder: o Pai.

Ou Freud, falando sobre o fetichismo:

“O objeto é o substituto do falo da mãe, que o menino acredita estar embutido, e do qual não deseja privar-se.”

Realmente, Freud pode tornar-se embaraçador. Não seria muito mais sensato falar do poder da mãe? As probabilidades são de que o menino nem mesmo tenha visto a mãe nua, muito menos que tenha observado de perto a diferença entre o pênis e a vagina. O que ele realmente sabe é que está ligado a sua mãe, e não quer rejeitá-la, sob o pretexto de ela não ser poderosa. O objeto escolhido é meramente o símbolo desse vínculo.

Existem muitos outros desses exemplos, mas eu já cheguei ao ponto que queria. Através de uma análise feminista, toda a estrutura do freudismo — pela primeira vez — adquire pleno sentido, esclarecendo-se até as importantes áreas, relacionadas entre si, da homossexualidade, e da própria natureza do repressivo tabu do incesto — dois assuntos intimamente relacionados, que foram elaborados, durante longo tempo, alcançando muito pouca unanimidade. Podemos compreendê-los, finalmente, apenas como sintomas da psicologia do poder criada pela família.

Durkheim, como Freud, na virada do século, com seu trabalho fundamental sobre o incesto, gerou um conjunto de opiniões contraditórias, que perduraram até hoje. Durkheim acreditava que o tabu do incesto originara-se na estrutura do clã:

“[Muitos fatos tendem a provar] que, no início das sociedades humanas, o incesto não foi proibido, até haver uma divisão em pelo menos dois clãs fundamentais; pois a primeira forma dessa proibição que nós conhecemos, chamada exogamia, parece, acima de tudo, ser correlata a essa organização. A mais recente dessas formas certamente não é primitiva.”

E além disso:

“Como a estrutura básica do clã foi um estágio pelo qual todas as sociedades humanas parecem ter passado, e a exogamia esteve estritamente ligada à constituição do clã, não é surpreendente que o estado moral que o clã inspirou e deixou para trás fosse, ele próprio, comum a toda a humanidade. Pelo menos, ele foi necessário para triunfar sobre ela, e para ter particularmente pressionado as necessidades sociais; e isso explica tanto como o incesto foi legitimado, quanto porque esses povos continuaram sendo uma exceção.”

Quando a família se tornou o centro do moralismo religioso, e todas as paixões livres foram banidas de seus limites, amarradas às mulheres e ao sexo, o tabu contra o incesto adquiriu bases estáveis e perpétuas.

“na época em que as origens dessa dualidade (entre moralidade e paixão) desapareceram, ela já estava firmemente enraizada na cultura. Toda a vida moral tinha sido organizada como resultado desse desenvolvimento; teria sido necessário destruir toda a moralidade para voltar ao estágio anterior.”

Durkheim acrescenta, maravilhosamente: “Se não se tivessem originado na exogamia, a paixão e o amor entre os sexos não se teriam tornado sinônimos.” Isto é: para eliminar o tabu do incesto, teríamos que eliminar a família e a sexualidade, como elas são hoje estruturadas.

Isso não seria uma idéia ruim. Pois esta proscricção tradicional, e hoje quase universal, do incesto nos levou a aceitar como “normal” uma sexualidade, onde o potencial individual permanece insatisfeito. Freud descreveu os castigos psicológicos da repressão sexual, provocados pelo tabu do incesto, descobrindo, particularmente, a existência do Complexo de Édipo em todo menino normal, e a de seu correlativo, Electra, em toda menina normal.

A homossexualidade é apenas aquilo que acontece quando essas repressões não “têm êxito” como deviam — isto é, em vez delas serem suprimidas completamente, permitindo ao indivíduo pelo menos funcionar dentro da

sociedade, permanecem na superfície, danificando seriamente o relacionamento sexual do indivíduo, ou até sua psique total. Está fadado a falhar quase sempre um sistema no qual a primeira pessoa a quem a criança responde emocionalmente exigirá dela que reprima uma parte substancial dessas respostas. E, como Ruth Hirschberger observou em *Adam's Rib*:

“É significativo que a mesma mulher que despertou o afeto do menino (e poucas negam o componente sexual em plena expansão) é, também, a primeira a divulgar o tabu contra sua sexualidade... A supressão da sexualidade torna-se o requisito para a afeição da mãe.”

Ora, a homossexualidade masculina provém da recusa da criança, aos cinco ou seis anos, de efetuar a transição da “centralização-em-torno-da-mãe” para a “centralização-em-torno-do-pai” — geralmente uma transição de um estado de amor genuíno pela mãe e desrespeito real pelo pai. (Nos casos em que não há figura paterna, essa transição não é claramente exigida da criança. Muitas vezes, é verdade, dada a guerra entre os sexos que existe na maioria dos casamentos, a mãe incentiva essa vinculação-por-despeito, para vingar-se do pai, negando-lhe a progenitura, único motivo pelo qual ele a tolera. Mas penso que seria bem mais exato dizer que a criança simplesmente substituiu, nos afetos da mãe, o pai indiferente e, geralmente, namorador. Toda mãe, mesmo as mais “ajustadas”, *espera* fazer da maternidade o foco central da vida. Geralmente, o filho é o único substituto que ela encontra para tudo aquilo que lhe foi negado no mundo em geral, nos termos de Freud, o substituto de seu “pênis”. Como podemos então exigir que ela não seja “possessiva”, que ela renuncie subitamente, sem lutar, ao próprio filho que estava destinado a compensá-la da eterna perda desse mundo, entregando-o ao mundo de “descobertas e aventura”?

Embora também se origine da repressão fracassada (dessa vez do Complexo de Electra), a homossexualidade é consideravelmente mais complicada. Lembrem-se de que a menina também se vincula inicialmente à mãe.

Ela pode, devido à rivalidade posterior, nunca aprender a reprimir esse vínculo. Ou pode tentar agir como um menino, para ganhar a aprovação da mãe (infelizmente, as mulheres também preferem os meninos). Inversamente, nos casos em que ela se identifica intensamente com o pai, ela pode recusar-se a renunciar ao desejado privilégio masculino, mesmo depois da puberdade. Em casos extremos, ela imagina *ser* realmente o homem, cujo papel está representando.

E mesmo as mulheres que parecem sexualmente ajustadas, raramente o são, na verdade. Devemos nos lembrar que uma mulher pode ter relações sexuais sem sentir nada; um homem não pode. Embora poucas mulheres, por causa da pressão exercida sobre elas para que se conformem com sua situação, realmente repudiem seu papel sexual completamente, tornando-se lésbicas ativas, isso não significa que a maioria das mulheres se satisfaça sexualmente nas relações com os homens. (Contudo, a sexualidade danificada das mulheres é relativamente inofensiva em termos sociais; ao passo que a doença sexual masculina, ou seja, a confusão da sexualidade com o poder, prejudica os outros.) Essa é uma das razões pelas quais na sociedade vitoriana, bem como durante um longo período antes e depois dela, e inclusive hoje, o interesse das mulheres pelo sexo é menor do que o dos homens. Esse fato é tão desconcertantemente óbvio que levou um conhecido psicanalista, Theodore Reik, a concluir, em 1966, “que o próprio impulso sexual é masculino, até mesmo nas mulheres, porque, num nível de evolução inferior, a reprodução é possível sem os machos.”

Desse modo, vemos que na sociedade baseada na família as repressões originadas no tabu do incesto tornam impossível uma sexualidade plenamente satisfeita para qualquer pessoa, e possível só para poucos uma prática sexual satisfatória. Os homossexuais de nossa época são apenas as maiores vítimas do sistema de sexualidade reprimida que se desenvolve na família. Mas, embora a homossexualidade hoje seja tão limitada e doentia quanto nossa heterossexualidade, breve chegará o dia em que a transexualidade saudável será a norma. Pois, se admitimos

que o impulso sexual é, desde o nascimento, difuso e indiferenciado da personalidade global, e, como vimos, só se torna diferenciado em resposta ao tabu do incesto; e se, além disso, admitimos que o tabu do incesto é hoje necessário apenas para preservar a família; então, se destruímos a família, estaremos, na verdade, destruindo as repressões que moldam a sexualidade em estruturas específicas. Sendo iguais todos os tipos de sexualidade, as pessoas poderão ainda preferir indivíduos do sexo oposto, simplesmente porque isto é fisicamente mais conveniente. Mas até isso não passa de uma enorme suposição. Porque se a sexualidade em nenhum momento estivesse separada das outras respostas, e se um indivíduo respondesse ao outro de um modo total, que *incluisse* a sexualidade meramente como um dos componentes de sua resposta, então é pouco provável que um fator puramente físico pudesse ser decisivo. Contudo, não temos nenhum meio de saber disso agora.

O fim da diferenciação entre o nível sexual e a personalidade total poderia também ter implicações culturais importantes. Atualmente, o Complexo de Édipo, originário do hoje quase universal tabu do incesto, requer que a criança cedo distinga o “emocional” do “sexual”. Um é considerado pelo pai como uma resposta apropriada para a mãe; o outro, não. Se a criança quiser ganhar o amor da mãe, deve separar o sentimento sexual de seus outros sentimentos (a “sublimação” e as “relações inibidas quanto ao alvo” de Freud). Um desenvolvimento cultural que provém diretamente dessa dicotomia psicológica artificial é a síndrome mulheres boas/mulheres más, com a qual culturas inteiras ficaram doentes. Isto é, a divisão da personalidade é projetada na classe das “mulheres”: as que se assemelham com a mãe são “boas”, e, conseqüentemente, não se deve ter desejos sexuais por elas; as que não se assemelham com a mãe, que não suscitam uma resposta total, são sexuais, e, portanto, “más”. Classes inteiras de mulheres, p.ex., as prostitutas, pagam com a vida por essa dicotomia; outras sofrem em graus diferentes. Uma boa parte de nossa linguagem é designada para degradar as mulheres até o nível em que é permissí-

vel ter desejos sexuais por elas. (“Putá! Tua cabeça está entre as tuas pernas!”) Essa esquizofrenia sexual raramente é superada de todo pelo indivíduo. E, na cultura em geral, desenvolvimentos históricos inteiros, como a própria história da arte e da literatura, foram diretamente por ela. Assim, a honra cortesã da Idade Média, que exaltava as mulheres, exclusivamente à custa de sua humanidade consangüínea — fazendo do sexo um ato baixo, desligado do amor verdadeiro — desenvolveu-se no maneirismo, o culto da virgem na arte e na poesia.

Uma canção da época ilustra a divisão:

Eu não me interesso por estas damas  
Que podem ser louvadas e decantadas,  
Tragam-me a gentil Açucena,  
A livre rapariga do campo,  
A Natureza despreza a Arte,  
Ela tem uma beleza própria,  
Pois quando a acariciamos em suas pétalas ela  
[exclama

“Oh, céus, deixe-me”,  
Mas quando lhe tocamos o miolo  
Ela nunca dirá não.\*

A separação entre sexo e emoção está na própria base da cultura e da civilização ocidentais. Se a primeira repressão sexual é o mecanismo básico pelo qual as estruturas de caráter que sustentam a servidão política, ideológica e econômica são produzidas, um fim ao tabu do incesto, através da abolição da família, poderia ter efeitos profundos. A sexualidade seria liberta de sua camisa-de-

\* No original:

I care not for these ladies  
Who must be wooed and prayed,  
Give me kind Amaryllis,  
The wanton country maid,  
Nature Art disdaineth,  
Her beauty is her own,  
For when we hug and kiss she cries  
“Forsooth, let us go”  
But when we come where comfort is  
She never will say no.

força, vindo erotizar toda nossa cultura, mudando a sua própria definição.

\* \* \*

Sintetizando brevemente meu segundo ponto-de-vista, de que Freud e o feminismo lidaram com o mesmo material: a hipótese básica de Freud, a natureza da libido e seu conflito com o princípio de realidade, faz muito mais sentido, quando vista em oposição ao pano de fundo social da família (nuclear patriarcal). Tentei reanalisar, em termos feministas, aqueles componentes da teoria de Freud que se relacionam mais diretamente com o sistema familiar: o tabu do incesto e os conseqüentes Complexos de Édipo e de Electra, e sua falha comum em causar um mau funcionamento sexual, ou, em casos graves, o desvio sexual de hoje. Salientei que essa repressão sexual requeria de todo indivíduo que, em benefício da integridade familiar, contribuísse não só para a neurose individual, mas também para a doença cultural corrente.

Está além do objetivo deste capítulo qualquer coisa que seja mais do que um esboço de apresentação. Uma reexposição de Freud, em termos feministas, constituiria, por si só, um livro valioso. Neste capítulo, eu apenas sugeri que o freudismo e o feminismo surgiram na mesma época, em resposta aos mesmos estímulos, e que, essencialmente, eles são feitos da mesma matéria. Examinando os princípios básicos do freudismo, mostrei que eles são, também, a matéria-prima do feminismo. A diferença reside apenas no fato de que o feminismo radical não aceita que o contexto social, no qual a repressão (e, conseqüentemente, a neurose) se desenvolve, seja imutável. A submissão do prazer à realidade, i.e., à repressão sexual, não continuará necessariamente, se eliminarmos a família (biológica).

## 2. *O Freudismo Classifica o Feminismo*

As duas idéias principais deste capítulo, primeiro, a de que o freudismo e o feminismo originaram-se das

mesmas condições históricas, e segundo, a de que o freudismo e o feminismo baseiam-se no mesmo conjunto de realidades, acrescentarei uma terceira: *o freudismo classificou o feminismo como o menos importante de dois males.*

Mostramos como o freudismo tocou no mesmo ponto crucial do feminismo. Ambos, simultaneamente, foram respostas a séculos de uma crescente privatização da vida familiar, com extrema submissão das mulheres, e com as repressões sexuais e as neuroses subseqüentes, geradas por essa situação. Freud também foi considerado, em tempos passados, um maníaco sexual, um destrutivo, para a sociedade. Ele foi tão ridicularizado e menosprezado quanto o foram as militantes feministas. Só muito mais tarde é que o freudismo se tornou tão sagrado quanto uma religião estabelecida. De que modo essa inversão se processou?

Consideremos, primeiro, o contexto social do desenvolvimento do freudismo e do feminismo. Vimos que as idéias das primeiras feministas radicais continham os germes da revolução sexual vindoura. Vimos que, embora em muitos casos as próprias feministas não tenham compreendido claramente a importância daquilo em que tinham esbarrado, embora, freqüentemente, não tivessem formulado uma crítica radical feminista da sociedade que fosse completa e consistente — e isto não é de surpreender, dado o clima político da época — a reação da sociedade contra elas indica que seus inimigos sabiam o que elas queriam, mesmo que elas próprias não estivessem seguras disso. A virulenta literatura antifeminista da época, geralmente escrita por homens respeitáveis e honestos em suas próprias áreas de empenho, ilustra a ameaça que as feministas representavam para o estabelecimento. Também mostrei, no capítulo anterior, como o movimento foi redirigido, num esforço exaustivo para obter o voto, e como, desse modo, ele foi desviado e destruído. Seguindo-se ao fim do movimento feminista, com a obtenção do direito ao voto, surgiu a era das “melindrosas”, uma era que lembra muito a nossa, na sua sexualidade pseudoliberada. A rebelião feminina mui-

to difundida, provocada pelo movimento feminista, não tinha nesse momento nenhum rumo a seguir. As mulheres que tinham cortado o cabelo, encurtado as saias e entrado para a universidade, não encontravam um sentido político para sua frustração; em vez disso, elas se extravasavam em maratonas, ou se consumiam cruzando a nado o Canal da Mancha e pilotando aviões, através do Atlântico. Eram uma classe ativa, que não sabia o que fazer com a consciência. Diziam-lhes, como ainda nos dizem: “Vocês conseguiram direitos civis, saias curtas, e liberdade sexual. Vocês venceram a sua revolução. O que mais querem?” Mas a “revolução” tinha sido ganha dentro de um sistema organizado em torno da família nuclear patriarcal. E, como Herbert Marcuse mostra em *Eros e Civilização*, dentro dessa estrutura repressiva só pode resultar uma repressão mais sofisticada (“dessublimação repressiva”).

“Numa sociedade repressiva, a felicidade e o desenvolvimento produtivo do indivíduo estão em contradição com a sociedade; se eles são definidos como valores a serem realizados dentro da sociedade, eles próprios se tornam repressivos... [O conceito de dessublimação repressiva significa] a liberação da sexualidade nos modos e formas que reduzem e enfraquecem a energia erótica. Nesse processo, a sexualidade se abre a dimensões e relações anteriormente proibidas. Contudo, em vez de ela recriar essas dimensões e relações à semelhança do Princípio da Realidade, a tendência oposta faz valer seus direitos: o Princípio da Realidade estende seu poder sobre Eros. O exemplo mais vigoroso disso é fornecido pela introdução metódica da eroticidade no comércio, na política, na propaganda, etc.”

Na década de vinte criaram-se os estereótipos da “moça que trabalha fora e faz carreira” (*career girl*), da “aluna de colégio misto” (*coed*) e da mulher-de-negócios “machona”. Essa imagem da mulher supostamente “liberada” circulou pelo mundo, via Hollywood. Os efeitos desproporcionais da pseudoliberação sobre as mulheres deram aos antifeministas um novo material de combate, e, posteriormente, favoreceram a resistência das so-

iedades, que ainda declaravam abertamente a supremacia masculina, em pôr “suas” mulheres em liberdade. (“Amamos nossas mulheres do jeito como elas são: *femininas*”). Os recrutas americanos voltaram da Segunda Guerra Mundial com histórias dessas grandes mulheres continentais, que ainda sabiam como fazer um homem se sentir bem. A palavra *castração* começou a circular. E, finalmente, na América, na década dos quarenta, o freudismo assumiu um lugar importante.

Enquanto isso, o freudismo tinha sofrido profundas mudanças internas. A ênfase na teoria psicanalítica deslocou-se para a prática clínica. No capítulo final de *Eros e Civilização*, Marcuse discute as implicações reacionárias dessa mudança. Mostra como a contradição entre as idéias de Freud e a possibilidade de qualquer “terapia” eficaz baseada nelas acabou causando a assimilação da teoria pela prática, para adaptar-se a ela — a psicanálise não pode realizar a felicidade do indivíduo numa sociedade, cuja estrutura só pode, no máximo, tolerar uma felicidade individual, que seja rigorosamente controlada.

“Os conceitos mais especulativos e “metafísicos”, não sujeitos a verificação clínica... foram depreciados e descartou-se deles completamente. Além disso, nesse processo, alguns dos conceitos mais decisivos de Freud (como a relação entre o id e o ego, a função do inconsciente, e o alcance e o significado da sexualidade) foram redefinidos de um modo tal, que seu conteúdo quase foi eliminado... Os revisionistas converteram o enfraquecimento da teoria de Freud numa nova teoria.”

O termo que, talvez, melhor caracterize esse revisionismo neofreudiano seja “adaptação”. Mas, adaptação a quê? A suposição básica é de que devemos aceitar a realidade na qual nos encontramos. Mas, o que acontece se formos uma mulher, um negro, ou um membro de qualquer outra classe da sociedade especialmente infeliz? Nesse caso, somos duplamente desgraçados. Pois então, não só devemos atingir uma normalidade que, até para os privilegiados, é, como vimos, na melhor das hipóteses, difícil e precária, como também devemos nos

“adaptar” ao racismo ou ao sexismo específicos que limitam nossa potencialidade, desde o início. Deve-se abandonar todas as tentativas de autodefinição ou autodeterminação. Assim, na visão de Marcuse, o processo da terapia torna-se, meramente, “um caminho para a resignação”. Pois, como na freqüentemente citada afirmação de Freud a um paciente seu (*Estudos sobre a Histeria*, 1895), “[Muito se ganhará se conseguirmos, através da terapia] transformar o seu sofrimento histérico na infelicidade cotidiana.”

E, como podem atestar todos os que foram submetidos à terapia, esta é exatamente a situação real. A descrição que Cleaver faz de sua análise, em *Soul on Ice*, fala também da experiência de qualquer outra pessoa oprimida:

“Tive várias seções com um psiquiatra. Sua conclusão foi que eu odiava minha mãe. Como chegou a essa conclusão, eu nunca saberei, porque ele não sabia nada de minha mãe, e, quando me fazia perguntas, eu lhe respondia com mentiras absurdas. O que me revoltou contra ele foi o fato de que ele tinha me ouvido denunciar os brancos, entretanto, toda vez que isso acontecia, ele deliberadamente trazia de volta a conversa para minha vida familiar, para minha infância. Isto, em si mesmo, era correto, mas ele, deliberadamente, bloqueou todas as minhas tentativas de trazer à tona a questão racial, e deixou claro que não estava interessado em minhas atitudes com relação aos brancos. Essa era uma caixa de Pandora que ele não estava interessado em abrir.”

Theodore Reik, talvez o protótipo do Freud de conversa de botequim, exemplifica a obtusidade e a insensibilidade da maioria dos psicanalistas para os problemas reais de seus pacientes. É extraordinário que, com tantos escritores que falam das diferenças emocionais entre os homens e as mulheres, Reik nunca tenha descoberto a diferença objetiva entre as suas situações sociais. Por exemplo, ele observa, de passagem, diferenças como as que se seguem, sem sequer esboçar conclusões adequadas:

“As meninas, de vez em quando, cochicham umas para as outras: “Os homens fazem” isso ou aquilo. Os meninos nunca se referem às mulheres desse jeito.”

“Uma mulher dá muito mais valor ao fato de ser mulher, do que um homem ao fato de ser homem.”

“A maioria das mulheres, quando pede um favor a um homem, sorri. Na mesma situação, os homens raramente sorriem.”

“Ser um dândi [*ladies' man*] significa ser menos homem.”

“Quase todas as mulheres têm medo de que o homem que elas amam a deixe. Mas dificilmente um homem tem medo que uma mulher o deixe.”

“As mulheres, quando em grupo, às vezes dizem: “Meu mestre e senhor deixou-me sair de casa esta noite.” Os homens dizem, referindo-se a elas: “Meu fardo”.”

Eis aqui um exemplo casual dessas contribuições neofreudianas à compreensão da sexualidade:

“A primeira impressão que temos de uma jovem que entra numa sala cheia de pessoas é a de uma insegurança encoberta ou bem-disfarçada. Parece que ser possuidor de um pênis protege completamente os homens dessa percepção.”

“Os homens não estão à vontade no universo, e, por isso, têm que explorá-lo. As mulheres que fabricam a série de todos os seres orgânicos, estão à vontade no mundo, e não sentem ânsia em descobrir tudo sobre ele.”

“A mim me parece que a investigação psicanalítica que enfatiza o sentimento de deficiência física que a menina experimenta na região genital descuidou do valor estético dessa deficiência e de seu significado no desenvolvimento da atitude feminina. Suponho que a menina que compara seu órgão genital com o do menino acha feios os seus órgãos. Não só a maior modéstia das mulheres, mas também seu incessante esforço para embelezar e cultuar seus corpos, devem ser entendidos como um deslocamento e uma extensão de seu esforço para compensar sua impressão original de que seus órgãos genitais são feios.”

“Acredito que o asseio tem uma dupla origem: a primeira, nos tabus das tribos, e a segunda, provinda de milhares de anos, a saber, a consciência das mulheres de seu cheiro próprio, especificamente os cheiros ruins causados pela secreção de seus órgãos genitais.”

Eis uma típica interpretação terapêutica:

“[Uma paciente tinha medo de mostrar-me seu livro.] Então, ocorreu-me: essa paciente, que tinha revelado, durante a transferência anterior, indícios claros de um amor transfe-rencial em relação a mim, agora age como se o livro fosse um filho que ela tivesse tido de mim. Age como uma mulher que tem que mostrar, pela primeira vez, seu filho ao marido. Tem medo de que ele possa não gostar do bebê recém-nas-cido.”

Lê-se como um livro de anedotas freudianas.

Em contraste com isso, as pacientes de Reik geral-mente se mostraram comovedoramente perceptivas, e até brilhantemente perspicazes. Elas estavam em muito maior sintonia com a realidade de sua situação do que ele ja-mais foi capaz de estar:

“Uma mulher parece incapaz de expressar seus fortes sen-timentos negativos e expressa essa sua incapacidade numa ses-são psicanalítica: ‘Tenho medo de mostrar essas emoções, porque se eu o fizesse, seria como abrir uma caixa de Pan-dora... Tenho medo que minha agressividade destruísse tudo’.”

“Antes de ela sair, levei-a até a janela, e mostrei-lhe as lojas ao longo da rua, e seus anúncios em letras de neon, e disse: ‘Esse não é um mundo das mulheres?’ Mas ela não ficou impressionada com isso, e replicou: ‘Desça Wall Street e você compreenderá que esse é um mundo dos homens’.”

“[Uma paciente observa que] Os homens são estranhos. Eles não nos permitem ser apenas mulheres, eu quero dizer, mulheres com toda a sua franqueza; mas eles, nem por um momento, nos deixam esquecer de que somos apenas mu-lheres”.”

Como podem essas mulheres suportar a estúpida mi-soginia de Reik? Na verdade, elas não o conseguem:

“Quando disse a uma paciente quarentona que ela tinha querido ser um menino, como seu irmão, ela começou a me amaldiçoar e a me injuriar, dizendo: ‘Foda-se!’ e ‘Vá para o inferno!’, e outras expressões impróprias para uma senhora.”

Mas o doutor acaba vencendo:

“Quando chegou a hora de ir embora, ela demorou-se um pouco mais do que o habitual defronte ao espelho de minha ante-sala, arrumando os cabelos. Eu observei, sorrindo: ‘Estou feliz de ainda ver um vestígio de feminilidade’.”

Eis algumas outras reações femininas:

“Quando você me ouve durante um longo tempo, sem dizer nada, eu geralmente tenho a impressão de que o que eu digo é uma dessas coisas bobas e sem valor das mulhe-res. É como se você achasse que não vale a pena falar co-migo.”

“Uma mulher, criticando seu psicanalista: ‘Até a sua es-pontaneidade é artificial!’

“A paciente ficou calada por um período mais longo do que o habitual, e depois disse: ‘Porra! Eu não sei porque estou aqui! Foda-se você!’

Não é que essas mulheres não estivessem conscien-tes de sua situação. Ao contrário, elas estavam no con-sultório de Reik, por causa de sua consciência. Não ha-via outro meio de lidar com a sua frustração, porque não há meio de lidar com ela, a não ser pela revolução.

Chegamos, agora, ao nosso ponto crucial: a impor-tação do freudismo para que o fluxo do feminismo fosse freado. Nas décadas de vinte e trinta, as mulheres des-cobriram-se equidistantemente próximas e afastadas de seus papéis tradicionais. Conseqüentemente, elas não es-tavam nem isoladas e protegidas do mundo, como antes, nem aparelhadas para enfrentá-lo. Ambas as suas vidas, pessoal e profissional, sofriam com isso. Sua frustração freqüentemente assumia formas históricas, complicadas pelo fato de que elas eram desprezadas em todo o mun-do, até pela pequena falsa liberação que tinham alcan-çado. A perplexidade das massas com relação a elas le-vou-as, em bandos, para os psicanalistas. E de onde ti-nham vindo os psicanalistas? Nessa época, havia uma guerra na Europa, e grande parte da *intelligentsia* alemã e austríaca tinha-se instalado nos Estados Unidos, em busca de uma prática. Ali era o lugar ideal. Toda uma classe de pessoas sofredoras os aguardava. E não eram



somente uns poucos entediados, mulheres ricas sorvidas pela nova religião. Pois a América estava sofrendo várias limitações, por deter uma revolução sexual que já estava bem longe dos estágios iniciais. Surgiram livros com títulos do tipo deste: *Como Viver com um Neurótico* (porque essa classe oprimida está sempre lá na sua cozinha choramingando, queixando-se e resmungando). Logo, os homens também apareceram nos psicanalistas. Bem-educados, cidadãos responsáveis, de modo algum psicóticos. E as crianças também. Inauguraram-se campos inteiramente novos para atender ao afluxo: psicologia infantil, psicologia clínica, terapia de grupo, serviços de aconselhamento matrimonial. Qualquer variante que você possa imaginar, mencione um nome, e verificará que já existe. E nenhuma delas foi suficiente. A demanda multiplicou-se mais rápido do que se puderam abrir novos departamentos nas universidades.

Não é de surpreender que esses novos departamentos fossem logo preenchidos pelas mulheres. Massas de mulheres, em busca de alguma coisa, estudaram apaixonadamente psicologia, na esperança de descobrir uma solução para seus "grilos". Mas, as mulheres que se tinham tornado interessadas em psicologia só porque sua matéria tocava-lhes nos problemas mais íntimos, logo começaram a vomitar jargões sobre o ajuste matrimonial e sobre as responsabilidades do papel sexual. Os Departamentos de Psicologia transformaram-se em centros de recuperação para rapidamente tornarem as mulheres de novo ajustadas a seus papéis tradicionais de esposas e de mães. As mulheres que persistiram em exigir profissões de carreira tornaram-se, por sua vez, instrumentos do sistema educacional repressivo. Seus novos *insights* psicológicos — como aquele balbúcio de Psicologia Infantil, de Assistência Social, e de Educação Elementar — serviram para reprimir uma geração nova de mulheres e de crianças. A psicologia tornou-se reacionária em sua essência, tendo sido corroído o seu potencial como uma disciplina séria pela utilidade dela para os que estavam no poder.

E a Psicologia não foi a única disciplina que se corrompeu. A Educação, o Serviço de Assistência Social,

a Antropologia, todas as disciplinas relacionadas às ciências do comportamento permaneceram, durante anos, pseudociências, sobrecarregadas com uma dupla função: a doutrinação das mulheres, bem como o estudo do comportamento "humano". Escolas de pensamento reacionárias se expandiram. A Ciência Social tornou-se "funcional", estudando o funcionamento das instituições dentro do sistema de valores estabelecido, promovendo, assim, a aceitação do *status quo*.

Não é de surpreender que estes campos tenham permanecido "campos femininos". Os homens logo partiram para a ciência "pura" (exclusivamente masculina). As mulheres, ainda semi-instruídas, atemorizadas com a recente admissão na universidade, ficaram chafurdando na merda pseudocientífica. Pois além da função de doutrinação as ciências do comportamento serviram de represa para impedir as hordas contestadoras das *nouveaux intellectuelles* de serem admitidas nas ciências "verdadeiras" — a física, a engenharia, a bioquímica, etc., ciências que, numa sociedade tecnológica, mantêm uma relação cada vez mais direta com os dirigentes dessa sociedade.

Em conseqüência, até o acesso à educação de um nível mais elevado, uma das poucas vitórias do primitivo W.R.M., foi subvertida. Geralmente, a única diferença entre a dona-de-casa moderna, instruída na universidade, e seu protótipo tradicional está na gíria que esta usava para descrever o seu inferno conjugal.

\* \* \*

Em suma, a teoria freudiana, repolida, em função de sua nova função de "adaptação social", foi usada para exterminar a revolta feminista. Remendando com *band-aids* as feridas abertas pela revolução feminista abortada, ela conseguiu apaziguar a enorme inquietação social e a confusão de papéis que se sucederam ao primeiro ataque contra a rígida família patriarcal. É duvidoso que a revolução sexual tivesse permanecido paralisada, a meio-caminho, durante metade de um século, sem a sua ajuda; pois os problemas despertados pela primeira onda de fe-

minismo ainda não estão resolvidos hoje. D. H. Lawrence e Bernard Shaw não são hoje menos importantes do que foram em sua própria época. *A Revolução Sexual* de Wilhelm Reich poderia ter sido escrita ontem.

O freudismo foi o “melhor inimigo” do feminismo, porque embora tivesse tocado no mesmo ponto crucial, ele teve uma astúcia que o feminismo não teve — nunca questionou a realidade estabelecida. Embora ambos, em sua essência, fossem explosivos, o freudismo foi sendo gradativamente revisto, para adequar-se às necessidades pragmáticas da terapia clínica. Ele se tornou uma perfeita ciência aplicada, de técnicos de aventais brancos, sendo seus conteúdos destruídos, em função de um objetivo reacionário: a socialização dos homens e das mulheres, num sistema artificial de papéis sexuais. Mas sobrou o suficiente de sua força original para servir de chamariz aos que buscavam uma saída para sua opressão. Isto levou o freudismo, aos olhos da opinião pública, a passar de uma posição de extrema desconfiança e suspeita para seu *status* atual. A psicanálise, como especialidade, é a última palavra em tudo, desde as rupturas conjugais, até os julgamentos criminais nos tribunais. Assim, o freudismo ganhou um terreno que o feminismo tinha perdido: ele floresceu às custas do feminismo, na medida em que agiu como recipiente de sua força destruidora.

Só recentemente começamos a sentir os efeitos de gerações de entoxicamento; meio século depois, as mulheres acordam. Dá-se uma nova ênfase às condições objetivas na psicologia, bem como, nas ciências comportamentais, essas disciplinas, somente agora, décadas depois dos danos terem sido causados, estão reagindo contra a sua longa substituição, exigindo a verificação científica — apenas um fim à “objetividade” e uma reintrodução aos “juízos de valor”. O grande número de mulheres nesses campos brevemente poderá usar desse fato em seu próprio proveito. E uma terapia que se tivesse revelado mais nociva do que inútil poderia finalmente ser substituída pela única coisa que pode fazer bem: a organização política.

## IV. ABAIXO A INFÂNCIA!

### *Para Nechemia*

*que ultrapassará a infância, antes que ela seja eliminada*

As mulheres e as crianças sempre são mencionadas simultaneamente (“Mulheres e crianças, para trás!”). O vínculo especial que as mulheres têm com as crianças é reconhecido por todos. Contudo, proponho que a natureza desse vínculo não passa de uma opressão compartilhada. E que, além disso, essa opressão está entrelaçada e mutuamente reforçada de modos tão complexos, que seria impossível falar da liberação das mulheres, sem, também, discutir a liberação das crianças, e vice-versa. O núcleo da opressão das mulheres são seus papéis de reprodutora e educadora das crianças. E, por sua vez, as crianças são definidas em relação a esse papel, e são psicologicamente formadas por ele. O que se tornam como adultas, e os tipos de relacionamento que são capazes de estabelecer determinam a sociedade que elas, em última análise, construirão.

\* \* \*

Tentei mostrar como as hierarquias de poder na família biológica, e as repressões sexuais necessárias para mantê-la — especialmente intensas na família nuclear patriarcal — são destrutivas e caras para a psique individual. Antes de continuar a descrever como e porque

isso gerou um culto da infância, vejamos como essa família nuclear patriarcal se desenvolveu.

Em todas as sociedades, até a presente data, sempre houve alguma modalidade da família *biológica*, e, conseqüentemente, sempre houve uma opressão das mulheres e das crianças em graus variados. Engels, Reich, e outros indicam os matriarcados primitivos como exemplos, tentando mostrar como o autoritarismo, a exploração e a repressão sexual originaram-se com a monogamia. Contudo, voltar ao passado, em busca de condições ideais, é muito fácil. Simone de Beauvoir é mais honesta quando, em *O Segundo Sexo*, escreve:

“Os povos que permaneceram sob o domínio da deusa-mãe, os que conservaram o regime matrilinear são também os que pararam num estágio primitivo da civilização . . . A desvalorização da mulher [sob o patriarcado] representa um estágio necessário na história da humanidade, pois não é sobre o valor positivo dela, e sim sobre a fraqueza do homem que seu prestígio é fundamentado. Na mulher estão personificados todos os mistérios perturbadores da natureza, e o homem liberta-se de seu poder quando se liberta da natureza . . . Assim, o triunfo do patriarcado não foi nem um acaso, nem o resultado de uma revolução violenta. Desde o início da humanidade, a *superioridade biológica* dos homens permitiu-lhes afirmar seu *status* como sujeitos únicos e soberanos; nunca abdicaram dessa posição; outrora, renunciaram a uma parte de sua existência independente, em favor da Natureza e da Mulher; mas, posteriormente, recuperaram-na.” (Grifos da autora)

Acrescenta:

“Contudo, talvez se o trabalho produtivo tivesse permanecido dentro dos limites de sua resistência, a mulher poderia ter realizado com o homem a conquista da natureza . . . através de ambos, homem e mulher . . . mas, por não ter compartilhado de modo de trabalhar e de pensar dele, por ter permanecido escrava dos processos misteriosos da vida, ela não foi reconhecida pelo homem como um ser semelhante a ele.” (Grifos da autora)

Assim, a biologia reprodutora da mulher foi a responsável por sua opressão original e continuada, e não alguma espécie de revolução patriarcal inesperada, cujas origens nem o próprio Freud teve palavras para explicar. O matriarcado é um estágio no caminho para o patriarcado, para a mais plena realização do homem; o homem deixa de cultuar a Natureza, através das mulheres, para conquistá-la. Embora seja verdade que a sorte da mulher piorou consideravelmente sob o patriarcado, ela nunca foi boa; pois, apesar de toda nostalgia, não é difícil provar que o matriarcado nunca foi uma resposta para a opressão fundamental das mulheres. Basicamente, ele não passou de um meio diferente de enumerar linhagem e herança, meio que, embora possa ter trazido mais vantagens para as mulheres do que o patriarcado posterior, não admitiu as mulheres na sociedade como iguais. Ser reverenciado não significa ter liberdade<sup>1</sup>; pois o culto ainda se passa na cabeça de outro, e essa cabeça é do Homem. Contudo, voltando ao passado, embora não forneça modelos autênticos, ele tem algum valor para a compreensão da relatividade da opressão: embora essa tenha sido uma condição humana fundamental, ela apareceu sob graus diferentes, em formas diferentes. Mas, através de toda a História, em todos os estágios e tipos de cultura, as mulheres foram oprimidas devido a suas funções biológicas.

A *família patriarcal* é apenas a mais recente de uma rede de organizações sociais “primárias”, todas as quais definiram a mulher como uma espécie diferente, devido a sua capacidade única de parir. O termo *família* foi pela primeira vez empregado pelos romanos, para designar uma unidade social, onde o cabeça governava as mulheres, as crianças e os escravos. Pela lei romana, ele era investido de direitos de vida e morte sobre todos os outros. *Famulus* significa escravo doméstico, e *família* é o número total de escravos pertencentes a um homem.

1. O sofrimento da deusa foi admiravelmente retratado no filme *Devi*, de Satyajit Ray.

Mas, embora os romanos tivessem cunhado o termo, não foram eles os primeiros a desenvolver a instituição. (Leia-se no Antigo Testamento, por exemplo, a descrição da caravana de Jacó e sua família, que viaja para encontrar, depois de longa separação, o irmão gêmeo Esaú.) Esse lar patriarcal primitivo foi apenas uma das muitas variações da família patriarcal que existiram em muitas culturas diferentes até o presente momento.

Contudo, a fim de ilustrar a natureza relativa da opressão das crianças, em vez de comparar essas diferentes modalidades da família patriarcal através da História, examinaremos o desenvolvimento de sua versão mais recente, a família *nuclear patriarcal*. Até mesmo sua curta história, aproximadamente do século XIV em diante, é reveladora. O desenvolvimento de nossos valores familiares mais queridos dependeu de condições culturais, não sendo seus fundamentos de modo algum absolutos. Façamos uma revisão do desenvolvimento da família nuclear — e de sua estrutura “infância” — desde a Idade Média até o presente, baseando nossa análise em *Centuries of Childhood: A Social History of Family Life*, de Philippe Ariès.

A família nuclear moderna é apenas um desenvolvimento recente. Ariès mostra como a família, como a conhecemos hoje, não existiu na Idade Média, desenvolvendo-se gradativamente somente do século XIV em diante. Até então a “família” significava, primordialmente, a linha hereditária legal de uma pessoa, dando-se ênfase à linhagem de sangue, em vez de à unidade conjugal. Com respeito a essas legalidades, como a transmissão da propriedade, sua função primária, havia comunhão de bens entre o marido e a esposa, e comunhão de propriedade entre os herdeiros. Somente por volta do fim da Idade Média, com o aumento da autoridade paterna na família burguesa, foi abolida a comunhão de bens entre o casal, e a comunhão de propriedade entre os filhos deu lugar às leis de primogenitura. Ariès mostra como a iconografia refletia os valores correntes da sociedade na Idade Média: os modelos eram ou composições solitárias, ou grandes agrupamentos de pessoas

alegres em lugares públicos. Há uma escassez de cenas de interior, pois a vida não acontecia dentro de uma “casa”. Pois naquela época não havia abrigo num “grupo primário” privado. Na tradição do lar patriarcal antigo, o grupo familiar era composto de grande número de pessoas, num constante estado de fluxo, e, na classe dos homens pobres, era formado de massas inteiras de servos, vassallos, músicos, pessoas de todas as classes, bem como de muitos animais. Embora o indivíduo pudesse se retirar dessa constante interação social, através da vida espiritual ou acadêmica, mesmo aí havia uma comunidade, da qual ele poderia participar.

Essa família medieval — descendente direta das classes mais altas, e, nas classes mais baixas, nada mais do que um par conjugal plantado no meio da comunidade — gradativamente evoluiu para a família nuclear que conhecemos. Ariès descreve a mudança:

“Era como se um organismo polimorfo rígido se tivesse fragmentado e sido substituído por uma grande quantidade de pequenas sociedades, as famílias, e por uns poucos grupos compactos, as classes.”

Essa transformação provocou mudanças culturais profundas, bem como afetou a própria estrutura psicológica do indivíduo. Até a visão do ciclo vital do indivíduo evoluiu culturalmente, p. ex., a “adolescência”, que nunca tinha existido antes, entrou em uso. O mais importante desses novos conceitos de fases da vida foi a infância.

## 1. *O Mito da Infância*

Na Idade Média não havia esse conceito de infância. A visão medieval sobre as crianças era profundamente diferente da nossa. Não se trata apenas de que ela não fosse “centrada na criança”; literalmente, não tinha consciência da criança como distinta do adulto.

Os meninos e meninas da iconografia medieval são adultos em miniatura, refletindo uma realidade social completamente diferente. As crianças, nessa época, eram adultos pequenos, portadoras de quaisquer que fossem a classe e o nome com o qual tivessem nascido, destinadas a ascender a uma posição social claramente delimitada. Uma criança via a si mesma como o futuro adulto, passando por seus estágios de aprendizado; o adulto era o futuro *self* poderoso de “quando ela era pequena”. Ela avançava nos vários estágios de seu papel adulto quase que automaticamente.

As crianças eram tão pouco diferenciadas dos adultos, que não havia um vocabulário específico para descrevê-las. Elas compartilhavam o vocabulário da submissão feudal. Só mais tarde, com a introdução da infância como um estado distinto, esse vocabulário misturado se diferenciou. A confusão se baseava na realidade: as crianças diferenciavam-se socialmente dos adultos, apenas por sua dependência econômica. Eram tratadas como uma outra classe servente transitória, com a diferença de que, pelo fato de todos os adultos começarem nessa classe, ela não era vista como degradante (um equivalente seria o aprendiz contratado da história americana). *Todas* as crianças eram literalmente servas; este era seu aprendizado para a maturidade. (Assim, durante um longo período depois, na França, servir a mesa não era considerado degradante porque tinha sido praticado como uma arte por toda a jovem aristocracia.) Essa experiência comum das crianças e servos e a tradicional intimidade entre eles foi deplorada até o século XX. Como as classes cresceram cada vez mais isoladas umas das outras, essa intimidade prolongada foi considerada a causa da considerável corrupção moral das crianças das classes alta e média.

A criança era um membro à parte no vasto lar patriarcal, sequer essencial para a vida familiar. Em todas as famílias, a criança era amamentada por um estranho e, depois, enviada para uma outra casa (aproximadamente, dos sete até os quatorze a dezoito anos) para fazer o aprendizado de dono de casa, como mencionei,

geralmente constituindo-se do serviço doméstico, ou o incluindo. Assim, ela nunca desenvolvia uma dependência excessiva dos pais. Eles eram responsáveis apenas pelo mínimo de seu bem-estar físico. E, por sua vez, não “precisavam” dos filhos — certamente os filhos não recebiam afeição da parte deles. Pois, além da taxa de mortalidade infantil, que, por si só, desencorajaria essas demonstrações de afeto, os pais educavam *filhos de outras pessoas* para a vida adulta. E, por serem os lares assim tão extensos, cheios de vários empregados-de-casa, bem como de um constante grupo de visitantes, amigos e clientes, a dependência de uma criança, ou mesmo seu contato com qualquer um dos pais especificamente era limitada. Quando uma relação se desenvolvia, ela poderia ser melhor descrita como avuncular.

A transmissão de uma geração para a outra era assegurada pela participação diária das crianças na vida adulta. As crianças nunca eram segregadas em quartos, escolas ou atividades especiais. Uma vez que o objetivo era preparar a criança para a vida adulta logo que possível, era bastante razoável que essa segregação fosse sentida como um atraso, ou como um bloqueio a uma perspectiva adulta. Logo que possível, a criança era integrada na comunidade, em todos os níveis. Não havia brinquedos, jogos, ou roupas especiais, nem aulas planejadas só para crianças. Os jogos eram partilhados com grupos de todas as idades. As crianças participavam das festividades da comunidade adulta. As escolas (só para habilidades especializadas) conferiam o aprendizado para quem quer que estivesse interessado, qualquer que fosse a sua idade. O sistema de aprendizado era aberto tanto para as crianças, quanto para os adultos.

Depois do século XIV, com o desenvolvimento da burguesia e da ciência empírica, essa situação começou a evoluir lentamente. O conceito de infância desenvolveu-se como um acessório da família moderna. Foi articulado um vocabulário para descrever as crianças e a infância (p. ex., o francês *le bébé*), e um outro vocabulário foi criado especialmente para dirigir-se às crianças. O “infantilês” tornou-se moda durante o século XVII.

(Desde então, ele se expandiu numa arte e num modo de vida. Existem todos os tipos de requintes modernos nessa linguagem infantil. Algumas pessoas nunca passam sem ela, e é usada especialmente com as namoradas, que são tratadas como crianças crescidas.) Os brinquedos para criança não apareceram antes de 1600, e mesmo nessa época não eram usados além da idade de três ou quatro anos. Os primeiros brinquedos eram apenas réplicas, do tamanho das crianças, dos objetos dos adultos: o cavalinho-de-pau substituiu o cavalo real que a criança era muito pequena para montar. Mas, ao fim do século XVII, encontramos a introdução de jogos especiais para crianças. (Na verdade, eles significavam apenas uma divisão: certos jogos, anteriormente partilhados por crianças e adultos, foram cedidos pelos adultos às crianças e à classe baixa, enquanto que outros jogos foram acolhidos, a partir de então pelos adultos, para seu uso exclusivo, tornando-se os “jogos de salão” dos adultos das classes altas.)

Assim, durante o século XVII, a infância, como um conceito novo e da moda, estava “por dentro”. Ariès mostra como a iconografia também reflete a mudança, por exemplo, com o crescimento gradativo das glorificadas pinturas da relação mãe/filho, como *O Infante nos Braços de Maria*, ou, mais tarde, nos séculos XV e XVI, com as pinturas de interiores e de cenas de família, incluindo até retratos individualizados de crianças, e da parafernália da infância. Rousseau, entre outros, desenvolveu uma ideologia da “infância”. Grande importância foi conferida à pureza e à “inocência” das crianças. As pessoas começaram a se preocupar com a exposição das crianças ao vício. O “respeito” pelas crianças, assim como pelas mulheres, desconhecido antes do século XVI, quando elas eram ainda parte da sociedade em geral, tornou-se necessário, agora que elas formavam um grupo oprimido bem definido. Seu isolamento e segregação tinham-se instalado. A nova família burguesa, centrada na criança, impôs uma supervisão constante sobre ela; toda a independência anterior foi abolida.

O significado dessas mudanças é ilustrado pela história da indumentária das crianças. A roupa era um modo de simbolizar a classe e a prosperidade social — e continua sendo, sobretudo para as mulheres. O temor até hoje existente, sobretudo na Europa, de qualquer impropriedade no vestir deve-se, em primeiro lugar, à impropriedade de “dissolver as classes sociais”. E, nos tempos em que as roupas eram caras e a produção em série desconhecida, essa função do vestir era ainda maior. Pelo fato de os trajes descreverem tão vividamente as disparidades de sexo e classe, a história da moda para crianças nos fornece chaves valiosas sobre o que estava acontecendo com elas.

Os primeiros trajes especiais para crianças apareceram no fim do século XVI, data importante na formação do conceito de infância. Inicialmente, os trajes de crianças eram modelados de acordo com os trajes arcaicos dos adultos, à maneira da classe baixa, que também vestia as roupas usadas da aristocracia. Tais arcaísmos simbolizavam a crescente exclusão das crianças e do proletariado da vida pública contemporânea. Antes da Revolução Francesa, quando foram introduzidas calças especiais de marinheiro, que mais tarde passaram a diferenciar a classe baixa, encontramos a mesma indumentária difundida entre meninos das classes altas. Isso é importante, porque ilustra bem nitidamente que as crianças da classe alta constituíam uma classe baixa dentro dessa classe. Essa diferenciação do vestuário funciona para intensificar a segregação e deixa claro que as distinções de classe são também corroboradas por um costume dos séculos XVII e XVIII, inexplicável em outras circunstâncias: deveriam ser usadas duas fitas largas, pelo menino e pela menina, presas à roupa, sobre cada ombro, e estendidas até as costas. Essas fitas aparentemente não tinham outra função senão servir de indicações de indumentária da infância.

A roupa do menino, mais do que as outras, revela a conexão do sexo e da infância com a classe econômica. Um garoto passava aproximadamente por três está-

gios. O menino passava das tiras-de-pano\* para vestes femininas; mais ou menos na idade de cinco anos mudava para uma roupa com alguns elementos da roupa do homem adulto, p. ex., o colarinho; e, finalmente, já mais velho, passava a usar todos os emblemas militares. A roupa vestida pelo menino mais velho, na época de Luís XVI, era, ao mesmo tempo, antiquada (gola da Renascença), da classe baixa (calças de marinheiro), e masculinamente militar (jaqueta e botões). O vestuário tornou-se uma outra forma de iniciação à masculinidade, com a criança, em termos modernos, começando a avançar na direção das “calças compridas”.

Esses estágios de iniciação à masculinidade, refletidos na história da indumentária infantil, estão claramente ligados ao Complexo de Édipo, como eu o expus no capítulo anterior. Os meninos começavam a vida na classe baixa das mulheres. Vestidos como mulheres, não se distinguiam absolutamente das meninas. Ambos, nesse momento, se identificavam com a mãe, a fêmea; ambos brincavam de boneca. Aproximadamente na idade de cinco anos, são feitas tentativas para afastar o menino da mãe, para encorajá-lo, lentamente, passo a passo, a imitar o pai, p. ex., com a gola masculina. Esse é o período transitório do Complexo de Édipo. Finalmente, o menino é recompensado por libertar-se do feminino, e por transferir suas identificações para o homem, através de um traje especial “adulto”, seus emblemas militares constituem uma promessa do futuro e pleno poder masculino adulto.

Que dizer dos trajes das meninas? Eis um fato surpreendente: *o conceito de infância não se aplicava às mulheres*. A menina passava das tiras-de-pano para o vestido feminino adulto. Ela não ia à escola, que, como veremos, era a instituição que estruturava a infância. Na idade de nove a dez anos, agia, literalmente, como uma “mocinha”; sua atividade não diferia da das mulheres adultas. Logo que atingia a puberdade, aos dez ou doze

anos, ela se casava com um homem muito mais velho do que ela.

O sistema de classes, na base do conceito de infância, fica exposto: as meninas e os meninos da classe proletária, ambos, não tinham que ser discriminados por indumentárias características, pois em seus papéis adultos eles seriam subservientes aos homens da classe alta; não era necessária nenhuma iniciação à liberdade. As meninas não tinham razão para passar por mudanças de trajes, quando não havia nada em direção *a que* elas crescerem. As mulheres adultas estavam ainda numa classe baixa, em relação aos homens. As crianças da classe operária, e isso mesmo até à época atual, eram livres de restrições de indumentária, pois seus modelos adultos também eram “crianças” em relação à classe dominante. Embora os meninos das classes média e alta compartilhassem temporariamente do *status* das mulheres e da classe operária, gradativamente emergiam dessas classes submissas; as mulheres e os meninos da classe baixa permaneciam aí. Não é tampouco por coincidência que a efeminização das roupas dos meninos foi abolida na mesma época em que as feministas excitaram a opinião pública, no sentido de acabar com as roupas opressivas das mulheres. Ambos os estilos de indumentária estavam inteiramente ligados à submissão das classes e à inferioridade dos papéis femininos. O pequeno Lord Fauntleroy foi-se junto com as anáguas. (Entretanto, meu próprio pai se lembra do seu primeiro dia de calças compridas e até hoje, em alguns países europeus, esses costumes de iniciação no vestir ainda são praticados.)

Podemos também compreender a base de classes do conceito emergente de infância no sistema de educação que o acompanhou. Se a infância fosse apenas um conceito abstrato, então a escola moderna seria a instituição encarregada de estabelecê-la na realidade. Novos conceitos sobre o ciclo vital se organizam, em nossa sociedade, em torno de instituições; p. ex., a adolescência, uma construção do século XX, foi estabelecida para facilitar o recrutamento para o serviço militar.) A educação da escola moderna foi, na verdade, a articulação do

\* Usadas para enrolar os bebês. (N.T.)

novo conceito de infância. O ensino foi redefinido. Não sendo mais confiado ao clero e aos letrados, ele se ampliou largamente, para tornar-se o instrumento normal de iniciação social — na evolução da infância até a *maioridade* masculina. (Aqueles aos quais a verdadeira maturidade nunca era solicitada, p.ex., as moças e rapazes da classe operária, não freqüentaram a escola durante vários séculos.<sup>2</sup>)

Contrariamente à opinião popular, o desenvolvimento da escola moderna teve pouca conexão com a cultura tradicional da Idade Média, bem como com o desenvolvimento das artes liberais e das humanidades na Renascença. (De fato, os humanistas da Renascença foram notados pela inclusão, em suas fileiras, de muitas crianças precoces e mulheres dotas; deram ênfase ao desenvolvimento do indivíduo, qualquer que fosse a sua idade ou sexo.) Segundo Ariès, os historiadores da literatura exageram a importância da tradição humanista na estruturação de nossas escolas. Os verdadeiros criadores e inovadores foram os moralistas e pedagogos do século XVII, os jesuítas, os oratorianos e os jansenistas. Esses homens estiveram à frente da criação de ambos os conceitos de infância e sua institucionalização, e do conceito moderno de edu-

2. Vestígios destes costumes permanecem até em nossos próprios dias. Os garotos da classe operária tendem a se tornar comerciantes, mecânicos, ou equivalentes modernos disso, em vez de se envolverem num *booklearnin\**, para eles inútil. Isto é um remanescente da época em que as crianças da classe baixa ainda seguiam um sistema de aprendizado, ao passo que as crianças da classe média tinham começado a freqüentar a escola moderna. (Não é por acaso tampouco que tantos grandes artistas da Renascença foram garotos da classe baixa, treinados nas oficinas dos “mestres”.) Podemos também encontrar remanescentes dessa história no nosso exército atual, onde estão concentrados os extremos da sociedade de classes. De um lado, jovens “escapistas” da classe operária, e do outro, oficiais da classe alta, cadetes militares da aristocracia — pois a aristocracia tanto quanto o proletariado tardaram em adotar a estrutura familiar e o ensino público da burguesia.

\* Pronúncia da classe baixa para a palavra *booklearning*, que significa cultura livresca. (N.T.)

cação. Foram os primeiros patronos da fragilidade e da “inocência” da infância; colocaram a infância num pedestal, do mesmo modo como a feminilidade tinha sido posta num pedestal; pregaram a segregação das crianças do mundo adulto. A “disciplina” era a linha mestra da educação moderna, afinal muito mais importante do que a comunicação do saber ou da informação. Pois, para eles, a disciplina era um instrumento de progresso moral e espiritual, adequada menos por sua eficiência em dirigir grupos grandes no trabalho em comum do que por seu valor intrínseco moral e ascético.

Assim, a função da escola tornou-se a “educação das crianças”, acrescida da disciplinadora “psicologia infantil”. Ariès cita *Regulations for Boarders at Port-Royal*, um precursor de nossos manuais de treinamento para professores:

“Deve ser mantida uma vigilância cerrada sobre as crianças, e elas nunca devem ser deixadas sozinhas em lugar nenhum, encontrem-se mau ou bem de saúde... essa supervisão constante deverá ser exercida imperceptivelmente e com uma certa confiança *calculada* para fazê-las pensar que nós as amamos, e que estamos com elas somente para desfrutar de sua companhia. Isso as fará amar sua supervisão, em vez de temê-la.” (Grifo da autora)

Essa passagem, escrita em 1612, já manifesta o tom afetado da moderna psicologia infantil, e a distância peculiar entre adultos e crianças, naquela época esboçada, mas hoje completamente inconsciente.

A nova educação segregava, efetivamente, as crianças do mundo adulto, por períodos de tempo cada vez maiores. Mas essa segregação da criança do mundo adulto — e o severo processo de iniciação exigia que se efetuasse a transição para a vida adulta — indicava um desrespeito crescente, uma subestimação sistemática das capacidades da criança.

A precocidade, tão comum na Idade Média, e ainda durante algum tempo depois, reduziu-se quase a zero



em nossa época.<sup>3</sup> Hoje, por exemplo, a proeza de Mozart, de ser uma criança compositora, é quase inacreditável. Na sua própria época, ele não era tão fora do comum. Muitas crianças tocavam e compunham música seriamente nessa época, e também se envolviam em muitas outras atividades “adultas”. Nossas aulas de piano de hoje não são de modo algum comparáveis àquelas. Na verdade, são apenas indicações da opressão infantil — do mesmo modo como os tradicionais “dotes femininos”, como o bordado, eram atividades superficiais — dizendo-nos apenas da submissão da criança aos caprichos dos adultos. E é significativo o fato de que esses “talentos” sejam em geral mais cultivados nas meninas do que nos meninos; quando os meninos estudam piano, na maioria das vezes, é porque são excepcionalmente dotados, ou porque seus pais são apreciadores de música.

Ariès cita Heroard, em *Journal sur L'Enfance et La Jeunesse de Louis XIII*, o relato detalhado dos anos de infância do Delfim, escrito por seu médico. Conta como o Delfim tocava violino e cantava na idade de *dezessete meses*. Contudo, o Delfim não era um gênio, mais tarde comprovando não ser, certamente, mais inteligente do que qualquer membro da aristocracia. E tocar violino não era tudo o que ele fazia. O registro da vida infantil do Delfim, nascido em 1601 — de inteligência média apenas — mostra-nos como subestimamos a capacidade das crianças. Descobrimos que, na mesma idade em que tocava violino também jogava *mall*, o equivalente do golfe para os adultos daquela época, bem como tênis; jogava jogos de estratégia militar. Respectivamente aos três e quatro anos, aprendeu a ler e a escrever. Aos cinco e seis, embora ainda brincasse com bonecas (!), praticava arco e flecha, jogava cartas e xadrez (aos seis anos) com os adultos, e jogava muitos outros jogos adultos. Logo que começou a falar, juntava-se como um igual aos adultos, em todas

3. No meio judeu ortodoxo, no qual eu cresci, considerado anacrônico pelas pessoas de fora, muitos meninos ainda iniciam um estudo sério antes dos cinco anos de idade, e em consequência são comuns os prodígios talmúdicos.

as suas atividades (tais como eram), dançando profissionalmente, atuando e participando em todas as diversões. Aos sete anos o Delfim começou a usar roupas de homens adultos, as bonecas lhe foram tiradas, e iniciou-se sua educação, sob a orientação de tutores homens; começou a caçar, a andar a cavalo, a atirar e a jogar. Mas Ariès diz:

“Devemos ter cuidado para não exagerar [a importância de seus sete anos]. Apesar de ter parado de tocar, ou de ter parado de brincar com suas bonecas, o Delfim continuou levando a mesma vida de antes . . . Antes dos sete anos, bonecas e brinquedos alemães; depois dos sete, caçadas, equitação, esgrima e possivelmente teatro; a mudança foi quase imperceptível nessa longa sucessão de passatempos que a criança compartilhou com os adultos.”

O que me parece mais evidente nessa descrição é que antes do advento da família nuclear e da educação moderna, a infância era o mínimo possível distinta da vida adulta. A criança aprendia diretamente com os adultos ao seu redor, emergindo, logo que fosse capaz, na sociedade adulta. Cerca dos sete anos, havia alguma diferenciação de papéis sexuais — isto tinha que começar nalgum momento, dado o patriarcado em vigor, mas ainda não era complicado pela posição das crianças como uma classe inferior. Até então, havia uma distinção apenas entre homens e mulheres, e ainda não entre crianças e adultos. Num outro século, esta situação começou a mudar, assim como a opressão das mulheres e das crianças se entrelaçou cada vez mais.

Sumariando, com o início da família nuclear, centrada na criança, tornou-se necessária uma instituição para estruturar a “infância”, que mantivesse as crianças sob a jurisdição dos pais, tanto quanto fosse possível. As escolas se multiplicaram, substituindo a erudição e o aprendizado prático por uma educação teórica, cuja função era “disciplinar” as crianças, em vez de comunicar o saber, para o próprio benefício delas. Desse modo, não é surpreendente que *a educação moderna retarde o desenvolvimento, em vez de acelerá-lo*. Ao afastar as crianças do mundo adulto — os adultos, no fim das contas, são

meramente crianças em tamanho maior, com uma experiência do mundo — e ao submetê-las artificialmente a uma proporção na qual cada adulto vale por vinte crianças, como poderia ter sido diferente o resultado final de um nivelamento do grupo a uma inteligência mediana (mediocre)? Como se isso não bastasse, depois do século XVIII houve uma rígida separação e distinção de idades (“séries escolares”). As crianças não eram mais capazes de aprender nem com crianças mais velhas e mais informadas. Estavam limitadas, na maior parte de suas horas ativas, a um grupo bem definido da mesma idade,<sup>4</sup> e, além disso, a um currículo dado “de bandeja”. Essa graduação rígida aumentou o número de níveis necessários para a iniciação na vida adulta, e tornou difícil para uma criança dirigir seus próprios passos. Sua motivação para o estudo passou a se caracterizar por ser dirigida para fora, e por uma consciência de aprovação, assassinas certeiras da originalidade. As crianças, anteriormente vistas simplesmente como pessoas mais novas — do mesmo modo como hoje vemos um fedelho meio crescido em termos de sua maturidade futura — agora eram uma classe bem definida, com suas próprias divisões internas, incentivando à competição: “o garoto mais alto do quarteirão”, “o garoto mais inteligente da escola”, etc. As crianças eram forçadas a pensar em termos hierárquicos, todos avaliados pelo supremo “Quando eu crescer. . .” Assim, o crescimento da escola refletia o mundo exterior, que estava se tornando cada vez mais segregado, de acordo com a idade e a classe da pessoa.

\* \* \*

Concluindo: o desenvolvimento da família moderna significou o desdobramento de uma sociedade ampla e integrada em unidades pequenas, centradas em si mesmas.

4. Isto é levado a extremos nas escolas públicas contemporâneas, onde crianças perfeitamente preparadas para o ensino são recusadas durante um ano inteiro porque sua data de nascimento cai uns poucos dias antes de uma data arbitrária.

Dentro dessas unidades conjugais, a criança tornou-se então importante, pois ela era o produto dessa unidade, a razão de sua subsistência. Tornou-se conveniente mantê-las em casa durante o máximo de tempo possível, e amarrá-las psicológica, financeira e emocionalmente à unidade familiar até o tempo em que estivessem prontas para criar uma nova unidade familiar. Para esse propósito foi criada a Era da Infância. Mais tarde, foram acrescentadas extensões, como a adolescência, ou, em termos americanos do século XX, os *teenagers*, a “juventude universitária”, os “adultos jovens”. O conceito de infância prescrevia que as crianças eram uma espécie diferente da dos adultos não apenas na idade, mas também nas suas características. Uma ideologia foi desenvolvida para provar isso: foram escritos tratados fantasiosos sobre a inocência das crianças e sua proximidade de Deus (“anjos”), conseqüentemente levando à crença de que eram assexuadas, sendo a atividade sexual infantil vista como uma aberração — tudo em contraste violento com o período precedente, quando as crianças eram expostas aos fatos da vida, desde o início.<sup>5</sup> Pois qualquer admissão da sexualidade infantil teria acelerado a transição para a vida adulta, e isso, na época, tinha que ser retardado a todo custo. O desenvolvimento de roupas especiais cedo exagerou as diferenças físicas entre as crianças e os adultos, e até entre estas e as crianças mais velhas. As crianças não jogavam mais os mesmos jogos dos adultos, nem participavam de suas festividades (hoje, normalmente as crianças não freqüentam jantares elegantes), mas lhes eram consagrados jogos especiais e artefatos próprios (brinquedos). O contar histórias, antigamente uma arte comunitária, foi relegado às crianças, levando, em nossa própria época, à criação de uma literatura infantil específica. Os adultos falavam com as crianças numa linguagem especial, e nunca se lançavam numa conversa séria

5. Ver Ariès, *op. cit.*, Capítulo V, “From Immodesty to Innocence”, para uma descrição detalhada desta exposição, baseada nas experiências sexuais do Delfim, como está registrado no *Heroard Journal*.

na presença delas (“Não na frente das crianças!”). Os “bons-hábitos” de sujeição eram instituídos em casa (“As crianças deveriam ser vistas e não ouvidas.”) Mas nada disso teria atuado no sentido de fazer efetivamente das crianças uma classe oprimida, se uma instituição especial não tivesse sido criada para dar conta do recado completamente: a escola moderna.

A ideologia da escola era a ideologia da infância. Ela funcionava a partir do pressuposto de que as crianças precisavam de “disciplina”, de que eram seres especiais, que tinham de ser tratados de um modo especial (psicologia infantil, educação infantil, etc.), e que, para facilitar isso, elas deveriam ser encurraladas num lugar especial com seus semelhantes, e com um grupo de idade o mais que possível restrito à sua própria idade. A escola foi a instituição que estruturou a infância, segregando efetivamente as crianças do resto da sociedade, e assim retardando seu desenvolvimento para a maturidade e seu desenvolvimento de habilidades especializadas, das quais a sociedade precisava. Em conseqüência, elas permaneceram economicamente dependentes por períodos de tempo cada vez maiores. Desse modo, os laços familiares permaneceram intactos.

Chamei a atenção para o fato de que existe uma relação profunda entre as hierarquias da família e as classes econômicas. Engels observou que, dentro da família, o marido é o burguês, e a mulher e as crianças são o proletariado. Foram observadas similaridades entre as crianças e toda a classe operária ou outros grupos oprimidos, feitos estudos para mostrar que elas compartilham da mesma psicologia. Vimos como o desenvolvimento das roupas proletárias foi paralelo ao das roupas infantis, como os jogos deixados pelos adultos da classe alta foram jogados pelas crianças e pelos “caipiras”. Dizia-se de ambos que gostavam de trabalhar “com as mãos”, contrariamente às altas cerebrações do homem adulto, abstrações acima deles. Foi-lhes lembrado a ambos que tinham a sorte de serem poupados das preocupações da responsabilidade adulta — e ambos o desejavam de qualquer jeito. As relações com a classe dominante, em ambos os

casos, tinham um quê de medo, de suspeita, disfarçados sob uma leve capa de sedução (o adorável balbucio, o virar-de-olhos, e o pisa-mansinho).

O mito da infância encontra um paralelo ainda maior no mito da feminilidade. Tanto as mulheres quanto as crianças foram consideradas assexuadas e, portanto, “mais puras” do que o homem. Seu *status* inferior foi mal disfarçado sob um certo “respeito” requintado. Não se discutiam assuntos sérios, nem se faziam injúrias na frente das mulheres e das crianças. Elas eram rebaixadas *abertamente*; isto era feito às suas costas. (Quanto ao *double standard*,\* relativo aos xingamentos: Um homem pode xingar o mundo, porque cabe a ele xingar — mas o mesmo xingamento na boca de uma mulher ou de um menor, i.e., um “homem” incompleto a quem o mundo ainda não pertence, é considerado presunçoso, e, conseqüentemente, uma impropriedade, ou pior.) Ambas foram discriminadas com roupas ornamentadas e não-funcionais, e lhes foram atribuídas tarefas especiais (respectivamente, o serviço doméstico e o dever escolar). Ambas foram consideradas mentalmente deficientes (“O que você pode esperar de uma mulher?” “Ele é muito pequeno para entender!”). O pedestal de adoração no qual ambas foram colocadas tornou difícil para que respirassem. Cada interação com o mundo adulto tornou-se para as crianças um dançar conforme a música. Aprenderam a usar de sua infância para obter o que queriam indiretamente (“Ela está tendo um outro acesso de raiva!”), assim como as mulheres aprenderam a usar de sua feminilidade (“Lá vem ela, chorando de novo!”). Todas as incursões no mundo adulto tornaram-se terríveis expedições pela sobrevivência. A diferença entre o comportamento natural das crianças, dentro de seu grupo, e seu comportamento afetado e/ou tímido diante dos adultos confirma isso. Analogamente, as mulheres agem de um modo diferente entre si, do que diante dos homens. Em cada caso, uma diferença física foi ampliada culturalmente, com a ajuda

\* Ver N.T. à página 260. (N.T.)

de trajes especiais, educação, hábitos e atividades, até que esse próprio reforço cultural começou a parecer “natural”, e mesmo instintivo, um processo de exagero que permite uma estereotipação fácil. O indivíduo parece, finalmente, ser uma espécie diferente do animal humano, com seu próprio conjunto de leis e comportamentos peculiares. (“Eu nunca compreenderei as mulheres!”... “Você não entende nada de psicologia infantil!”).

A gíria contemporânea reflete esse estado animal. As crianças são “ratinhos”, “coelhinhos”, “gatinhos”; as mulheres são chamadas de “galinhas”, “borboletas”, “vacas”, “éguas”, “cadelas”. Uma terminologia similar é usada para referir-se aos homens, e ainda em maior escala para referir-se aos homens oprimidos, indicando uma difamação do caráter: garanhão, lobo, gavião, veado, macaco. Nesse caso ela é usada muito mais raramente, e geralmente com uma conotação sexual específica.

Pelo fato de a opressão de classe das mulheres e das crianças ser encoberta na fraseologia do “engraçadinho”, é muito mais difícil lutar do que revelar a opressão. O que uma criança pode responder, quando alguma tia idiota resolve encarnar nela, ou quando algum estranho decide bater levemente às suas costas e imitar a fala do bebê? Que mulher tem peito de reagir, quando um estranho que passa por ela viola a sua privacidade, a seu bel-prazer? Se ela responde ao seu “Mas como você está linda hoje!” com “Estaria melhor se não o visse!”, ele rosnará: “O que mordeu essa puta hoje?”, ou pior. Frequentemente, a natureza real desses comentários aparentemente cordiais aparece quando a mulher ou a criança não sorriem em resposta, como deveriam. “Mulher de merda! Eu não te foderia, nem se você se engraçasse pro meu lado!”... Ou: “Pirralhinho nojento! Se eu fosse seu pai, eu te surrava até você ficar roxo!”... A violência é surpreendente. Contudo, esses homens acham que a mulher e a criança devem ser censuradas por não serem “cordiais”. Porque é incômodo para eles saber que a mulher, ou a criança, ou o negro, ou o operário resmungam; os grupos oprimidos devem também aparentar gostar de sua opressão — sorrindo, sem graça, embora sintam um infer-

no por dentro. O sorriso é o equivalente ao pisa-mansinho da criança/mulher; ele indica a aquiescência da vítima ao seu próprio opressor. (Em meu próprio caso, tive que treinar para me libertar desse sorriso hipócrita, que é como um tique nervoso em toda adolescente. E isso quer dizer que eu sorria raramente, pois, na verdade, eu tinha muito menos razões para sorrir. Minha luta “utópica” pelo movimento de libertação das mulheres: uma campanha de *boicote ao sorriso*, à qual todas as mulheres responderiam, imediatamente, abandonando seus sorrisos “amáveis”, daí em diante sorrindo somente quando alguma coisa lhes desse prazer. Da mesma maneira, a libertação das crianças exigiria pôr um fim em todos os carinhos não ditados pela própria criança. [Isso, naturalmente, exaltaria uma sociedade, na qual o carinho em geral não seria mais desaprovado; em geral, as únicas demonstrações de afeto que uma criança recebe hoje são essas demonstrações fingidas, que ela pode ainda considerar melhor do que nada.] Muitos homens não conseguem compreender que suas intimidades fáceis não são vistas como um privilégio. Será que eles já pensaram que a pessoa real, por trás daquele animal neném ou mulher, pode preferir não ser acariciada, e nem mesmo notada por eles naquele momento? Imaginem a própria consternação desse homem, se algum estranho se aproximasse dele na rua, de um modo semelhante, acompanhando seus passos, sussurrando e falando como criança, sem respeito por sua profissão, ou sua “masculinidade”.

Em suma: se os membros da classe operária e dos grupos minoritários “agem como crianças”, é porque as crianças de todas as classes são uma classe baixa, assim como as mulheres sempre o foram. A ascensão da família nuclear moderna, com seu acessório a “infância”, estreitou os laços entre os grupos ainda economicamente dependentes, estendendo e reforçando o que tinha sido apenas uma breve dependência, através dos meios habituais: o desenvolvimento de uma ideologia específica, de um estilo de vida próprio, linguagem, roupas, maneirismo, etc. E, com o aumento e o exagero da dependência infantil, a escravidão das mulheres à maternidade também foi

ampliada até seus limites. As mulheres e as crianças encontram-se hoje no mesmo barco furado. Suas opressões começaram a se reforçar, uma à outra. À mística das glórias do parto, da grandeza da criatividade “natural” feminina, acrescentou-se agora uma nova mística sobre as glórias da própria infância e da “criatividade” da *educação* das crianças. (“Pois bem querida, o que poderia ser mais criativo do que criar uma criança?”) Hoje as pessoas esqueceram o que a História tinha provado: que “criar” uma criança é o equivalente a retardar seu desenvolvimento. O melhor modo de criar uma criança é **DEIXÁ-LA EM PAZ.**

## 2. *Nossa Época: o Mito é Exagerado*

Vimos como a crescente privatização da vida familiar trouxe ainda mais opressão aos seus dependentes, as mulheres e as crianças. Os mitos correlacionados da feminilidade e da infância foram os instrumentos dessa opressão. Na Era Vitoriana eles alcançaram proporções tão épicas que as mulheres finalmente se rebelaram — sua rebelião afetou periféricamente a infância. Mas a rebelião foi destruída antes que ela pudesse eliminar esses mitos. Eles ficaram subterrâneos, até reaparecerem numa versão mais insidiosa, complicada pelo consumo de massa. Pois, de fato, nada tinha mudado. No Capítulo 2 descrevi como a emancipação das mulheres foi sutilmente sabotada. A mesma coisa ocorreu com a opressão corolária da “infância”.

A pseudo-emancipação das crianças equipara-se perfeitamente à pseudo-emancipação das mulheres. Embora tenhamos abolido todos os sinais superficiais de opressão — as roupas diferenciadas e pesadas, a palmatória do mestre-escola — não há dúvida de que o mito da infância prospera em proporções épicas, no estilo do século XX. Indústrias completas são construídas para a fabricação de brinquedos especiais, jogos, alimentação para criança, café da manhã infantil, livros e histórias em

quadrinhos infantis, balas atraentes para as crianças, etc. Analistas de mercado estudam psicologia infantil para descobrir produtos que atraiam as crianças de várias idades. Existe uma propaganda, um cinema e uma indústria de TV construídos só para elas, com sua própria literatura especial, programas e comerciais, e até conselhos de censura para decidir exatamente quais os produtos culturais adequados ao seu consumo. Há uma proliferação infindável de livros e revistas instruindo o leigo na requintada arte de educar as crianças (*Parent's Magazine*, do Dr. Spock\*). Há especialistas em psicologia infantil, em métodos de educação infantil, pediatras, e todos os ramos especiais de saber que se desenvolveram recentemente para estudar esse animal peculiar. A educação obrigatória floresce e hoje está difundida o suficiente para formar uma inevitável rede de socialização (lavagem cerebral), da qual nem os próprios ricos conseguem escapar totalmente. Passaram os dias de Huckleberry Finn. Hoje, os que fingem ser doentes para escapar ao trabalho, ou que se desligam, têm que gastar todo o tempo para afastar o enxame de especialistas que os observam, os programas governamentais em proliferação, os assistentes-sociais no seu encaixo.

Observemos mais de perto a forma moderna que essa ideologia da infância assume. Visualmente, ela é tão robusta, loura e sorridente, quanto um anúncio da Kodak. Como é o caso da exploração das mulheres como um objeto (*ready-made*), como uma classe consumidora, existem muitas indústrias ansiosas por beneficiar-se da vulnerabilidade física das crianças (p.ex., a Aspirina St. Joseph, para crianças). Mas, ainda mais do que sua saúde, a palavra-chave para a compreensão da infância moderna é *felicidade*. Só se é criança uma vez na vida. As crianças devem ser personificações vivas da felicidade (as crianças mal-humoradas, ou entediadas, ou crianças-problema são imediatamente antipatizadas; elas fazem do mito uma mentira). É dever de todos os pais propiciar aos filhos

\* Do gênero *Pais e Filhos* brasileiro (N.T.)

uma infância memorável (balanços, piscinas infláveis, brinquedos e jogos, passeios em acampamentos, festas de aniversário, etc.). Essa é a Idade de Ouro, que a criança lembrará quando crescer para tornar-se um robô como o pai. Assim, todo pai tenta dar ao filho tudo o que lhe faltou naquela que deveria ter sido a mais esplêndida fase da própria vida. O culto da infância como Idade de Ouro é tão forte que todas as outras épocas da vida são aviladas em função do grau com que se assemelham a ela num culto nacional da juventude. Os “mais velhos” fazem papel de bobo com sua apologética invejosa (“É claro que eu tenho o dobro da sua idade, meu caro, mas. . .”). Há uma crença geral de que o progresso se fez porque, pelo menos em nossa época, as crianças foram libertas da pesada mão-de-obra infantil, e de muitas outras explorações tradicionais das gerações do passado. De fato, existe ainda a lamentação invejosa de que as crianças estão despertando uma atenção excessiva. Elas são mimadas. (O “Quando eu tinha a sua idade. . .” corresponde ao “Este mundo é das mulheres. . .”)

O mais importante baluarte desse mito da felicidade é a constante e rígida segregação das crianças do resto da sociedade. O exagero de seus traços distintivos fez delas, como tinha sido planejado, quase que uma outra raça. Nossos parques fornecem a metáfora perfeita de nossa sociedade etariamente segregada. Um *playground* especial para os Tenros Intocáveis, as mães e as criancinhas (raramente encontramos outras pessoas ali, como se isso fosse um tabu), um estádio de atletismo ou uma piscina para crianças, um recanto aprazível para casais jovens e estudantes, e uma área de bancos para as pessoas idosas. Essa segregação etária continua através de toda a vida de cada indivíduo moderno. As pessoas passam a ter muito pouco contato com as crianças, logo que tenham ultrapassado a própria infância. E, mesmo dentro da própria infância, existem segregações etárias rígidas, de modo que uma criança mais velha ficará embaraçada por ser vista com uma criança mais nova. (“Dê o fora! Por que não brinca com gente da tua idade?”) Durante a vida escolar, e em nosso século ela dura muito mais tem-

po, uma criança convive com outras de apenas um ou dois anos de diferença de idade. As próprias escolas refletem essas graduações cada vez mais rígidas: pré-primária, etc., caracterizadas por um sistema complexo de promoções e “formaturas”. Ultimamente, são comuns até formaturas em escolas maternais e/ou em jardins-de-infância.

Assim, na época em que uma criança fica madura para a reprodução, ela não mantém nenhum contato com os que estão fora de seu restrito grupo etário adulto, e certamente nenhum com as crianças. Por causa do culto que a rodeia, ela praticamente não se lembra nem da própria infância, chegando até a bloqueá-la completamente. Mesmo quando criança, ela pode ter tentado amoldar-se ao mito, pensando que todas as outras crianças eram mais felizes; mais tarde, já adolescente, pode ter-se entregado a satisfações desesperadas, atirando-se a “prazeres”, no espírito do “só se é jovem uma vez na vida” — quando, na verdade, a adolescência é horrível de ser atravessada. (Mas a verdadeira juventude não tem consciência da idade — “a juventude é desperdiçada pela própria juventude” e é caracterizada pela espontaneidade verdadeira, justamente pela ausência dessa artificialidade. O armazenamento de uma felicidade que se perdeu é uma idéia que só os mais velhos poderiam ter criado.) Uma tal ausência de contato com a realidade da infância arrasta todo adulto jovem para o mesmo tipo de sentimentalismo em torno das crianças que ele próprio provavelmente desdenhou quando era pequeno. E assim por diante, num círculo vicioso. Os adultos jovens sonham em ter seus próprios filhos, numa tentativa desesperada de preencher o vazio causado pela interrupção artificial da juventude. Mas isso só dura até o momento em que eles se envolvem com problemas de gravidez e fraldas, babás e problemas escolares, predileções e brigas. Então, por um curto período, são obrigados a compreender que as crianças são tão humanas quanto o resto da gente.

Assim, falemos sobre o que a infância *realmente* é, e não sobre o que ela é na mente dos adultos. É claro que o mito da felicidade infantil floresce amplamente, não porque satisfaça às necessidades das crianças, mas

porque satisfaz às necessidades dos adultos. Numa cultura de pessoas alienadas, a crença de que todo mundo tem, pelo menos, um bom período na vida, livre de preocupações e de trabalho, dificilmente morre. E, obviamente, não se pode contar com isso na velhice. Logo, uma pessoa já deve ter passado por ele. Este é o motivo da nuvem de sentimentalismo que envolve toda discussão sobre a infância e as crianças. Todo mundo alimenta algum sonho secreto em seu próprio interesse.

\* \* \*

Assim, a segregação ainda funciona a todo vapor, para reforçar a opressão das crianças, como uma classe. Em que se constitui essa opressão no século XX?

*Dependência Econômica e Física.* A diferença física natural entre as crianças e os adultos — sua maior fragilidade, seu tamanho menor — é reforçada, em vez de ser compensada, pela nossa cultura atual. As crianças ainda são “menores” perante a lei, sem direitos civis, uma propriedade de um círculo de pais arbitrários. (Mesmo que haja crianças que tenham “bons” pais, existem no mundo tanto pessoas “ruins” quanto “boas”, e é bem mais provável que as pessoas “ruins” cuidem das crianças.) O número de surras e de mortes infantis a cada ano testemunha que as crianças meramente infelizes têm sorte. Ela poderia ser pior. Só recentemente os médicos houveram por bem denunciar essas ocorrências de tal modo as crianças estavam à mercê de seus pais. Contudo, as crianças que não têm pais se encontram ainda em situação pior (assim como as mulheres solteiras, as mulheres sem a proteção de um marido, estão ainda em pior situação do que as mulheres casadas). Não há lugar para elas, a não ser o orfanato, uma espécie de depósito de ferro velho para os indesejados.

Mas a opressão das crianças está enraizada, mais do que tudo, na dependência econômica. Qualquer um que já tenha observado uma criança tentando persuadir sua mãe a lhe dar dinheiro, sabe que a dependência econômica é a base da vergonha da criança. (Parentes que

dão dinheiro, em geral, são mais queridos. Mas asseguraram-se de que o dinheiro seja dado *diretamente* à criança!) Embora ela possa não estar passando fome (nem isso aconteceria, se as crianças tivessem seu próprio emprego; as crianças negras, que engraxam sapatos, pedem esmolas, e cultivam várias negociações, e os garotos brancos da classe operária que vendem jornais são invejados em sua vizinhança), ela é dependente, para a sua sobrevivência, de um *apadrinhamento*, e isso é um estado ruim experimentar. Essa extrema dependência não vale o seu sustento.

É nessa área que descobrimos um dos eixos do mito moderno. Espalhou-se que a infância experimenta grande progresso, trazendo-se imediatamente à memória imagens dickensianas da criança pobre, lúgubre, lutando numa mina de carvão. Contudo, mostramos, na breve história da infância apresentada no início do capítulo, que as crianças da classe média e da classe alta não trabalhavam no começo da Era Industrial, e sim ficavam abrigadas, em segurança, nalgumas escolas maçantes, estudando Homero e gramática latina. As crianças da classe baixa, é verdade, não eram consideradas nem um pouco mais privilegiadas do que os pais, partilhando as torturas desumanas a que todos os membros de sua classe tinham que se submeter. De modo que, na mesma época em que havia Emma Bovarys e Little Lord Fauntleroy ociosos, também havia mulheres destruindo suas vidas e os pulmões em fábricas primitivas de tecidos, e crianças perambulando e mendigando. Essa diferença entre as vidas das crianças de diferentes classes econômicas persistiu até os dias do direito ao voto feminino, e até a nossa própria época. As crianças que eram propriedade da classe média, em função da reprodução, sofreram uma pressão pior do que a nossa. O mesmo aconteceu com as mulheres. Mas elas, para compensar isto, tinham uma *proteção* econômica. As crianças da classe baixa eram exploradas, não particularmente como crianças, mas de um modo geral, como classe. O mito da infância era extravagante demais para ser desperdiçado com elas. Aqui, novamente vemos ilustrado com precisão o grau de arbitrariedade do

mito da infância, criado expressamente para atender às necessidades da estrutura da família da classe média.

Sim, vocês dirão, mas certamente teria sido melhor para as crianças da classe operária que elas, também, tivessem podido viver protegidas por esse mito. Pelo menos, teriam poupado a vida. De modo que elas poderiam esvair a vida espiritual nalguma sala de aula ou escritório? A questão é retórica, como a pergunta sobre se o sofrimento dos negros na América é legítimo, porque seriam considerados ricos em outro país. Sofrimento é sofrimento. Não, precisamos pensar em termos mais amplos aqui. Por exemplo, em primeiro lugar, porque seus pais eram explorados: o que *qualquer pessoa* faz numa mina de carvão? Devemos protestar, não pelo fato de as crianças serem exploradas *como* os adultos, mas pelo fato de que os *adultos* sejam explorados desse jeito. Precisamos começar a falar, não em poupar as crianças, durante alguns anos, dos horrores da vida adulta, mas em eliminar esses horrores. Numa sociedade sem exploração, as crianças, poderão ser parecidas com os adultos (sem nenhuma exploração implícita), e os adultos poderão ser como as crianças (sem nenhuma exploração implícita). A escravidão privilegiada (patronato), que as mulheres e as crianças suportam, não é liberdade. Pois, a autodeterminação é a base de toda liberdade, e a dependência está na origem de toda desigualdade.

*Repressão Sexual.* Freud descreve a satisfação primitiva da criança: a satisfação do bebê no seio materno, que ele então tenta recuperar durante o resto da vida; como, por causa da proteção adulta, a criança é mais independente do “princípio de realidade”, e lhe é permitido brincar (atividade realizada pelo prazer dela própria, e não para obter qualquer outro fim); como, sexualmente, a criança é polimorfamente perversa, e somente mais tarde é dirigida e reprimida, para tornar-se pronta para o prazer genital adulto.

Freud também mostrou que as origens da neurose adulta se fundavam no próprio processo da infância. Embora a criança prototípica possa ter a *capacidade* de experimentar um prazer puro, isso não significa que ela

possa satisfazê-lo completamente. Seria mais correto dizer que, embora seja propensa, por natureza, ao prazer, no momento em que se torna socializada (reprimida), ela perde essa inclinação. *E isso começa exatamente neste momento.*

O “princípio de realidade” não se restringe aos adultos. Ele se introduz na vida infantil, quase que automaticamente, em sua pequena escala própria. Portanto, enquanto esse princípio de realidade existir, a noção de poupar às crianças seus desgostos será uma farsa. Na melhor das hipóteses, ela pode sofrer um processo repressivo retardado. Porém, mais freqüentemente, a repressão acontece, em todos os níveis, logo que a criança possa lidar com ela. Não é como se já tivesse havido um período abençoado, no qual a “realidade” era dispensada. Pois na verdade a repressão começa logo que ela nasce. As bem conhecidas refeições cronometradas pelo relógio são apenas um exemplo extremo. Antes dos dez meses, afirma Robert Stoller, se estabelece a diferenciação sexual básica e, como vimos, esse processo, em si mesmo, requer a inibição do impulso sexual dirigido à mãe. Assim, desde o início, é negada a liberdade de ação à sua sexualidade polimorfamente perversa. (Mesmo hoje, com a existência de uma campanha para reconhecer a masturbação como normal, várias crianças são impedidas de brincar com seu próprio corpo, desde a época em que ainda estão no berço.) A criança é instruída a deixar de mamar e a ir ao banheiro o mais cedo possível — duas coisas traumáticas, nos termos da criança. A repressão aumenta. O amor materno, que, idealmente, representa a satisfação perfeita (“incondicional”), é explorado, à maneira do amor paterno: para melhor dirigir a criança para a conduta socialmente aprovada. E, finalmente, é exigida uma identificação ativa com o pai. (Nos lares onde não há pai, a identificação pode ocorrer um pouco mais tarde, quando a criança começa a freqüentar a escola.) Daí até a puberdade a criança deve ter uma vida assexuada — ou dissimulada — sem sequer admitir quaisquer necessidades sexuais. Essa assexualidade forçada gera uma frustração, que é responsável pela extrema rebeldia



e agressividade — ou, numa outra alternativa, a docilidade anêmica — que, geralmente, torna as crianças tão irritantes à sua volta.

*Repressão Familiar.* Não precisamos nos aprofundar nas sutis pressões psicológicas da vida familiar. Cada um que pense na própria família. E, se isso não for suficiente, se por acaso você é hoje aquele um-entre-um-milhão que está realmente convencido de que tem uma “família feliz”, leia alguma das obras de R. D. Laing, particularmente a *Política da Família*, a respeito do Jogo das Famílias Felizes. (“Quanto mais uniformemente elas funcionam, mais difíceis são elas de estudar.”) Laing revela a dinâmica interna da família, explicando sua invisibilidade para o membro normal da família:

“Uma coisa, geralmente, é clara para um estranho: existem, planejadas, *resistências* familiares à descoberta do que está se passando, e há estratégias complicadas para manter todas as pessoas ignorantes, e na ignorância de que são ignorantes. A verdade tem que ser afastada, para que se sustente uma imagem da família. . . Uma vez que essa fantasia existe apenas na medida em que ela está ‘dentro’ de todo mundo que participa dela, qualquer um que a abandone, destruirá a ‘família’ existente dentro de qualquer outra pessoa.”

Eis algumas crianças falando sobre si mesmas. De novo, citamos Reik:

“Ouvi falar de um menino que, até quase os quatro anos, pensava que seu nome era ‘Cale-se’.”

“Um menino presenciou uma briga violenta entre seus pais, e ouviu sua mãe ameaçar seu pai com o divórcio. No dia seguinte, quando voltou para casa, depois da escola, ele perguntou à mãe: ‘Você já se divorciou?’ Mais tarde, lembrou-se que ficara muito desapontado, porque ela não se tinha divorciado.”

“Um menino de nove anos foi interrogado pelo pai, durante a visita que este lhe fez num acampamento, se tinha sentido saudade de casa, e o garoto respondeu: ‘Não.’ O pai, então, perguntou se os outros meninos tinham sentido saudade de casa. ‘Só alguns’, respondeu o garoto, ‘aqueles que têm cachorro em casa’.”

O que é divertido nessas anedotas, se é que elas são divertidas, é a franqueza das crianças, incapazes de compreender, ou aceitar o inferno masoquista de tudo isso.

*Repressão Educacional.* É na escola que a repressão é cimentada. Quaisquer ilusões remanescentes de liberdade são, hoje, rapidamente afastadas. Toda atividade sexual ou expansão física são barradas. Aqui se realiza o primeiro jogo altamente supervisionado. O prazer natural das crianças em brincar é, então, incorporado, para melhor socializá-las (reprimi-las). (“Larry fez a melhor pintura de dedos! Que menino habilidoso! Sua mãe ficará orgulhosa de você!”) Em algumas escolas liberais, o tempo todo, é verdade, professores gabaritados tentam descobrir temas e atividades que interessem verdadeiramente às crianças. (É mais fácil manter a sala em ordem, desse jeito.) Mas, como vimos, a estrutura repressiva da própria sala de aula, que é segregada, garante que qualquer interesse natural em aprender, finalmente, acabe atendendo aos interesses essencialmente disciplinados da escola. Os jovens professores, que entram no sistema, idealistas a respeito de seu trabalho, logo se indispõem contra ele; alguns desistem desesperados. Se tivessem esquecido que a escola foi uma prisão para eles, se lembrariam novamente de tudo. E, cedo, são obrigados a compreender que, embora haja prisões liberais e prisões não tão liberais, por definição, todas elas são prisões. A criança é obrigada a frequentá-las; a prova disso, é que nunca vão à escola espontaneamente. (“Fim das aulas, Fim das aulas, Pra casa os bobocas vão voltando, Chega de lápis, Chega de livros, Chega de professores implicando.”\*) E, embora educadores esclarecedores tenham projetado sistemas completos de atividades disciplinares inerentemente interessantes, para atrair e seduzir a criança a aceitar a escola, esses sistemas nunca conseguem obter êxito totalmente, pois uma escola que existisse somente para atender à curiosidade das crianças, entendida nos seus próprios termos, e que fosse dirigida por elas próprias, seria uma

\* No original: “School’s out, School’s out, Teachers let the fools out, No more pencils, No more books, No more teacher’s dirty looks.” (N.T.)

por isso tão difícil denunciar violências

contradição em seus próprios termos — como vimos, a escola moderna, em sua definição estrutural, existe para implantar a repressão.

A criança despende a maior parte de suas horas produtivas nessa estrutura coercitiva, ou fazendo deveres para ela. O curto tempo que lhe resta, em geral, é absorvido pelos afazeres e obrigações familiares. Ela é forçada a assistir a discussões familiares infundáveis, ou, em algumas famílias “liberais”, a assistir a “conselhos familiares”. Existem parentes para os quais ela deve sorrir, e, geralmente, missas a que ela deve assistir (todas essas horas gastas de má vontade, com preces, pelas crianças). No curto tempo restante, pelo menos em nossa classe média moderna, ela é “supervisionada”, bloqueando-se o desenvolvimento de sua iniciativa e de sua criatividade. Sua escolha de *materiais lúdicos* está determinada (brinquedos e jogos); sua *área de brincadeira* está definida (ginásios, parques, *playgrounds*, *campings*). Geralmente, fica limitada, na sua *escolha dos companheiros de jogos*, às crianças da mesma classe econômica, e, nos subúrbios, aos colegas de escola, ou aos filhos dos amigos de seus pais. Entra para um número de grupos maior do que poderia dar conta (escoteiros, lobinhos, bandeirantes, fadinhas, acampamentos, clubes extra-escolares, e esportes). Selecionam a *cultura* para ela. Na TV, freqüentemente, só lhe é permitido assistir aos programas infantis (Papai Sabe-Tudo), e é proibida de assistir aos filmes (bons) para adultos. Seus livros e sua literatura, geralmente, são tirados de listas desgastadas. (*Grandes Homens e Mulheres Americanas. Crônicas de Babe Ruth. Lassie. Nancy Drew.*)

As únicas crianças que têm a mínima oportunidade de escapar desse pesadelo supervisionado — apesar de serem cada vez em menor número — são as crianças dos guetos e das classes operárias, onde a concepção medieval de comunidade aberta — morando na rua — ainda permanece. Isto é, historicamente, como vimos: muitos desses processos da infância chegaram tarde nas classes baixas, e nunca se firmaram realmente nelas. As crianças da classe baixa tendem a proceder de grandes fa-

mílias nucleares, formadas de pessoas de idades muito diferentes. Mas, mesmo quando isso não acontece, geralmente há meio-irmãos e meio-irmãs, primos, sobrinhas, sobrinhos, ou tias, num meio de parentes em constante mudança. As crianças, individualmente, são muito pouco observadas, e menos ainda supervisionadas; geralmente, podem andar bem longe de casa, ou brincar nas ruas, durante horas. E, na rua, se por acaso a família é pequena, existem centenas de garotos, muitos dos quais já têm seus próprios grupos sociais (*gangs\**) formados. Elas geralmente não ganham brinquedos, o que significa que criam seus próprios brinquedos. (Vi garotos dos guetos fazerem escorregas engenhosos de papelão, e colocá-los em casas velhas sem degraus; vi outros fazerem carrinhos-de-mão e roldanas, com pneus velhos, cordas e caixotes. Nenhuma criança da classe média faz isso. Ela não precisa. Mas, em consequência, ela logo perde a engenhosidade.) Elas exploram as regiões bem longe de seus pequenos quarteirões, e, muito mais que seus companheiros da classe média, travam relações com os adultos, num mesmo nível. Nas aulas são rebeldes e indisciplinadas, como, de fato, deveriam ser — pois a sala de aula é um local que faria qualquer pessoa um pouco liberal suspeitar dela. Existe um desrespeito persistente pela escola na classe baixa, pois afinal ela é, na sua origem, um fenômeno da classe média.

Sexualmente também as crianças dos guetos são mais livres. Um rapaz me disse que não conseguia se lembrar de uma idade em que tivesse tido relação sexual com outras garotas, sem isso ser uma coisa natural; todos tinham. Aqueles que ensinam nas escolas das favelas observaram ser impossível reprimir a sexualidade das crianças. É uma coisa rotineira; as crianças gostam, e é muito melhor do que uma aula sobre a Grande Democracia Americana, ou sobre a contribuição dos hebreus, com a revelação de Um Deus Único (por que revelar um só?),

\* As *gangs* constituem os únicos grupos de crianças de hoje autodirigidos. O termo *gang* soa de um modo ameaçador, por boas razões políticas. (N.T.)

ou sobre o café ou a borracha, como as exportações mais importantes do Brasil. Assim, elas fazem amor nas escadas. E faltam à aula no dia seguinte. Se, na América moderna, a infância livre existe nalgum estágio, isso se dá na classe baixa, onde o mito é menos expandido.

Por que, então, elas “se tornam” piores em situação do que as crianças da classe média? Talvez isso seja óbvio. Mas eu responderei com a minha própria experiência, consolidada por ter morado e ensinado nas favelas. As crianças das favelas não têm inteligência inferior, até atingirem a idade adulta, e até isso é discutível. As crianças da classe baixa são das crianças mais brilhantes, mais atrevidas e mais originais. São assim porque *são deixadas em paz*. (Se elas não se saem bem nas provas, talvez precisemos reexaminar as provas, e não as crianças.) Mais tarde, defrontando-se com um “princípio de realidade” muito diferente do da classe média, são consumidas e destruídas. Elas nunca conseguirão “superar” a sujeição econômica. Assim, é uma opressão do dia-a-dia que gera esses adultos apáticos e sem imaginação, são as restrições onipresentes à expansão de sua liberdade pessoal — e não a infância largada.

Mas as crianças das favelas são apenas relativamente livres. Elas ainda são dependentes e oprimidas como uma classe econômica. Existe uma boa razão para que todas as crianças queiram crescer. Então, finalmente, elas sairão de casa, e (finalmente) terão a oportunidade de fazer o que quiserem. (Existe uma certa ironia no fato de que as crianças imaginam que os pais podem fazer o que querem, e os pais imaginam o mesmo das crianças. “Quando eu crescer...” corresponde ao “Ah, ser uma criança novamente...”.) Elas sonham com amor e sexo, pois vivem o período mais monótono da vida. Geralmente, quando se defrontam com a miséria dos pais, juram firmemente que, quando crescerem, *isso* não acontecerá com *elas*. Constroem lindos sonhos de casamentos perfeitos, ou de não se casarem de jeito nenhum (as crianças mais espertas, que percebem que o erro está na instituição e não nos pais), de dinheiro a ser gasto ao bel-prazer, de muito amor e aprovação. Pretendem apa-

rentar ser mais velhas do que são, e se sentem insultadas quando alguém diz que aparentam ser mais novas do que são. Tentam, furiosamente, dissimular a ignorância das aventuras amorosas, que é a desgraça física peculiar de todas as crianças. Eis um exemplo, tirado de *O Sexo no Homem e na Mulher*, de Reik, das pequenas crueldades às quais elas são constantemente sujeitas:

“Diverti-me com um garoto de quatro anos, a quem eu disse que tinha botado chiclete numa das árvores do jardim de seus pais. Eu comprara alguns pacotes de chiclete e tinha pendurados os chicletes com linhas, no galho mais baixo da árvore. O garoto trepou na árvore, e colheu os chicletes. Ele não duvidou que os chicletes tinham brotado da árvore, nem refletiu sobre o fato de estarem enrolados em papel. Aceitou de bom grado minha explicação de que os chicletes, brotando em épocas diferentes, tinham vários sabores. No ano seguinte, quando eu o lembrei da árvore de chicletes, ficou envergonhado da sua credulidade antiga, e disse: ‘Não fale mais nisso’.

Algumas crianças, numa tentativa de combater esse ridículo constante de sua credibilidade, tentam tirar proveito disso — quando compreendem que sua dolorosa ignorância é considerada “engraçadinha” — do mesmo modo como as mulheres o fazem. Esperando obter abraços e beijos, elas fazem o papel de “burrinhas inocentes”, trocando de propósito o sentido das coisas, mas raramente isso funciona uma segunda vez, o que as deixa perplexas. O que elas não compreendem é que a própria ignorância é considerada “engraçada”, e não suas manifestações específicas. Pois, a maioria das crianças não compreende a ordem arbitrária em que os adultos têm as coisas, explicada impropriamente, mesmo quando *existe* uma explicação minuciosa. Mas, em quase todos os casos, dado o conjunto de informações com os quais a criança começa, suas conclusões são perfeitamente lógicas. Analogamente, se um adulto chegasse a um planeta estranho e encontrasse seus habitantes construindo fogueiras sobre seus telhados, ele iria imaginar uma explicação para isso; mas, as suas conclusões, baseadas no

seu passado diferente, poderiam provocar riso nos outros. Cada pessoa, na sua primeira viagem a um país estrangeiro, onde não conhece nem as pessoas, nem a linguagem, vive a infância.

\* \* \*

As crianças não são, portanto, mais livres do que os adultos. Elas são sobrecarregadas por desejos, elaborados na proporção direta às restrições feitas a suas vidas limitadas; por uma desagradável sensação da própria insuficiência e ridículo físicos; por uma constante vergonha da dependência econômica, e de outras espécies (“Mãe, eu posso?”); e por uma humilhação, por causa da ignorância natural da prática das aventuras amorosas. As crianças são reprimidas a todo minuto. *A infância é o inferno.*

O resultado disso é a pessoa insegura, e, conseqüentemente, agressiva/defensiva, geralmente antipática, a que chamamos de criança. As opressões econômicas, sexuais e psicológicas revelam-nas tímidas, desonestas, e essas características desagradáveis, por sua vez, reforçam o isolamento das crianças do resto da sociedade. Assim, sua educação, particularmente na fase mais difícil da personalidade, é abandonada de bom grado às mulheres, que tendem, pela mesma razão, a exibir essas características de personalidade. Excetuando a satisfação do ego, ocupada em ter o próprio filho, poucos homens mostram qualquer interesse pelas crianças. E, certamente, não o suficiente para incluí-las em qualquer livro sobre revolução.

Assim, cabe às feministas (ex-crianças e ainda crianças-mulheres oprimidas) revolucionárias fazê-lo. Precisamos incluir a opressão das crianças em todo programa de revolução feminista, ou estaremos sujeitas ao mesmo fracasso de que tão freqüentemente acusamos os homens: de não nos termos aprofundado suficientemente em nossas análises, de nos ter escapado um importante substrato da opressão, meramente porque esse substrato não dizia respeito diretamente a nós. Digo isso, sabendo mui-

to bem que muitas mulheres estão enjoadas e cansadas de serem englobadas junto com as crianças. O fato de elas não serem mais responsáveis pelas crianças do que qualquer outra pessoa será uma afirmação crucial para nossas exigências revolucionárias. É só porque desenvolvemos, em nosso longo período de sofrimentos relacionados, uma certa compaixão e compreensão por elas, que não há razão para perdê-las. Sabemos onde as crianças estão, o que estão passando, porque nós, também, ainda estamos sofrendo o mesmo tipo de opressões. A mãe que quer matar o filho, por causa do que teve que sacrificar por ele (um desejo comum) só aprende a amar essa criança, quando compreende que é tão desprotegida e oprimida quanto ela, e pelo mesmo opressor. Então, seu ódio se dirige para fora, e nasce o “amor maternal”. Mas iremos mais além. Nossa meta final deve ser a eliminação das próprias condições da feminilidade e da infância, que hoje conduzem a essa aliança dos oprimidos, abrindo caminho para uma condição “humana” totalmente “humana”. Ainda não existem crianças capazes de escrever seus próprios livros, de contar suas próprias histórias. Nós teremos que, uma última vez, fazer isso por elas.

## V. RACISMO: O SEXISMO DA FAMÍLIA DO HOMEM

*"O escravo deve ser liberto e a mulher deve permanecer onde está, mas as mulheres não podem ser libertas e o escravo continua onde está."*

Angelina Grimké,  
numa carta a Theodore Weld

*"O que é preciso, eu acredito, é que todos estes problemas, particularmente o mal-estar entre a mulher branca e o homem negro, sejam revelados, enfrentados e resolvidos... Penso que todos nós, toda a nação, estaríamos em melhores condições se encarássemos tudo isto frontalmente."*

Eldrige Cleaver, *On Becoming*

O primeiro livro americano a lidar especificamente com a relação entre o sexo e o racismo foi *Sexo e Racismo na América*, de Calvin Hernton. A popularidade imediata do livro tanto na comunidade negra como na branca confirmou o que todo mundo já sabia há muito tempo: que sexo e racismo estão intrinsecamente entrelaçados. Contudo, sem compreender suficientemente a profundidade dessas relações, Hernton simplesmente descreveu o óbvio: que os homens brancos têm um quê pelas mulheres negras, que os homens negros têm um quê pelas mulheres brancas, que os homens negros não respeitam as mulheres negras, e que os homens brancos

não podem ficar dependentes das mulheres brancas, que as mulheres brancas têm uma simpatia e uma curiosidade secreta pelos homens negros, que as mulheres negras detestam e invejam as mulheres brancas, e assim por diante. Mesmo assim, o livro provocou reações imediatas, como aconteceu depois com os vários livros e artigos sobre o assunto. Por que isso?

O primeiro movimento pelos direitos civis silenciou a verdade durante muito tempo. Cerceado e amarrado, limitou-se a falar em tom baixo sobre o “Problema Negro”. Os negros eram “pessoas de cor”; queriam apenas as mesmas coisas simples que os brancos (sem cor) queriam (“Somos irmãos”). E então os brancos amavelmente filtraram sua visão para encobrir as evidentes diferenças físicas, culturais e psicológicas existentes entre eles. Palavras como “crioulo” foram abandonadas. Afirmações como “Você gostaria que sua irmã se casasse com um negro?” tornaram-se de um mau gosto imperdoável, um sinal de educação inferior. “Você é preconceituoso!”, foi a acusação do ano. E Martin Luther King usou magistralmente essa culpa, voltando a retórica cristã sobre si mesma.

Mas então veio o Black Power. Um estrondo de eu-lhe-pedi-sos foi lançado pela nação, sobretudo pela classe operária, que estava mais próxima dos negros: O que eles querem realmente é o nosso poder — estão atrás de nossas mulheres. A honestidade de Eldrige Cleaver em *Soul on Ice* trouxe uma conclusão ao assunto. A natureza altamente sexual do problema racial foi revelada. Também internamente, o movimento do Black Power cada vez mais se envolvia com um gênero especial de machismo, tanto proclamando ativamente a masculinidade, quanto protestando contra a injustiça racial e de classes.

Mas não foi o elemento *machismo* do movimento Black Power que perturbou seus inimigos. Essa parte do movimento raramente foi questionada pelo *establishment* propriamente dito, ou pelo *estabilishment* liberal (de fato, o papel de Moynihan no “matriarcado negro” pode-se dizer que *criou* esse complexo de castração maciço den-

tro da comunidade negra que ele descreve), ou pela Nova Esquerda. Era altamente compreensível, afinal, que os homens negros finalmente quisessem o que todos os homens queriam: estar acima de suas mulheres. De fato, essa parte era tranquilizadora: os homens negros deveriam começar a se interessar pela beleza negra, em vez da branca (a onda de artigos recentes lamentando o “duplo fardo” da mulher negra e sua carência de um macho que a valorize é suspeita). Eventualmente uma “pureza” da pátria e da família levaria, talvez, ao conservadorismo e ao fatalismo. Não, não foi a masculinidade negra que fez os brancos reagirem — foi o que a masculinidade pretende alcançar com suas ações: o Poder. Os homens negros declaravam-se, agora, abertamente participantes na luta pelo poder masculino: queremos o que vocês alcançaram, chega de saracotear. Os homens brancos respiraram aliviados e começaram a se armar. Eles sabiam como vencer *isto*. Pois, uma vez mais, tratava-se de homens *versus* homens, de uma força poderosa (aparelhada) contra outra. Foram para as frentes de batalha com entusiasmo.

Qual é essa verdade que foi censurada, para tornar o movimento pelos direitos civis aceito pela América Branca? Qual a relação entre o sexo e o racismo, que faz qualquer livro sobre o assunto vender tão bem? Por que só olhar para um negro em geral desperta sentimentos sexuais tão intensos num homem branco? Por que os homens negros desejam ardentemente as mulheres brancas? Por que o preconceito é, geralmente, expresso em termos sexuais? Por que o linchamento (em geral acompanhado de castração) ocorre nas mais extremadas manifestações de racismo?

A conexão entre sexo e racismo é obviamente muito mais profunda do que se pode imaginar. Mas, embora a conexão nunca tenha sido explorada mais do que superficialmente, já com uma década do novo movimento, temos uma nova série de chavões referentes ao sexo e à raça, um novo dogma para os “badalados”. Por exemplo, no Quem é Quem da Opressão, uma hierarquia homem branco-mulher branca-mulher negra-homem-

-negro ainda se encontra em circulação, apesar das recentes estatísticas do Ministério do Trabalho.<sup>1</sup> Além disso há o Antagonismo do Intelecto versus a Carne, desenvolvido por Mailer, Podhoretz, e outros, e continuado por Cleaver, basicamente, a mística da maior virilidade do homem negro. E o Berço Negro da África, e a Grande Mãe Negra em trajes africanos. Mas essa exposição superficial da relação entre sexo e racismo pretendeu apenas encaminhar o problema de um modo diferente, dessa vez atendendo aos interesses do *Antiestablishment* masculino.

Neste capítulo, tentarei mostrar que *o racismo é um fenômeno sexual*. Analogamente ao sexismo na psique individual, podemos compreender totalmente o racismo, em termos das hierarquias de poder da família. No sentido bíblico, as raças não são senão vários parentes e irmãos da mesma Família do Homem. E, semelhante ao desenvolvimento das classes sexuais, a distinção fisiológica da raça tornou-se culturalmente importante, devido exclusivamente à distribuição desigual de poder. Portanto, *o racismo é o sexismo aumentado*.

## 1. A Família Racial:

*Édipo/Electra, o eterno triângulo, o bordel-atrás-dos-bastidores*

Lancemos uma olhadela nas relações raciais na América,<sup>2</sup> um macrocosmo das relações hierárquicas dentro da

1. Em 1969, os homens brancos que tinham trabalhado em tempo integral durante o ano, ganharam uma renda média de 6,497 dólares; os homens negros na mesma situação, \$3,859; e as mulheres negras, \$2,674.

Mas só em alguns círculos radicais, afetados pelo Movimento de Libertação das Mulheres, é que se chega ainda a admitir que as mulheres negras estão "por baixo" economicamente.

2. Eu me ocuparei aqui somente com as relações raciais domésticas com as quais tenho maior familiaridade, embora não

família nuclear. O homem branco é o pai, a mulher branca a esposa-e-mãe, seu *status* depende disso; os negros, como as crianças, são sua propriedade, sua diferenciação física estigmatizando-os como classe servil, do mesmo modo como as crianças formam nitidamente uma classe servil vis-à-vis dos adultos. Essa hierarquia de poder cria a psicologia do racismo, do mesmo modo como, na família nuclear, ela cria a psicologia do sexismo.

Previamente, descrevemos o Complexo de Édipo no homem como sendo a neurose resultante da subserviência forçada ao poder do pai. Apliquemos essa interpretação à psicologia do homem negro. O homem negro, à primeira vista, se identifica, por um fenômeno de simpatia, com a mulher branca, que também é visivelmente oprimida pelo homem branco. Porque ambos foram "castrados" (i.e., tornados impotentes, sem poder) do mesmo modo pelo Pai, existem muitas semelhanças nos tipos de opressão psicológica que cada um sofre, na natureza sexual dessas opressões — e, portanto, na formação conseqüente de seu caráter. Eles mantêm um vínculo específico na opressão, do mesmo modo como a mãe e a criança se unem contra o pai.

Isso é responsável pela freqüente identificação da mulher branca com o homem negro, num plano pessoal, e, num plano mais político, por uma identificação com os movimentos negros, desde o movimento abolicionista (cf. Harriet Beecher Stowe), até o movimento negro atual. A natureza vicária dessa luta contra a dominação do homem branco é afim à identificação vicária da mãe com o filho contra o pai. A mulher não alimenta muitas esperanças na sua própria luta, porque, para ela, tudo está perdido desde o começo. Ela é definida *in toto* como um apêndice do homem branco, ela vive sob a vigilância diária dele, isolada das irmãs; ela tem uma força menos agressiva. Mas a mãe (mulher branca) sabe que, se ela

tenha dúvidas de que a mesma metáfora poderia ser aplicada com a mesma propriedade à política internacional e à do Terceiro Mundo.

não o é, pelo menos seu filho (homem negro) é potencialmente “macho”, i.e., poderoso.

Mas, enquanto algumas mulheres ainda tentam alcançar a liberdade vicariamente, através da luta dos negros, ou de outros grupos racialmente oprimidos (também biologicamente distintos), muitas outras mulheres abandonaram completamente a luta. Em vez disso, preferem aceitar a opressão, identificando os próprios interesses com os dos homens, na vã ilusão de que o poder possa se dissipar. A solução *delas* foi destruir — em geral por amor — seus fracos egos individuais, para fundir-se completamente com os egos poderosos de seus homens.

Essa identificação inútil é o racismo das mulheres brancas — que, talvez, produza nos homens negros um rancor ainda maior do que o racismo mais facilmente compreensível de seus maridos; pois ele indica uma traição da Mãe. Contudo, esta é uma forma inautêntica de racismo, porque ela surge de uma falsa consciência de classe, da ameaça do que é, no fim das contas, apenas uma ilusão de poder. Se e quando ela é tanto ou mais forte do que o racismo dos homens brancos, ela ainda continua sendo diferente na sua natureza. Ela é caracterizada por uma histeria peculiar que, como o conservadorismo da burguesia negra — ou como a mulher que berra para o marido que ele trata melhor das crianças do que dela — é, em si mesma, o produto direto da precariedade de sua própria situação de (não) classe. Desse modo, o homem negro pode se tornar um bode expiatório do ódio que a mulher sente pelo marido, mas que é incapaz de admitir frontalmente.

Assim, a mulher branca tende a oscilar entre uma identificação vicária com o homem negro e um racismo histórico (mas inautêntico). As mulheres radicais que, como a maioria das mulheres, desconfiam dos homens em geral, particularmente tendem a confiar e a simpatizar com os homens negros — e então geralmente se desiludem amargamente, quando os homens negros tiram partidos delas pessoalmente, ou quando o movimento negro não se modifica prontamente o suficiente para apoiar a causa feminina.

Pois raramente existe amor e simpatia da parte do homem negro. Voltando a nossa analogia: assim como o filho estabelece inicialmente um vínculo de simpatia com a mãe, e logo é exigido, no sentido de transferir sua identificação da mãe para o pai, para erradicar a mulher que existe dentro dele, assim também o homem negro, a fim de “ser um homem”, deve desfazer seu vínculo com a mulher branca e, caso se relacione com ela, o fará somente de um modo degradante. Além disso, devido ao ódio virulento e à inveja que ele tem do Possessor dela, o homem branco, ele deve desejá-la ardentemente, como uma coisa a ser conquistada, a fim de vingar-se do homem branco. Assim, ao contrário da polarização de sentimentos bem definida nas mulheres brancas, os sentimentos do homem negro em relação à mulher branca são caracterizados por uma ambivalência — uma intensa mescla de amor e ódio. Entretanto, por mais que ele decida expressar essa ambivalência, é incapaz de controlá-la a intensidade.

A recente peça de LeRoi Jones, *Dutchman*, ilustra algumas dessas tensões e ambivalências no relacionamento do homem negro com a mulher branca. Elas são personificadas num encontro dentro de um metrô entre Clay, um jovem burguês negro, e Lula, uma loura *vamp*: o desrespeito de Clay por Lula, como o brinqueado do homem branco, misturado com uma atração erótica relutante, a compreensão profunda e imediata que ela tem dele, e, finalmente, a traição dela, terminando literalmente com uma punhalada pelas costas (depois da qual ela grita “curra”, escapando ilesa — podemos supor que para destruir mais outros jovens negros preocupados somente com seus próprios interesses). Essa é uma visão íntima que o homem negro tem da mulher branca. Lula nunca chega a ser uma mulher de verdade, tanto ela é um produto do Complexo de Édipo racial que eu descrevi.

O relacionamento do homem negro com o homem branco, similarmente, reproduz a relação do filho com o pai. Vimos como, num certo momento, a fim de afirmar o ego, o filho deve transferir sua identificação da mulher (sem poder) para o homem (poderoso). Ele odeia o pai



poderoso. Mas lhe é oferecida uma alternativa: se ele realmente efetuar a substituição (nos termos do pai, é claro), será recompensado; se recusar isto, sua “masculinidade” (humanidade) será colocada em questão. Um homem negro, na América, só tem a seguir um destes caminhos:

1) pode ceder ao homem branco, nos termos do homem branco, e ser pago pelo homem branco (Pai Tomismo). *Pai + Homens*

2) pode recusar essa identificação completamente, com o que geralmente se entrega à homossexualidade. Ou pode continuar tentando desesperadamente provar que, se não é “homem” aos olhos da sociedade branca, ao menos não é uma mulher (Complexo de Cafetão). Tratando as “putas” com desrespeito visível, demonstra a todo mundo que está na classe sexual superior.

3) pode tentar derrubar o poder do Pai. Essa tentativa pode, apesar de não necessariamente, encerrar um desejo de *se tornar* o Pai, pela subordinação a sua posição de Poder.

A não ser que o homem negro opte pela primeira escolha, a identificação com o Pai, nos próprios termos do Pai, ele estará sempre sujeito à castração (destruição de sua virilidade, de seu poder masculino *ilegítimo*), particularmente se bulir no tesouro do Pai, o apoio e a personalidade do poder do Pai — sua mulher. Essa castração racial ocorre não só metaforicamente, mas também literalmente, na forma do linchamento.

Apliquemos agora nossa interpretação política do Complexo de Electra à psicologia da mulher negra. Se o homem negro é Filho para a família americana, então a mulher negra é Filha. Sua simpatia inicial pela mulher branca (mãe), seu vínculo de opressão com ela (mãe) contra o homem branco (pai) é complicado por seu relacionamento posterior com o homem branco (pai). Quando ela descobre que o homem branco *possui* esse “mundo de descobertas e aventura”, ela, na posição servil de criança, tenta identificar-se com ele, para negar a mulher que existe dentro dela. (Essa pode ser a causa da agressividade muito maior da mulher negra, comparada com a docili-

dade de suas irmãs brancas.) Na tentativa de negar o elemento feminino (sem poder) nela mesma, ela passa a desrespeitar a Mãe (mulher branca). Do mesmo modo que a filha, ela pode reagir contra sua falta de poder, de um dos seguintes modos: pode tentar ganhar diretamente o poder, imitando os homens brancos, tornando-se assim uma “grande realizadora”, uma mulher de forte caráter que sobe na vida (“especialmente para uma mulher negra”), ou pode tentar ganhar indiretamente o poder seduzindo o Pai (voilà a “marafona” negra), colocando-se assim numa competição sexual com a mulher branca, pela preferência do Pai — levando-a a odiar e a invejar a mulher branca, que ela agora passa a tentar imitar.

Enquanto isso, o relacionamento do Irmão (homem negro) com a irmã (mulher negra) é feito de rivalidades e desrespeito mútuo. Cada um vê o outro sem poder, como um laçao tentando desesperadamente se dar bem com os Pais (homem e mulher brancos). Cada um está a par dos jogos sexuais do outro. É difícil para eles dirigir suas energias eróticas um para o outro. Eles se enxergem, um ao outro, bem demais.

Podemos nos valer, de um outro modo, da família, para esclarecer a psicologia do racismo. Encaremos o racismo como uma forma do Eterno Triângulo. Nessa situação, o homem branco é o Marido, a mulher branca, a Esposa, e a mulher negra, a Outra Mulher. Vimos como esse tipo de dicotomia entre a mulher “boa” e a “má” é, em si mesmo, um produto do Complexo de Édipo. Um homem é incapaz de sentir, ao mesmo tempo, sexo e afeto pelo mesmo objeto, assim ele precisa diferenciar seus sentimentos. Pela esposa e mãe de seus filhos ele sente respeito e afeição; pela “outra” mulher, seu receptor sexual, ele sente paixão. A exageração posterior dessa divisão pelas diferenciações biológicas, p.e. cor<sup>3</sup>, ou

3. Uma ilustração interessante de sua comum e permutável função política é a substituição psicológica da distinção de casta racial pela distinção de casta sexual, p. ex., uma lésbica negra automaticamente assume o papel de homem numa relação lesbiana entre branca-preta.

pelas distinções de classes econômicas torna o *acting out* da própria esquizofrenia sexual muito conveniente. Não precisamos de nos preocupar realmente em degradar nosso objeto sexual, para anular nossa culpa de termos quebrado o tabu do incesto; os atributos dele, por definição, já o degradam. (Talvez o nível de corrupção da psique masculina individual possa ser avaliado pelo grau em que ela deseja a carne negra como alguma coisa de exótica, de erótica, porque proibida.) Embora destinada a pagar o preço desse cisma — a exploração sexual — a mulher negra ao mesmo é liberta da escravidão da estrutura familiar. A mulher branca por sua vez, embora reverenciada em seu papel de Mãe, está permanentemente acorrentada ao próprio tirano privado.

Como as mulheres que compõem esse Triângulo racial sentem umas às outras? Separar e Vencer: ambas desenvolveram sentimentos hostis em relação às outras, as mulheres brancas desrespeitando as “prostitutas” sem moral, e as mulheres negras sentindo inveja dos “pompons” mimados. A mulher negra inveja a legitimidade, o privilégio e o conforto da mulher branca, mas também sente um desrespeito profundo por ela: as mulheres brancas são “putas frígidas”, que têm tudo muito fácil, obrigando as mulheres negras a fazer todo o seu trabalho de mulher branca — desde suprir as necessidades sexuais e passionais de seus maridos e cuidar de seus filhos, até fazer suas tarefas de limpeza (“pau pra toda obra”). Analogamente, o desrespeito da mulher branca pela mulher negra vem misturado à inveja: por causa da maior liberdade sexual da mulher negra, por sua fibra, por sua independência do laço matrimonial. Pois, afinal, a mulher negra não está sob o domínio de um homem, mas é muito dona de seu nariz para fazer o que der e vier, para abandonar a casa, para trabalhar (por mais que se trate de um trabalho degradante), ou para ser “preguiçosa”. O que a mulher branca desconhece é que a mulher negra, por não estar sob o domínio de um homem, pode então ser esmagada por todos. Não há alternativa para nenhuma delas, além de escolher entre ser uma propriedade públi-

ca, ou uma propriedade privada. No entanto, porque cada uma acredita que a outra está escapando de alguma coisa, ambas podem ser enganadas, desviando sua frustração uma para a outra, em vez de voltá-la para o inimigo real, “O Homem”.

Se, no teatro sexual da mulher branca, ela representa a Mulher (a propriedade privada do homem), e a mulher negra representa a “Prostituta” (a propriedade pública do homem), que papel o homem negro representa? O de Cafetão. O homem negro é um mero joguete na sexualidade da mulher branca. Pois, como vimos, o homem negro não é um homem completo, tampouco um homossexual (que desistiu completamente da luta pela identidade masculina), mas um homem *rebaixado*. (O fato de cafetão significar um “homem rebaixado” é confirmado pelo fato de que, no código masculino, chamar alguém de cafetão equivale a propor um duelo. Mostrei como os termos degradantes de animais, usados tanto para o homem quanto para a mulher, só ocorrem regularmente na gíria dos guetos — garanhão, vaca, gavião, galinha, égua, etc.) A masculinidade do homem negro é tão mais frágil que a do Homem, que ela só pode se afirmar em termos de seu poder e controle — isto é, maus-tratos — sobre as mulheres, que são ainda menos poderosas do que ele. Pelo fato de as mulheres serem sua arma mais importante na guerra contra o homem branco pela masculinidade, sua relação com elas se corrompe — é, não como a relação do homem com a mulher, do marido com a esposa, mas como a do cafetão com a prostituta. A proteção que ele dá à mulher negra é falsa. Embora, algumas vezes ele possa até protegê-la dos males do mercado, ele o faz visando aos próprios interesses. Mas, mesmo quando o homem negro mais aparenta ser o explorador original dela, é, na realidade, apenas o agente indireto dessa exploração. Pois, embora possa manobrar as éguas de seu “estábulo” umas contra as outras, embora possa tirar o dinheiro delas (fruto suado de sua exploração direta pelo homem branco) e gastá-lo no jogo, embora possa bater nelas e xingá-las, isso nunca o qualificará como um homem verdadeiro. O homem *verdadeiro*, am-

bos sabem disso, é O Homem. Só ele pode conferir legitimidade a ambos, ao homem e à mulher negra. E, além disso, tal como no triângulo Esposa-Prostituta, ele mantém o Cafetão e a Prostituta numa balança, lutando contra cada um deles, *através do outro*. A maioria das tensões destes triângulos sobrepostos aparece na pequena citação de uma mulher negra dirigida ao seu homem, que se segue:

“Naturalmente você dirá ‘Como eu posso te amar e querer estar com você, se quando eu chego em casa você parece uma palerma? Pois saiba que as mulheres brancas nunca abrem a porta para seus maridos do jeito que vocês, putas negras, abrem’.”

‘E eu não poderia adivinhar, não, seu ignorante? Por que elas estariam nesse estado, se têm empregadas como eu, que fazem tudo por elas? As crianças não berram no ouvido dela, ela não fica de pé ao lado do fogão quente; tudo é feito para ela, e seu homem, amando-a ou não, sempre a sustenta... sustenta... você ouviu isso, seu negro? SUSTENTA!’

Gail A. Stoke, em “Black Woman to Black Man”  
*Liberator*, December, 1968.

Mas, não é só a relação do homem negro com a mulher negra que é corrompida por sua preocupação com o homem branco. Pois, embora a mulher negra possa dar até a sua última moeda para o homem negro tomar um drinque, *seu* envolvimento real também é com o homem branco. Adiante, a fala do Infiel, tirada da “Alegoria dos Eunucos Negros”, de Cleaver:

“Desde então, eu sempre acreditei que, para uma mulher negra, casar-se com um homem branco era como pregar a última estrela na sua coroa. É o máximo de realização aos seus olhos, e aos olhos de suas irmãs. Vejam quantas celebridades de famílias negras se casam com homens brancos. Todas as mulheres negras que não são celebridades desejam sê-lo, só para também poderem se casar com homens brancos. A brancura é o seu sonho dourado. Quando elas beijam você, não é você que elas estão realmente beijando. Elas fecham os olhos e imaginam seu príncipe encantado cor de neve. Ouçam os boatos... Jesus Cristo imaculado é o noivo psíquico

da mulher negra. Você saberá, antes de morrer, que, durante a cópula e no momento do orgasmo, a mulher negra [americana], nas primeiras pontadas de seu espasmo, grita o nome de Jesus. ‘Oh, Jesus, estou gozando!’; ela grita para ele. E isto o ofenderá. Será como uma faca em seu coração. Seria o mesmo se sua mulher, durante o orgasmo, gritasse o nome de um cara imundo que morasse nas vizinhanças.”

Assim, a mulher negra tem tanto desrespeito pelo homem negro quanto por ela — um homem *de verdade* poderia elevá-la pelo casamento, graças a sua classe superior. Ela não pode respeitar o homem negro, porque sabe que ele não tem poder. O homem branco, pelo menos, “sustenta” sua mulher, e não bate nela. O homem branco é civilizado, bom e cortês o tempo todo. Ela não compreende que para ele é interessante ser assim. Desse modo, nem o Cafetão, nem a Prostituta suspeitarão que seu Cortês Homem Branco é o responsável pela destruição de ambos.

Assim, a Família Americana é sustentada pela existência da Casa de Prostituição do gueto negro. O estupro da comunidade negra na América torna possível a existência da estrutura familiar da comunidade branca em geral, do mesmo modo como a prostituição sexual mantém a respeitável família da classe média. A comunidade negra é o grupo marginal que supre as necessidades sexuais da família branca, mantendo seu funcionamento. E é *por isso* que não existe solidez familiar no gueto.

O modo como esse sistema sexual/racial é recriado tão frequentemente em miniatura na vida privada revela a profundidade do problema. O lar branco individual é sustentado pela eterna exploração, tanto doméstica quanto sexual da mulher negra. O jovem médio do gueto atua como cafetão, ou então se prostitui como de rotina, sendo seu valor como “homem” avaliado pelo modo como ele é capaz de comandar suas putas — e por quantas ele pode comandar ao mesmo tempo. Ele se torna um mestre da lábia, do papo de segundas intenções. Se é capaz de “amarrar” uma “gatinha” branca, esse é um ponto a mais no seu crédito — pois é um golpe direto no homem branco (Pai). Isso explica a frequente união da prostituta

branca com o cafetão negro: a mulher branca (mãe) é rebaixada a prostituta junto com a mulher negra, uma bofetada direta no homem branco. Ela é a mais preciosa propriedade do Pai, agora revendida a ele como mercadoria danificada. Quanto à própria prostituta branca — nos poucos casos em que isso foi uma opção — ela exprimiu o máximo de masoquismo. Ela se torna totalmente a presa do homem branco, beijando seus pés, submetendo-se à extrema humilhação: um cafetão negro.

## 2. “Masculinidade Negra”

Qual a atitude da comunidade negra militante diante dessa degradação psicossocial que é o racismo? Afirmo que o homem negro tem três alternativas para reagir ao poder do homem branco sobre ele.

1) pode submeter-se às condições estabelecidas pelo homem branco (na melhor das hipóteses, torna-se uma celebridade negra — comediante, atleta, ou músico — ou um membro da burguesia negra).

2) pode recusar totalmente a identificação, com todas as conseqüências de ser definido como menos que “um homem” (o rapaz arruinado do gueto que eu descrevi).

3) pode tentar revoltar-se contra o Pai, e destroná-lo, o que *pode* incluir roubar essa posição de poder para si mesmo (organização política pela revolução, sobretudo a militância recente).

O movimento negro escolheu a terceira alternativa, longe de ser a mais saudável. Mas, como pretende pôr isto em prática? Um dos meios é unir-se às forças brancas que estão tentando a mesma coisa.<sup>4</sup> A família mais uma vez: o homem branco da esquerda é o Filho Legítimo

4. Aqui e em todo o capítulo, eu estou assumindo a posição do Partido Black Panther como representante do Black Power, embora eu esteja muito ciente de que o BPP enfrenta controvérsias violentas com outros grupos do Black Power sobre muitas coisas.

fraco. O homem negro é o Filho Bastardo valentão, o filho ilegítimo, querendo uma oportunidade para ter esse poder. Os Meio-Irmãos fizeram um acordo: o Irmão deserdado oferece a sua experiência de rua e a força do seu descontentamento para ajudar ao Filho Legítimo mimado e neurótico, em troca de tática, retórica, e sobretudo por uma promessa de uma parte dos direitos hereditários desse filho, quando ele alcançar o trono. Aquilo de que os dois irmãos realmente falam não é de justiça nem de igualdade, mas de poder (masculino).

E quem é a Irmãzinha? Foi permitido às mulheres brancas da Esquerda seguir de perto, ocasionalmente, os homens, se elas fizessem o trabalho sujo. Mas, na maioria das vezes, elas são rebaixadas e excluídas (“pragas”, com suas constantes exigências de inclusão, tendo acesso de raiva diante de qualquer pequena observação “chauvinista masculina”). A Irmã engana a si mesma, identificando-se tão intensamente com o Grande Irmão, que às vezes acredita ser exatamente como ele. Ela percebe que é cada vez mais difícil identificar-se com aquela massa indistinta de mulheres comuns (Mãe), que ela precisa destruir em si mesma, para ganhar a aprovação do Grande Irmão. Ele a encoraja a fazê-lo. Sabe que as ilusões do poder futuro dela a tornarão, afinal, mais dócil. Ela pode ser útil, sobretudo para subornar o Pai.

Além disso, os Irmãos fizeram um pacto de sangue: você me dá suas gatinhas (o Irmão Bastardo satisfaz suas fantasias pela Irmãzinha, enquanto que o homem branco finge não notar), e eu te dou as minhas (o homem branco consegue sua primeira foda verdadeira, enquanto que o Irmão Bastardo contém o riso).

E a irmã negra? Ao procurar conseguir a “legitimidade” dessa vez, os militantes negros masculinos estão reorganizando sua sexualidade, de modo a ficar de acordo com o modelo existente. São feitas anualmente tentativas para instituir a família na comunidade negra, para transformar a comunidade negra de Casa de Prostituição da família branca em Família Negra. A mulher negra está sendo convertida de seu papel anterior de Prostituta em Adorada-Rainha-Negra-Mãe-de-Meus-Filhos. Assim, o Fi-

lho Bastardo assumiu o papel de Pai dentro de sua própria comunidade, na expectativa de seu poder futuro. Eis um poster muito circulado, afixado numa vitrine da East Village:

### OURO NEGRO

[um perfil marcante, em tamanho grande, de uma mulher negra com cabelo *black power*]

EU SOU A MULHER NEGRA, MÃE DA CIVILIZAÇÃO,  
RAINHA DO UNIVERSO. ATRAVÉS DE MIM O HOMEM  
NEGRO CONSTRÓI

### SUA NAÇÃO

“Se ele não proteger sua mulher, ele não construirá uma boa nação. É meu dever ensinar e treinar os jovens, que são o futuro da nação.

Eu ensino a meus filhos, quando eles são bem pequenos, a língua, a história e a cultura.

Eu os ensino a amar e respeitar o pai deles, que trabalha arduamente para que possam ter comida, roupas e casa adequada.

Eu cuido de nossa casa, e torno-a confortável para meu marido.

Eu reflito o amor que ele tem pelas crianças, assim como a Lua reflete a luz do Sol para a Terra.

Eu sento para conversar com meu marido, para resolver os problemas diários e as necessidades de funcionamento de um lar estável e tranqüilo.

O melhor que eu posso dar a minha nação são crianças fortes, sadias e inteligentes, que se tornarão os líderes de amanhã.

Eu estou sempre ciente de que o verdadeiro valor de uma nação se exprime através do respeito e da proteção da mulher, portanto eu me conduzo o tempo todo de maneira civilizada, e ensino meus filhos a fazerem o mesmo.

Eu sou a Mulher Negra.”

Mas, essa transformação, quando ela ocorre, baseia-se na fantasia, pois enquanto o homem branco estiver no poder, ele terá o privilégio de definir a comunidade negra

como quiser — os negros são dependentes dele para sua sobrevivência — e as conseqüências psicosssexuais dessa definição inferior continuarão a operar. Assim, o conceito de Família Negra Digna raramente penetra nos círculos da Burguesia Macaqueadora, ou entre os Verdadeiros Adeptos Revolucionários. Na verdade, seria preciso que acreditássemos fanaticamente na Revolução, para rechaçarmos as tendências de mentalidade do atual sistema sexual/racial. Só poderíamos adotar essa estrutura remota, a partir da antecipação visionária segura de um mundo diferente. O fato de que o espírito da juventude do gueto não está ansioso em pôr em prática esta estrutura familiar é compreensível. Diariamente, eles estão à mercê das necessidades sexuais reais da Família Branca; não podem permitir-se deixar de dançar conforme a música dessa realidade terrível, ou esquecer por um momento que mantêm o poder. Nesse aspecto, os revolucionários negros são tão perigosos quanto uma pequena banda de Nat Turners, tentando instituir o casamento nos bairros escravos, em antecipação à rebelião vindora. E todas as advertências em contrário, mesmo as revolucionárias, encontram dificuldade em libertar-se dessa psicologia sexual/racial, revelando-se elas próprias ainda irresistivelmente atraídas pelas “diabas louras”. Pois ela está arraigada muito nas suas psiques, sustentada pelo dia-a-dia das realidades do poder. O próprio Cleaver se debate num conflito:

“Um dia, vi numa revista a fotografia da mulher branca, que tinha flertado [e assim causado a morte dele] com Emmett Till. Enquanto olhava a foto, senti uma ligeira pressão no meio do peito, que em geral experimento quando uma mulher me atrai. Olhei muitas vezes para a fotografia, e, apesar de tudo que ela representava, ela ainda me atraía. Enfureci-me comigo mesmo, com a América, com as mulheres brancas, com a história que tinha gerado essas pressões de sensualidade e desejo em meu peito. Dois dias depois tive um ‘esgotamento nervoso’.”

A maior virtude de Cleaver como escritor é sua honestidade. Em *Soul on Ice* conhecemos a psicologia do

homem negro, particularmente o desgastante amor/ódio pelo "Ogro" (mulher branca). De fato, o relato de Cleaver contém a maioria das ambivalências que descrevemos. Por ele nos vem alguma idéia do que era sua atitude anterior com relação às mulheres (negras), antes de apaixonar-se por uma mulher (branca):

"Sempre respeitei você em segredo. Eu tinha um mau hábito, ao falar sobre as mulheres, em presença dos homens, de referir-me a elas como a putas. Essa puta aqui, aquela puta lá, você sabe. Um minuto antes, eu falava de você para um casal de assassinos e eu disse "essa puta . . ." E me senti muito envergonhado por isso. Julguei a mim mesmo e sofri espiritualmente depois durante dias. Isso pode parecer insignificante, mas eu atribuo muita importância ao fato, por causa da série de pensamentos que morreram com isso. Eu gosto de você, estou envolvido com você, o que é muito novo e representa uma mudança brusca para Eldridge X."

*Prelúdio ao Amor — Três Cartas*

Em geral, nessas cartas, originalmente escritas para uma advogada em São Francisco, Beverly Axelrod, Cleaver tenta livrar-se das "conversas moles", do engenhoso olhar convidativo que constituem a marca registrada do homem negro. Nem sempre ele é bem sucedido. Percebemos que ele tem que lutar contra si mesmo; contém-se a tempo (quase inteligentemente demais), admitindo o que ele está fazendo:

"AGORA, VIRE O DISCO E TOQUE O OUTRO LADO  
Eu tentei seduzir você. Eu não sou de modo algum humilde."

Mas, quando Beverly expressa cinismo pelo amor dele, ele a convence primorosamente de que ela deve "desabafar-se" com ele, acreditar nele.

Beverly estava certa. Seu cinismo feminino, como de costume, era mais do que justificável — ela não era cínica *o bastante*. (Cleaver, para citar um exemplo, casou-

se com uma mulata, Kathleen, deixando Beverly desamparada. As últimas fotos incluem um filho pequeno.) Suas cartas para Beverly, quase tão personalizadas e honestas quanto provavelmente ele nunca escreveu para uma mulher, são seguidas de uma carta floreada (testemunho? doutrina?) Para Todas as Mulheres Negras De Todos os Homens Negros. Sua imagética genital inclui preciosidades como:

"Após o inferno nu de minha masculinidade negada, de quatrocentos anos [!], sem meu saco, hoje nos defrontamos um com o outro, minha rainha."

Lembra-a que:

"Rios de sangue escorrem hoje por entre minhas pernas..."

E finalmente, triunfante:

"Eu entrei na caverna e arranquei meu saco dos dentes de um leão que rugia..."

Suas encantações de páginas inteiras, dirigidas ao Berço Negro da África, são, é o mínimo que se pode dizer, o melhor meio de adular uma mulher.

Pois, apesar de sua saudação, à Feminilidade Negra ("Rainha-Mãe-Filha da África, Irmã da Minha Alma, Noiva Negra da Minha Paixão, Meu Eterno Amor"), Cleaver, nessa suposta carta de amor, está fixado em si mesmo e na sua "masculinidade". Não existe uma concepção da mulher negra como um ser humano com seus próprios direitos. Ela é meramente um suporte de sua própria imagem (masculina). O mesmo velho truque na aparência revolucionária: o homem definindo negativamente a si mesmo, como um homem-forte distinto da mulher-fracas, em função do controle dele sobre ela — como o café, que rejeita a mulher que existe dentro dele, obtendo uma falsa impressão de masculinidade (poder) através da dominação de todas as mulheres da sua vizinhança. A natureza sexual das angústias raciais de Cleaver é revelada em seu ataque a Baldwin, que não é nada

HOMENS EM GERAL  
SE REFEREM ÀS  
MULHERES ASSIM

mais do que o ataque vicioso do Cafetão Negro à Rainha Negra. A Rainha preferiu renunciar totalmente à identificação (poder) masculina, em vez de aceitar a definição sexual degradante legada pelo homem branco, com isso ameaçando o Cafetão, que luta por uma batalha perdida. E, como se esse ataque não fosse suficiente, Cleaver revela sua insegurança sexual na sua imagem de Super-garanhão, o Norman Mailer negro. Alguns lançam pragas, a julgar pela histeria de seu protesto masculino.

A transformação da mulher negra na mulher passiva tradicional cria um útil pano-de-fundo negativo, contra o qual a própria definição que o homem negro dá de si mesmo como masculino (agressivo) pode se lançar. E na sua condição de trampolim ou de saco-de-pancada, a mulher negra é valiosa e deve ser "humildemente" cortejada. Sua cooperação é importante, pois o homem negro só pode ser o "homem" se alguém for a "mulher".

As mulheres negras, tão afeitas a lábias, parecem ter caído nesse "papo". Eis uma repreensão escrita por outra mulher negra, em resposta à acusação dirigida aos homens negros por Gail A. Stokes, que eu citei anteriormente. Ela é célebre por seu antifeminismo feminino:

"Certamente [os homens negros] erram, mas nós também não erramos? Isso é normal nalgum que está tentando alguma coisa nova, i.e., a liderança... Portanto, como você, Gail Stokes, pode ter a audácia de alfinetar o orgulho do homem negro? Como pode você atrever-se a tentar arruinar a sua sorte? Alguma vez já lhe ocorreu que é você, na verdade, que está errada? Olhe bem para você, irmã; uma mulher reflete o homem que ela tem."

Ela apela para o homem negro:

"Homens negros: Eu também ouvi seu brado, vibrando de dentro de seu orgulho recém-descoberto e do traje africano. E a esse brado eu respondo: Conserve seu lugar legítimo à minha frente, meu amor... Sim, meu amor negro, você é um homem de verdade, um homem raro. E em todas as suas lutas eu quero que você saiba que eu luto apenas a alguns

passos atrás de você, porque esse é o meu lugar na sua vida... Você é tudo porque eu estou aqui."

Ela então aplaca o ego alfinetado dele, assegurando-lhe sua imorredoura lealdade às suas "bolas":

"Tendo seu saco arrancado de você, e ainda tentando ser um homem! Ah, esses momentos angustiados da puberdade... esses sofrimentos crescentes... *Diga-me quantos homens foram castrados só para desafiar essa castração e deixar nascer novos sacos!*... Você precisa ser apoiado e amado e comunicado de quão maravilhoso você é realmente."

Edith R. Hambrick, "Black Woman to Black woman",  
*Liberator*, Dezembro, 1968.

(Itálicos dela. E observe-se a capitalização do título: uma advertência à irmã para começar a "entrar na linha"?)

Mas, quando ela própria "entrar na linha", sua recompensa não será um tipo de amor personalizado (como nas cartas a Beverly Axelrod), e sim um amor impessoal, dirigido, através dela, a todo o Sexo Feminino Negro. Eis Bobby Seale na sua conhecidíssima *Carta a Minha Esposa* (como a dedicatória do poeta principiante no presente de Natal dado a sua namorada, aparecendo inevitavelmente na publicação de verão do jornal de poesia da Universidade):

"Artie, querida..."

Se eu não lhe amar agora porque eu vi outro dia alguma coisa no seu rosto que dizia que você era uma revolucionária, então algo está errado... O que Malik [o filho deles de três anos] está fazendo? Ensine-o como ajudar as pessoas com seus exemplos, Artie... Artie, espero que você não esteja sendo egoísta, conservando essa carta com você. Oh, eu sei que você a está lendo para os outros membros do partido..."

Por que motivo as mulheres negras, tão espertas em relação aos seus homens em geral, fixam-se nesse gênero de amor protetor, impessoal e insípido? Por causa do

Triângulo. Como vimos, a mulher negra representou durante séculos a Prostituta, usada e abusada pelos homens brancos (seus "trunfos") e pelos homens negros (seus "cafetões"). Todo esse tempo, ela olhou com inveja para a legitimidade e a segurança da mulher branca. Agora, tendo-lhe sido oferecida essa legitimidade, sob qualquer pretexto, ela é tentada a ter pretensões para a mesma, desconhecendo as aversões reservadas. A Esposa é a única que pode lhe revelar isto, mas elas não se dão. Pois, como vimos, cada uma aprendeu a projetar suas frustrações na outra. Seu longo antagonismo torna difícil para as duas trocar as lições valiosas (e dolorosas) que elas aprenderam a respeito do Homem. Se elas conseguissem se dar, poderiam cedo descobrir que nem a Esposa, nem a Prostituta gozam de liberdade, porque nenhum desses papéis é autodeterminado. Elas poderiam ficar alertas às admoestações de Eldridge Cleaver, visto que ele antecipa seu futuro poder masculino, num desses raros momentos de honestidade com as mulheres:

"AGORA, VIRE O DISCO E TOQUE O OUTRO LADO:

Eu tentei seduzir você. Eu não sou de modo algum humilde. Eu não tenho humildade e não temo você de modo algum. Se eu finjo ser tímido, se eu pareço hesitar, é apenas uma farsa para enganar. Representando o papel de humilde, eu tapeio meus companheiros e os seduzo, ganhando a sua confiança. E então, se isso me é vantajoso, finco o pé nisso, sem compaixão. Eu menti, quando disse que não tinha opinião sobre mim mesmo. Eu estou muito ciente de meu estilo. Minha vaidade é tão grande, quanto o alcance de um sonho, meu coração é o de um tirano, meu braço é o braço de um verdugo. A única coisa que eu temo é o fracasso das minhas tramas."